UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA

THIAGO CHAVES ALEXANDRE

Os evidenciais do Karitiana

São Paulo
2017

Versão
Corrigida

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA

Os evidenciais do Karitiana

Thiago Chaves Alexandre

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Ana Lúcia de Paula Müller

São Paulo
2017

Versão
Corrigida

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

CC512e Chaves Alexandre, Thiago
e Os evidenciais do Karitiana / Thiago Chaves
Alexandre ; orientadora Ana Lúcia de Paula Müller. -
São Paulo, 2017.
149 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Linguística. Área de
concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Evidenciais. 2. Modalidade Epistêmica. 3.
Semântica. I. Müller, Ana Lúcia de Paula, orient. II.
Título.

RESUMO

CHAVES-ALEXANDRE. T. **Os evidenciais do Karitiana**. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Nesse trabalho estudamos o sistema evidencial da língua Karitiana, subfamília Arikém, família Tupi. Essa língua é falada em Rondônia pela etnia de mesmo nome. O sistema evidencial do karitiana contava, segundo a literatura com dois evidenciais e uma construção evidencial. Nesse trabalho, analisamos esses dados, testamos novas possibilidades de coocorrência entre os evidenciais e morfemas de modo e negação. Verificamos também a possibilidade de encaixamento de evidenciais em orações subordinadas. Como resultados desse estudo, mostramos ser possível utilizar o evidencial reportado em conjunto com todos os modos da língua e com a negação, podendo assim, utilizar a dupla negação em uma sentença. Ainda como resultado, observamos o fenômeno de imperative by proxy, fenômeno nunca encontrado em outras línguas da família tupi. As conclusões a que chegamos ao observar os dados são as de que, no momento, a língua parece ter somente um evidencial gramatical de acordo com o pano de fundo teórico adotado. O outro morfema tratado como evidencial na literatura, para nós, tem como principal sentido a marcação de tempo. Por isso, não deve ser considerado um evidencial, tampouco a construção evidencial, pois um evidencial em nosso panorama, é somente o morfema que possui a evidencialidade como seu sentido principal.

Palavras-chave: Semântica, Modalidade epistêmica, Evidenciais.

ABSTRACT

CHAVES-ALEXANDRE. T. **Evidentials in Karitiana**. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

In this work we study the evidential system of Karitiana language, Arikém subfamily, Tupi family. In this language the literature says that we have two evidentials and one evidential construction. We argue that this language has only one evidential according to the theoretical background adopted and we show data to corroborate that.

We tested evidentials of Karitiana with all morphemes of mood, with negation, with the two tenses of the language (future and non-future), aspect and in subordinates.

Our results show the possibility of cooccurrence of evidentials and morphemes of mood and negation and show that reported evidential can be used in negative concord and can be used with the imperative mood morpheme to express imperative by proxy, something never attested in Tupi family yet.

Keywords: evidentials, epistemic modality, semantics

Agradecimentos

A primeira pessoa que devo agradecer nessa página é a minha orientadora, professora Ana Müller. Ela, com sua enorme paciência, soube me guiar pela jornada da pós-graduação fazendo com que a minha experiência me formasse uma pessoa melhor em todos os quesitos, tanto acadêmicos quanto pessoais. Em seguida, devo agradecer a minha família e a minha namorada pelo apoio incondicional que eu obtive durante esse percurso da minha vida. Por fim, agradeço a todos meus amigos, tanto da faculdade quanto os que fiz durante esse percurso, pois as amizades que me fizeram continuar sempre em frente e não esmorecer.

Devo lembrar também do apoio incondicional que recebi dos professores e funcionários do departamento de linguística. Sempre me senti muito bem acolhido e como parte dessa família que é o departamento de linguística da Universidade de São Paulo.

Todos os meus agradecimentos a vocês todos, partes da minha vida.

SUMÁRIO

	Lista de abreviaturas	3
1	Introdução e princípio de análise	5
1.1	Introdução	6
1.2	Os dados do karitiana	8
1.3	Metodologia – Elicitação Controlada	11
1.4	Os Karitiana e sua língua	16
1.5	A evidencialidade e os evidenciais	17
1.6	Classificação e tipologia dos evidenciais	31
1.6.1	Os primeiros estudos	31
1.6.1.1	Willett (1988)	33
1.6.1.2	Aikhenvald (2004)	34
1.7	Uma primeira análise	37
2	Saryt	40
2.1	Introdução	41
2.2	Saryt e negação	46
2.3	Saryt e modos	53
2.3.1	Modo declarativo e saryt	53
2.3.2	Modo assertivo e saryt	57
2.3.3	Modo deôntico e saryt	61
2.3.4	Modo condicional e saryt	62
2.3.5	Modo citativo e saryt	67
2.3.6	Modo imperativo e saryt	70
2.4	Saryt e alguns morfemas de aspecto	77
2.5	Saryt em orações interrogativas	81
2.6	Saryt em orações subordinadas	85
2.7	Saryt, Evidential Shifting e outros parâmetros de análise	93
2.8	Conclusão de capítulo	102
3	Ta'ã	105

3.1	Introdução	106
3.2	Ta'ã	108
3.3	Ta'ã e negação	116
3.4	Ta'ã e modo	118
3.4.1	Modo declarativo e ta'ã	118
3.4.2	Modo assertivo e ta'ã	119
3.4.3	Modo deôntico e ta'ã	120
3.4.4	Modo condicional e ta'ã	121
3.4.5	Modo citativo e ta'ã	122
3.5	Ta'ã, um evidencial?	125
3.6	Conclusão do capítulo	133
4	Dados para futuras pesquisas e conclusões	134
4.1	Novas possibilidades de análise	135
4.2	Conclusão	138
	ANEXO A – Narrativa Botyyĩ, Ora e Tomboto	140
	Referências Bibliográficas	145

Lista de abreviaturas	
1nom.	Primeira Pessoa Nominativa
1p.	Primeira Pessoa do Plural
1p. excl.	Primeira pessoa do plural exclusivo
1s.	Primeira Pessoa do Singular
2s.	Segunda Pessoa do Singular
3	Terceira Pessoa
3abs.	Terceira Pessoa Absolutiva
3anaf.	Terceira Pessoa Anafórica
3erg.	Terceira Pessoa Ergativa
3sg.	Terceira Pessoa do Singular
Abs.	Absolutivo
Abs.cop.agr.	Concordância de Cópula Absolutiva
Acc.	Acusativo
Adjz.	Adjetivizador
Adv.	Adverbializador
Anaf.	Anafórico
Assert.	Modo Assertivo
Caus.	Causativo
CFO	Construção Foco do Objeto
Circ.	Circunstancial
Cit.	Modo Citativo
Com./Inst.	Comitativo/ Instrumento
Cond.	Modo Condicional
Conj.m.	Conjunção
Cop.	Cópula
Decl.	Modo Declarativo
Def.	Definido
Deic.	Dêitico
Dem.	Demonstrativo
Deon.	Modo Deontico
Det.	Determinante
Diff.	Difuso
Dir.	Diretivo
Dubit.	Dubitativo
Encl.	Enclítico
Ev.au.	Evidencial Auditivo
Ev.dir.	Evidencial Direto
Ev.dir.pass.	Evidencial Direto Passado
Ev.ind.	Evidencial Indireto
Ev.n.vis.	Evidencial Não-Visual
Ev.npm.cop.	Evidencial Não-Primeira-Mão Cópula
Ev.npm.pass.	Evidencial Não-Primeira-Mão Passado
Ev.Rep.	Evidencial Reportado
Ev.vis.	Evidencial Visual
Fut.	Futuro
Habit.	Habitual

Imp.	Modo Imperativo
Impfvo.	Imperfectivo
Inceptivo	Inceptivo
Interj.	Interjeição
Irr.	Irrealis
Iter.	Iterativo
Lim.	Limitativo
Loc.	locativo
N.Vis.	Não-visual
Neg.	Negação
Neg.imp.	Modo Imperativo Negativo
Nfut.	Não-Futuro
Nom.	Nominativo
Nomz.	Nominalizador
Obl.	Oblíquo
Part.	Particípio
Pass.	Passivo
Perf.	Perfeito
Perfectivo	Perfectivo
Poss.	Possessivo
Pres.	Presente
Quot.	Citativo
Ref.	Referencial
Referencial	Referencial
Rem.p.vis.	Evidencial Visual de Passado Remoto
Report.	Reportado
Sec.imp.	Imperativo de Segunda-mão
Sg.	Singular
Sub.	Subordinado
V.	Vogal epentética
Vis.	Visual

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO E PRINCÍPIO DE ANÁLISE

1.1 Apresentação

Esse é um trabalho que vai analisar o sistema evidencial da língua Karitiana. Nesse trabalho, iremos nos apoiar no que a literatura da área já conhece como ponto de partida para testar novos dados. Acreditamos que para fazer uma análise mais aprofundada de um fenômeno, é necessário que saibamos como esse fenômeno se apresenta na língua em primeiro lugar. E é esse o objetivo desse trabalho, limpar a área e tentar explicar como o sistema evidencial está funcionando na língua através da análise de dados reais. Para isso, iremos começar explicando o fenômeno, mostrando um pouco da literatura sobre o assunto para depois entrar nos dados e tirar nossas próprias conclusões.

Antes de qualquer coisa, devemos mostrar a nossa metodologia e como esse trabalho está esquematizado, para que o leitor se habitue a essa forma e tenha um melhor entendimento.

Esse trabalho conta, em grande parte, com dados de várias línguas para exemplificar e comprovar os fenômenos linguísticos e dados que são ditos e isso é feito através da seguinte apresentação:

Número do exemplo	Transcrição ortográfica
	Segmentação morfológica
	Glosa morfema a morfema
	Tradução [valor evidencial] ¹ Contexto: ²

Dentro dos quadros onde irão ser postos os exemplos haverá também, quando necessário, na linha de tradução, o valor do evidencial que está sendo utilizado na língua em questão. Optei por colocar o valor evidencial dessa forma para evitar construir orações subordinadas do tipo: ‘Dizem que...’, ‘Disseram que...’, etc. Lembramos que isso é necessário porque a língua portuguesa não tem evidenciais gramaticalizados e expressa a evidencialidade através de estratégias como a predicação da sentença a um verbo que expresse o sentido

¹ O dado entre colchetes só aparecerá quando necessário.

² O contexto será dado somente nos dados coletados por mim e quando for necessário.

utilizado para a obtenção da informação. Os falantes nativos, ao nos passarem os dados com evidenciais reportados, geralmente utilizam essa estratégia e em sentenças que escrevemos como ‘João fez a canoa [disseram].’, eles nos falaram como ‘Diz que João fez a canoa.’.

Os dados com o que é conhecido na literatura como evidencial direto visual, nunca são dados pelos falantes nativos com marcações do tipo ‘Eu vi que...’ quando traduzidos em português, mas frequentemente há após a tradução a expressão ‘tempo’, o que cremos expressar melhor a contribuição deles para a sentença. Entraremos nessa discussão mais a frente, mas o importante no momento é que as sentenças que apresentarem *ta’ã* estarão sempre no passado e contarão com o valor evidencial quando houver contextos em que nossos testes não tiveram capacidade de separar uma possível leitura evidencial da leitura temporal. Em dados onde não houver nenhum uso evidencial desse morfema, não utilizaremos os parênteses.

Abaixo da linha com a tradução, haverá também os contextos trabalhados com os informantes, no caso dos evidenciais, isso se torna importante para que saibamos em qual contexto a sentença dada é bem-sucedida (feliz) na opinião dos falantes. Algumas sentenças contêm como contexto a palavra ‘narrativa’ e isso se dá em casos de sentenças retiradas das diversas narrativas às quais tivemos acesso ou em contextos em que simulamos estar contando uma narrativa para outras pessoas, por exemplo, Storto (2002) diz que o modo citativo só ocorre em narrativas, então, durante as eliciações de dados, demos como contexto que estávamos contando uma narrativa e nessa narrativa, testávamos se era possível o uso da sentença mostrada no exemplo.

Os dados de outros pesquisadores foram colocados nesse trabalho da forma mais fiel possível ao que foi publicado. Quando tivemos certeza de que a glosa utilizada por eles tratava de uma mesma categoria já tratada por nós e que já tinha a nossa abreviatura, optamos por manter a nossa para evitar que uma mesma categoria linguística entrasse em nossa lista de abreviatura com diversas abreviações diferentes. Em casos onde houve dúvida, o original foi mantido. Isso se dá porque ao observar exemplos de línguas muito diferentes e que não conhecemos, algumas vezes é melhor manter os dados mais neutros possível para evitar que enviesemos os dados de outros autores para corroborar nossa análise.

1.2 Os dados do Karitiana

Os dados apresentados nesse trabalho são em sua grande maioria coletados pelo autor em entrevistas com falantes nativos da língua. Os dados utilizados para exemplificar fenômenos já constatados na literatura foram retirados dos textos nos quais esses fenômenos são relatados e devidamente citados no decorrer do texto. As entrevistas com os falantes nativos ocorreram durante o período do mestrado em uma frequência de uma vez por ano. Como há um grande número de pesquisadores que trabalham com a língua, há a possibilidade de conseguir verba de projeto para trazer os falantes para São Paulo e trabalhar com eles na universidade e foi assim que fizemos em 2014 e 2015. Em 2016, foi necessária uma coleta de dados em campo, então o autor foi até Porto Velho, Rondônia, para conversar com os falantes nativos. Segue abaixo uma lista com o mês e o nome dos informantes com quem trabalhamos:

Data	Informante	Ocupação	Local
Novembro/2014	Cizino Moraes Dantas Karitiana	Pajé/ Cacique	São Paulo – USP
	Inácio Karitiana	Professor de educação indígena	
Dezembro/2015	Luiz Carlos Karitiana	Professor de educação indígena	São Paulo – USP
	Vivaldo da Silva Karitiana	Estudante do magistério em educação indígena	
Março/2016 (Trabalho de campo)	Maria de Fátima Karitiana	Dona de casa	Associação do povo Karitiana (<i>Akot Pytim'adnipa</i>)
	Alberto Carlos Karitiana	Estudante	
	Edilene Moraes Karitiana	Dona de casa	
	Vivaldo da Silva Karitiana	Estudante do magistério em educação indígena	
	Marilene Karitiana	Auxiliar de enfermagem	

	Nicole Karitiana	Estudante	
	Elivar Karitiana	Vigia	
	Cizino Morais Dantas Karitiana	Pajé/ Cacique	
	Fernando Karitiana	Curso com o SIL ³ na Chapada dos Guimarães	
	Cecília Karitiana	Dona de casa	

Além dos dados coletados durante o período do mestrado, ainda contei com alguns exemplos e dados coletados antes do início do mestrado, em outras duas visitas dos índios Karitiana à SP. Os informantes que também contribuíram com o trabalho foram:

2012	Orlando Garcia Karitiana	Chefe da Associação do povo Karitiana (atualmente)	São Paulo – USP
	Elivar Karitiana	Vigia (atualmente)	
2013	Arnaldo Karitiana	Estudante	São Paulo – USP
	Cizino Morais Dantas Karitiana	Pajé/ Cacique	
	Inácio Karitiana	Professor de educação indígena	

Em São Paulo, as entrevistas foram feitas na Universidade de São Paulo. As sessões tinham uma duração de aproximadamente duas horas e o método utilizado foi o da elicitación controlada. Alguns informantes acabaram por contribuir mais de uma vez durante suas vindas à SP, então, a partir de 2014, temos certeza de que houve ao menos quatro horas com cada informante em suas vindas à SP. Os nomes dos informantes foram repetidos na tabela caso eles tenham contribuído em anos diferentes.

Durante o trabalho de campo, a dinâmica se manteve a mesma, então continuamos com as elicitaciones controladas, mas dessa vez, em sessões que duravam entre três a quatro horas. No

³ SIL: Summer Institute of Linguistics

campo, houve também alguns informantes que fizeram mais de uma sessão, mas não tiveram seus nomes repetidos na tabela. No total, foram dezoito sessões de aproximadamente três a quatro horas durante o campo. Em algumas dessas sessões, além das entrevistas e da elicitación controlada, havia algum tempo reservado para a coleta, gravação e tradução de narrativas do povo Karitiana, esse material será disponibilizado na forma de uma narrativa que está traduzida e virá no anexo ao final da dissertação. O trabalho de coleta, escrita e tradução é de fundamental importância, pois, além de ajudar o povo Karitiana a preservar suas narrativas, ainda serve como levantamento de corpus para trabalho de outros pesquisadores por se tratar de um registro vivo da língua Karitiana em uso.

A narrativa que está em anexo passou por três etapas, elaboradas em momentos distintos do percurso do pesquisador. Ela foi coletada em 2014 através da gravação do pajé Cizino que a narrou inteiramente na língua Karitiana. Em 2015, Luiz Carlos Karitiana e Vivaldo da Silva Karitiana se dedicaram a ouvir a gravação e transcrever o áudio original para o idioma Karitiana. A última etapa constou na tradução e revisão feita por Maria de Fátima Karitiana em 2016. Ela releu, escutou, fez correções e traduziu a narrativa para o português.

1.3 Metodologia – Elicitação Controlada

Nessa seção iremos tratar da metodologia utilizada nesse trabalho, a elicitación controlada. Uma defesa à essa metodologia de trabalho é feita em Sanchez-Mendes (2014), pois a autora mostra que não há mais sentido em dividir os linguistas que trabalham com línguas nativas entre os que vão para o campo coletar dados da língua em seu ambiente de uso e os linguistas que ficam em seus escritórios, em contato com a teoria e que não levam em consideração os dados empíricos da língua em pró da teoria. Dessa forma, a distinção entre linguistas pés-sujos e linguistas de escritório (de poltrona) não se mantém, já que com uma boa metodologia de trabalho, podemos coletar um bom corpus de estudos para os fenômenos que estamos estudando.

Para trabalhos em semântica formal, o uso de um método adequado de trabalho é de suma importância, pois estamos considerando além da sentença e sua gramaticalidade, as condições para que aquela sentença tenha suas condições de verdade atendidas. O método de análise que utilizamos é o mesmo utilizado por Sanchez-Mendes (2014), a elicitación controlada. Acreditamos que esse é o melhor método a ser utilizado em nosso trabalho porque além de conseguir controlar sentenças má formadas, podemos nos cercar dos contextos ideais para que aquelas sentenças sejam bem aceitas na língua.

A análise das narrativas e textos de produção espontânea, também são úteis, pois, mesmo não tendo muitas vezes o contexto de utilização das sentenças, pode nos mostrar a distribuição do fenômeno na língua, então esse pode ser um bom ponto de partida para se elaborar relações entre língua e teoria. Mesmo sendo um ponto de partida, os dados encontrados diretamente nos textos ainda podem ser trabalhados.

Sanchez-Mendes (2014) mostra que a elicitación controlada é dada por etapas, sendo que a primeira delas é a coleta de traduções. Essa coleta deve se dar de forma controlada, pois é nela que iremos dar um contexto para que o dado que queremos seja utilizado e checado como feliz naquele contexto. Isso se relaciona diretamente com a parte de contexto que apresentamos nos exemplos, pois eles controlam os ambientes em que as sentenças podem ser bem aceitas. Vejamos o exemplo dado pela linguista (1):

Para se coletar a tradução da sentença ‘O ovo caiu.’ Em Karitiana:

- (1) Tem um ninho em cima de uma árvore. Eu quero dizer que o ovo que estava no ninho caiu; como eu falo em Karitiana *O ovo caiu?*

Em nosso caso, o uso dos evidenciais está completamente condicionada ao contexto, se trabalhássemos apenas com a tradução, não seríamos capazes de verificar o fenômeno de forma adequada, pois é justamente para as condições de aquisição do enunciado que este fenômeno aponta. A sentença abaixo, por exemplo, está gramaticalmente correta, mas só seria bem aceita se o contexto de enunciação da mesma estivesse de acordo com o valor expresso pelo uso evidencial (2):

(2)	*Taso	naokyt	saryt	boroja
	taso	Ø-na-oky-t	saryt-Ø	boroja
	homem	3-decl.-matar-nfut	ev.rep.	cobra
	<p>*O homem matou a cobra. [disseram]</p> <p>Contexto: O falante estava andando na mata e viu um homem matar uma cobra. Ao falar sobre isso para outra pessoa, o falante utilizaria a sentença acima.</p> <p>O contexto correto seria o contexto onde o falante tivesse ouvido de outra pessoa que o homem matou a cobra e estivesse repassando essa informação para outra pessoa, marcando explicitamente que não viu o fato.</p>			

No exemplo acima, temos uma sentença bem formada e que se fosse traduzida sem um contexto específico de enunciação, seria aceita como gramatical sem nenhum problema, mas somente com uma análise desse tipo é que se torna possível verificar as condições em que essa sentença não pode ser utilizada na língua.

Sanchez-Mendes (2014) nos diz também que a tradução também não é o meio cem por cento eficaz de coleta de dados já que, como em qualquer tradução, não há uma correlação de um para um entre as expressões de uma para outra língua. Como vimos no exemplo (2), por exemplo, temos um evidencial que não tem uma tradução exata para o português, já que nossa língua não possui um sistema evidencial gramaticalizado e o mais próximo que podemos chegar do valor do evidencial, é o que é dado entre os parênteses. A linguista ainda aponta para ocasiões onde um termo de uma língua possui um sentido que abrange mais do que o sentido de um termo de outra língua (3):

(3)	Inácio	nakakydn	kandat
	inácio	Ø-naka-kydn-Ø	kanda-t
	inácio	3-decl-esperar-nfut.	vezes-adv.
	Inácio esperou muito.		

Se pensarmos essa sentença no português, essa sentença está boa para descrever situações onde Inácio ficou muito tempo esperando como também outras sentenças em que Inácio esperou muitas vezes. Já no Karitiana, somente a segunda opção é verdadeira e para expressar o sentido de que Inácio esperou muito tempo, mas uma única vez, outra construção seria utilizada pela língua.

Além da tradução, a outra etapa importante para o método da elicitación controlada, diz respeito a elicitación de julgamentos. Após verificar que uma sentença está correta, é preciso certificar-se dos julgamentos do falante para verificar qual a melhor sentença para atender às condições comunicativas de um contexto dado. Os evidenciais possuem contextos de obtenção de fonte de informação específicos e dados, ou seja, quando um falante utiliza um evidencial direto e visual, ele está deixando uma marca na sentença de que ele viu a ação por ele relatada. Se fixarmos um contexto para um dos contextos evidenciais, por exemplo, podemos observar se sentenças são ou não bem aceitas, da seguinte forma (4):

(4)	Estamos querendo testar se o evidencial <i>saryt</i> é bem aceito em diferentes contextos de evidência indireta ⁴		
	Contexto 1: Evidência indireta de segunda-mão	João matou a onça, mas eu não vi isso acontecer. Foi uma pessoa que me contou. Para relatar isso para outra pessoa, eu posso falar: “ <i>João naokyt saryt ombaky</i> ”?	
	Contexto 2: Evidência de terceira-mão	João matou a onça, mas eu não vi isso acontecer. Eu soube disso através de uma pessoa que ouviu esse comentário em outro local. Para relatar isso para outra pessoa, eu posso falar: “ <i>João naokyt saryt ombaky</i> . ”?	
	Contexto 3: Evidência de folclore	Eu vou contar uma história da cobra cega ⁵ . Para começar a contar essa história, eu posso falar: “ <i>Pyry’a sarytyn Oom</i> . ”?	

⁴ Segundo Willett (1988), podemos dividir a evidência indireta entre reportada e inferencial, sendo que a evidência indireta reportada se subdivide em segunda-mão, terceira-mão ou folclore.

⁵ Cobra cega é uma figura mitológica dos Karitiana. O nome dela na língua é Oom.

	Contexto 4: Evidência inferencial	Eu chego à casa de João e vejo uma cobra morta dentro da casa. Se eu for falar sobre esse fato com outra pessoa, eu posso falar: ' <i>João naokyt saryt boroja.</i> '?
--	---	--

É com base nos resultados desse tipo de análise que conseguimos definir os contextos onde os evidenciais são ou não bem aceitos. No caso acima, verificamos com os falantes que apenas os três primeiros contextos são favoráveis para o uso de *saryt*, sabendo que esse tipo de informação nos possibilita classificar as áreas de atuação do evidencial para melhor classificá-lo.

Por essa junção de etapas [em que checamos traduções em contextos específicos e também testamos construções em contextos específicos], chegamos à conclusão que a elicitación controlada é a melhor ferramenta para o nosso trabalho, pois além da gramaticalidade, saber os contextos em que as sentenças são possíveis é o que nos ajuda e nos dá segurança para fazer nossas afirmações e tirar nossas conclusões.

Nesse ponto devemos pontuar o que a própria Sanchez-Mendes (2014) mostra em relação aos dados de trabalho de campo. Às vezes, impossibilidades pragmáticas podem também nos dar pistas que condições que estão fora da língua, por exemplo, a linguista estava testando a seguinte sentença com os informantes (5):

(5)	Taso	nakaot	ese
	tasó	Ø-naka-ot-Ø	ese
	homem	3-decl.-pegar-nfut.	água
	Os homens pegaram água.		

A sentença acima estava sendo rejeitada pelos informantes, mesmo estando gramaticalmente bem montada, mas fatores culturais impossibilitavam que ela fosse aceita, pois geralmente, quem busca água entre os Karitiana são as mulheres. Por isso é que se faz importante um teste que leve em consideração a felicidade ou infelicidade de uma sentença em determinado contexto.

Essa seção descreveu a metodologia utilizada nesse trabalho e como ela é elaborada. Pudemos observar a importância de haver um controle das traduções e dos contextos para que

cheguemos ao sentido que pretendemos testar. A elicitación controlada acaba sendo, então, um fator determinante para que tenhamos chegado às conclusões desse trabalho.

1.4 O Karitiana e a sua língua

O objetivo dessa seção é apresentar a língua Karitiana para os leitores. Até o momento, foram mostrados alguns dados sem entrar em explicações concretas sobre a língua, aqui faremos isso.

O Karitiana é uma língua falada pelos indígenas de etnia de mesmo nome no estado de Rondônia. A etnia conta com 320 falantes segundo a contagem de 2005 que consta no site do instituto sócio ambiental. A língua é a única língua ainda falada da subfamília Arikém, Família Tupi. Ela divide espaço nessa subfamília com a única outra língua conhecida da subfamília Arikém, a língua Arikém, já extinta.

Os Karitiana habitam aldeia própria em área de reserva indígena a 95 km ao sul da área urbana do município de Porto Velho, em Rondônia. Essa língua, diferentemente de muitas outras línguas indígenas do país, já é uma língua que conta com alguns trabalhos de análise linguística que vem desde os anos 70 do século passado. A pesquisadora mais produtiva e importante no campo de estudos dessa língua é Luciana R. Storto, que trabalha com a língua desde 1992, escreveu sua tese de doutorado sobre a língua, Storto, (1999) e ainda conta com mais de trinta artigos sobre a língua além de orientações de mestrado, doutorado e iniciação científica. Na área da semântica formal, contamos com o nome de Ana Müller como referência. A linguista dedicou sua livre docência ao estudo do Karitiana na semântica formal, além de ter muitos trabalhos de publicações, orientações de mestrado, doutorado e iniciações científicas.

1.5 A evidencialidade e os evidenciais

A definição de evidencialidade ainda não é algo muito claro na literatura. Os autores que estudam esse fenômeno acabam por considerar essa definição de acordo com seus aportes teóricos porque essa definição parece ser o ponto chave para toda a sua análise sobre o fenômeno. Um exemplo disso é dado pelos autores que seguem a linha de Chafe & Nichols (1986) que consideram evidenciais como modais epistêmicos. Esse tipo de definição dos evidenciais acaba por afetar a forma que olhamos tanto o sistema evidencial quanto o sistema modal da língua.

Há muitos fatores que devemos considerar para que as coisas sejam dessa maneira. O primeiro deles, é o fato do fenômeno da evidencialidade ocorrer de maneira gramaticalmente marcada majoritariamente nas línguas consideradas “exóticas”, línguas até hoje muito pouco estudadas e que trazem desafios para todas as teorias da linguística que se propõem a ser universais.

O fenômeno da evidencialidade também ocorre em línguas de outras famílias linguísticas até muito mais conhecidas por nós, como no alemão, no francês ou no espanhol, mas isso se dá de maneira muito diferente da marcação gramatical que vemos nas línguas indígenas brasileiras, da Oceania, América do Norte ou outras línguas como o tibetano ou o quéchua e talvez por esse motivo esse fenômeno ainda não seja amplamente conhecido, estudado e discutido.

Outro fator para que haja essa nebulosidade na definição dos evidenciais é o fato dos estudos dos evidenciais estarem ainda em sua “infância”. Willett (1988) usou esta comparação em seu ensaio, ensaio este considerado fundamental do ponto de vista dos estudos dos evidenciais, pois nele é postulada a classificação até o momento mais utilizada (e usada como base) no estudo translinguístico dos evidenciais, pois, o padrão descrito por ele parece ser recorrente. Mas antes de entrarmos na classificação dos evidenciais vamos para o campo da definição dos evidenciais e mostrar o porquê dessa inexatidão e generalidade de definição.

Antes de ir à definição de Willett (1988) para a evidencialidade, devemos mostrar como se encontra o campo dos estudos da evidencialidade no momento. Matthewson, Davis e Rullmann (2007) nos dão um bom panorama de como está o campo de estudos dos evidenciais. Neste

texto vemos que há uma divisão entre os evidenciais de acordo com o seu comportamento semântico.

Alguns autores acreditam que os evidenciais são parte da modalidade epistêmica. Esses autores começaram a produzir estudos sobre evidenciais de forma mais recorrente a partir dos anos 1980. Chafe & Nichols (1986) trazem em seu livro uma série de artigos que expressam esse ponto de vista. Esses autores consideram que os evidenciais indicam tanto a fonte do conhecimento quanto a confiabilidade do conhecimento do falante. Um importante artigo de Anderson (1986) busca criar regras para a identificação e definição de um evidencial.

Outros autores acreditam que mesmo não sendo exatamente uma mesma categoria (a modalidade epistêmica e a evidencialidade), elas se sobrepõem e são inseparáveis nesse ponto, Faller (2002). Matthewson, Davis e Rullmann (2007) também compartilham dessa opinião e mostra que além dessa sobreposição dos evidenciais com outros domínios semânticos, em algumas línguas os evidenciais passam nos mesmos testes utilizados para modais epistêmicos, aos moldes desenvolvidos por Kratzer (1991) e utilizado na literatura de evidenciais de maneira canônica por Izvorski (1997). Então mesmo Matthewson, Davis e Rullmann (2007) concordando com Faller (2002) quanto ao fato da evidencialidade ser uma categoria semântica em si, os autores dão leituras diferentes de seus comportamentos nas línguas por eles estudadas (St'át'imcets [ou Lillooet] e Quéchua respectivamente). Matthewson, Davis e Rullmann (2007) analisam os evidenciais dessa língua como modais epistêmicos e Faller (2002) os analisa como operadores ilocucionários que modificam atos de fala. Faller (2010) faz a análise dos evidenciais sob o panorama da semântica formal e mostra que mesmo os evidenciais podendo ser analisados como modais epistêmicos, podem ser propostos pontos que distinguem uma categoria da outra. Schenner (2008) garante que ponto fundamental para uma separação clara entre evidencialidade e modalidade epistêmica pode ser o diferente comportamento dessas categorias em sentenças encaixadas, algo não muito analisado nos estudos sobre evidenciais.

Há ainda pessoas como Aikhenvald (2004) que acreditam na evidencialidade como uma categoria totalmente distinta e independente da modalidade epistêmica e que pensam numa separação maior entre as categorias semânticas (evidencialidade, modalidade, etc).

Nesse trabalho estamos considerando a evidencialidade como o fenômeno linguístico da marcação da fonte de informação da qual o falante teve acesso para a formulação de uma proposição. Ela não está relacionada diretamente com o grau de confiabilidade do falante no que foi dito. Pretendemos mostrar que, no Karitiana, mesmo havendo uma diferenciação entre

esses conceitos (o grau de confiabilidade do falante no que foi dito e a marcação de fonte de informação), em alguns casos, determinar essa diferenciação não é algo tão trivial, o que mostra que há uma sobreposição entre evidencialidade e modalidade epistêmica. Os evidenciais são a forma gramatical de marcação da evidencialidade. É importante ressaltar que utilizaremos o conceito de evidencialidade de Aikhenvald (2004) como fator para a classificação dos evidenciais na língua. Isso é importante de ser salientado, pois ele vai determinar a nossa visão para um dos morfemas analisados. Para a autora, evidencialidade é a categoria cujo significado primário é a fonte de informação.

“To be considered as an evidential, a morpheme has to have ‘source of information’ as its core meaning; that is, the unmarked, or default interpretation. [...]” (Aikhenvald, 2004, p. 3)

A evidencialidade é expressa da maneira como podemos ver nos exemplos abaixo retirados de Barnes (1984) da língua Tuyuca (língua Tukano falada na Amazônia brasileira e na Colômbia)⁶:

(6)	díga apé-wi
	Ele jogou futebol. [Eu vi]

(7)	díga apé-ti
	Ele jogou futebol. [Eu ouvi o jogo, mas não vi nem ele e nem o jogo]

(8)	díga apé-yi
	Ele jogou futebol. [Eu vi alguma evidência de que ele jogou, como suas marcas de chuteira no campo]

(9)	díga apé-yigì
	Ele jogou futebol. [Me disseram]

(10)	díga apé-hīyi
	Ele jogou futebol. [É razoável assumir que ele jogou]

⁶ Os dados dos exemplos foram glosados como em seus respectivos textos originais.

Como podemos ver nas cinco sentenças acima, a proposição central delas é a mesma ('Ele jogou futebol') e o que muda é a sua combinação com os diferentes evidenciais presentes no sistema da língua. No primeiro caso, o falante está indicando que a fonte de informação a qual teve acesso para a proposição ('Ele jogou futebol') foi a mais direta possível (através de seus próprios sentidos, e ele viu o evento expresso pela proposição). O fator por nós considerado para dizer que uma evidência é mais ou menos direta, é uma escala que iria de evidências diretas num continuum para evidências indiretas. Essa escala seria a escala de hierarquia dos evidenciais dentro de uma língua (no caso, o Tuyuca) e Barnes (1984) propõe a seguinte escala:

Visual > Não-Visual > Aparente > Segunda-mão > Assumido.

Essa escala está levando em consideração a fonte de informação mais confiável (visual) e vai dela até a de menor confiabilidade. Para o autor, o falante escolhe qual dos evidenciais do seu repertório ele pretende utilizar de acordo com a fonte de informação de maior confiabilidade à qual ele teve acesso. Os exemplos de (6) a (10) estão organizados dessa maneira. Então, para o linguista, se o falante fez a assunção de que o homem jogou bola e depois teve a evidência reportada, ele utilizará o evidencial reportado por esse estar em posição maior na hierarquia da língua.

Podemos perceber que o sistema evidencial da língua Tuyuca é bem sutil em alguns aspectos. O segundo exemplo nos mostra que a fonte de informação à qual o falante teve acesso foi direta (através dos sentidos do falante), mas não foi visual, ou seja, há uma distinção entre uma evidência direta visual e uma evidência direta auditiva na língua.

O terceiro exemplo mostra que o falante marca não ter tido acesso direto ao evento, ele fez uma inferência através de alguma pista à qual ele teve acesso (por exemplo, através das marcas da chuteira do jogador, ele pode dizer que outra pessoa jogou bola).

O quarto caso também mostra que o falante da proposição teve acesso a uma evidência indireta. Ele não viu o jogo ou a pessoa jogando, mas alguma outra pessoa disse isso a ele, e este fato fica registrado gramaticalmente através do uso do evidencial.

O último caso (5) também mostra o nível de refinamento do sistema evidencial da língua. Através do último uso podemos ver que é possível marcar que se propôs algo através de algo que é conhecimento geral (por exemplo, se João tem costume de jogar futebol todas as sextas à noite, no outro dia o falante pode supor que ele tenha jogado no dia anterior e possa marcar isso gramaticalmente na sentença).

Stenzel (2004) mostra que em Kotiria (Wanano) (língua Tukano falada no estado do Amazonas e na Colômbia) que a diversidade de evidenciais é uma característica do sistema evidencial da família Tukano. No caso dos Kotiria, a autora separou o seu sistema evidencial em cinco categorias, a saber ouvir-dizer, visual, não-visual, inferência e asserção/pressuposição. Há ainda uma divisão entre alomorfes para aspecto perfectivo e imperfectivo nas categorias visual e asserção/pressuposição. Vejamos alguns exemplos da língua em (11)^{7,8}:

(11)							
ti-ro	wɸ'ɸ pɸ	wa'a-yu'ka.					Ouvi-dizer
anaf.-sg.	casa-loc.	ir-quot.					
Ele foi para casa. [Alguém me disse que]							
ti-ro	wɸ'ɸ pɸ	wa'a-yu'ti					
anaf.-sg.	casa-loc.	ir-diff.					
Ele foi para casa. [Eles disseram que]							
to	wa'i-kiro	~waha-ri-ro	dita-re	~sa	~da-thua-i	wɸ'ɸ-pɸ-re	Visual
def.	animal-sg.	matar-Nomz.-sg.	somente-obj.	1p.exc.	trazer, retornar-vis.perfectivo.1	house-loc.-obj.	
Nós pegamos apenas animais mortos. [eu vi]							
to	di'i	~doa-ro		koa-ka			Não-Visual
3sg.poss.	carne	ser.bom-advz.		n.vis.-assert.impfvo			
A carne (de vaca) tem um gosto bom.							
yɸ	~ba-kɸ-re		~waha-roka-ri		hi-re		Inferência

⁷ A uma primeira análise, a diferenciação entre Ouvir-dizer em diff. e quot. feita pela autora é semelhante com o que adotamos como segunda e terceira-mão, mas deixamos da forma originalmente descrita pela autora.

⁸ Não daremos exemplos de todos os evidenciais mostrados pela autora quando há alomorfia entre perfectivo e imperfectivo.

1sg.poss	child masc-obj	- kill-dist- v.nom.infer	cop-vis.perf.non.1		
Meu filho foi morto.					
Contexto: O filho do falante saiu para caçar e nunca mais voltou.					
~kɥ- ta	hi-a	~kɥ-iro	~bɥ-ro to	~pho'da~be're	Asserção/ Pressuposição
um/a- ref.	cop- v.nom.	um/a-nomz.sg.	homem-sg. 3sg.poss.	crianças-com/inst	
Uma vez, um homem e seus filhos					
wa'i~kida	ko'ta-ro-wa'a-a		~bakaka-pɥ		
animal-pl	esperar-nomz-ir-asser.perfectivo		forest -loc		
foram caçar animais na floresta.					

Contando com os dados do Tuyuka e os dados do Wanano, podemos ver semelhança entre os sistemas evidenciais no sentido de número de opções e recortes que cada um dos sistemas faz, mas uma análise pormenorizada seria necessária para realmente relacionar esses dois sistemas evidenciais com o que iremos tratar nessa dissertação.

Thomas Willett é contemporâneo da tradição que toma os evidenciais como parte da modalidade epistêmica, mas através da observação de vários artigos descrevendo várias línguas no mundo, fez sua classificação baseando-se na classificação da fonte de informação. Em Willett (1988) vemos que a evidencialidade é a marcação gramatical da fonte de informação, mas como ele mesmo mostra, outros autores desta mesma tradição como Chafe (1986), preferem manter essa definição mais aberta. Em Chafe (1986) os evidenciais são marcas da epistemologia e codificam a postura do falante (confiabilidade do falante) sobre seu conhecimento da situação em sentido amplo. Ou seja, ao utilizar um evidencial, o falante estaria não apenas expondo a fonte de informação de sua sentença, mas também assumindo seu comprometimento com a verdade da proposição e suas crenças em relação à confiabilidade da mesma.

Sem especificar muito, Chafe (1986) deixa em aberto a definição dos evidenciais para que esta possa abarcar também a definição dos modais epistêmicos, ou seja, a posição dos falantes

quanto à confiabilidade ou o grau de confiança da fonte à qual ele teve acesso para a proposição de uma sentença *p*.

Outros que seguem essa linha de análise são Chung & Timberlake (1985) (cf. Willett (1988)), Bybee (1985), Palmer (1986), Jacobsen (1986) e Lyons (1977). Este último cria toda uma escala que mostra o grau de comprometimento do falante com a verdade do que foi dito. Esta escala começa por dividir a modalidade epistêmica orientada pela verdade em tipo objetivo e subjetivo. O tipo objetivo é graduado de 0 a 1 onde 1 é o necessário, 0 é o impossível e no meio da escala teríamos o provável ou possível 0.5.

A evidencialidade ficaria no tipo subjetivo com todas as suas categorias por esse cuidar de opiniões, ouvir-dizer, inferências e coisas do tipo.

Para Chung & Timberlake (1985), podemos dividir a modalidade epistêmica em dois tipos. Ao primeiro tipo de modalidade epistêmica eles dão o nome de “modo epistêmico”⁹ e dizem que este modo trata descrições do mundo atual e outros possíveis. Esse modo cobriria a necessidade e a possibilidade. Como exemplo deste modo eles usam uma sentença da língua Lakhota (língua Sioux, Dakota do sul e norte) do trabalho de Boas & Deloria (12):

(12)	lehāyela	mat’ā	tkhā
	agora	Eu:morrer	hipotético
	‘Eu poderia ter morrido.’ ou ‘Eu quase morri.’ ¹⁰		

A partícula ‘*tkhā*’ seria um marcador do modo epistêmico que indicaria possibilidade.

O segundo tipo de modalidade epistêmica seria a chamada “modo epistemológico”¹¹. Esse seria o modo que avaliaria a realidade da situação de acordo com sua fonte de informação. Mesmo que esse modo não seja chamado pelos autores como evidencial, é neste modo que todos os valores evidenciais são tratados (experencial, inferencial, citativo e construído). O primeiro exemplo da utilização deste modo vem do trabalho de Sapir com a língua Takelma (língua Penutiana¹², Oregon) (13):

⁹ Tradução livre de ‘epistemic mode’.

¹⁰ ‘I could have died.’ or ‘I almost died.’.

¹¹ Tradução livre de ‘epistemological mode’.

¹² A família Penutiana de línguas é uma proposta de agrupamento para muitas línguas encontradas na costa oeste da América do Norte. Há muita controvérsia sobre essa proposta e a língua Takelma já foi considerada como pertencente da família Takelma-Kalapuyan.

(13)	menā	yap'a	dōmk'wak'
	urso	homem	matar(irrealis):ele(humano:objeto):inferencial
	'Parece que o urso matou o homem.' ¹³		

Uma parte da construção ‘*dōmk'wak*’ contém o valor do modo epistemológico (valor evidencial de inferência). É difícil precisar com certeza porque não temos a divisão morfema a morfema do exemplo.

Assim, podemos esquematizar a visão da modalidade epistêmica concebida por Chung & Timberlake (1985) da seguinte maneira¹⁴:

Palmer (2001) na segunda edição de seu livro vai dizer que os termos ‘epistêmico’ e ‘epistemológico’ empregados por Chung & Timberlake (1985) são muito semelhantes para poderem ser utilizados. Mais à frente vamos ver as duas propostas que ele dá para o tratamento dos evidenciais.

Bybee (1985) já define diretamente os evidenciais: “marcadores que indicam algo sobre a fonte de informação na proposição”. Ao estudar cinquenta línguas de maneira aleatória, ela acaba por encontrar as mesmas dimensões semânticas encontradas no trabalho de Chung & Timberlake (1985) para os evidenciais (experiential, inferencial, citativo e construído), ou seja, mesmo que eles não tenham chamado diretamente em seu trabalho os evidenciais por este nome, tanto estes quanto aquela estavam tratando o mesmo fenômeno linguístico. Bybee (1985) também claramente entende os evidenciais como parte do conjunto das modalidades, incluindo

¹³ ‘It seems that the bear killed the man.’.

¹⁴ Experiential, Inferencial, Citativo e Construído são traduções livres dos termos Experiential, Inferential, Quotative e Construct.

também a modalidade epistêmica, sendo a modalidade em geral parte de um sistema maior que seria o sistema de modo, algo como o esquematizado a seguir:

Sistema de modo > Modalidade > Modalidade epistêmica e evidenciais.

Jacobsen (1986) diz que o modo, de uma maneira geral, marca a verdade relativa de uma asserção enquanto os evidenciais marcam nessas asserções a confiabilidade da evidência na qual elas foram baseadas. Anderson (1986) já nos diz que os evidenciais expressam o tipo de evidência à qual a pessoa teve acesso para fazer suas reivindicações, algo bem mais próximo da definição com a qual estamos trabalhando.

Já Palmer (1986) expande a noção de modalidade epistêmica para abarcar a evidencialidade. Para ele, a modalidade epistêmica claramente engloba tanto os julgamentos do falante e seus conhecimentos como também os tipos de garantias que ele tem sobre o que ele diz. Assim, a modalidade epistêmica para Palmer possui dois grandes sistemas: de um lado teríamos a evidencialidade e de outro julgamentos da necessidade e da possibilidade e ambos estariam em pé de igualdade. Até para Palmer estes dois sistemas não seriam totalmente divisíveis e para ele cada língua dá um enfoque maior para um dos dois sistemas. Como exemplo, ele diz que o inglês gramaticaliza apenas julgamentos do falante. Tuyuca seria uma língua que só gramaticaliza evidenciais e línguas como o alemão seriam línguas que combinam ambos os sistemas na sua marcação gramatical, como esquematizamos na imagem abaixo:

Quase duas décadas depois, em Palmer (2001) (na segunda edição de '*Mood and Modality*') podemos ver como o pensamento do linguista mudou em relação aos evidenciais devido aos estudos que foram feitos nesse período e as concepções teóricas do autor. Há uma visão totalmente reestruturada dos evidenciais e também do fenômeno da modalidade como um todo.

A princípio vemos a modalidade agora dividida em dois grandes grupos: o da modalidade proposicional é o da modalidade de evento¹⁵. Há uma separação clara entre os evidenciais e os modais epistêmicos: temos a modalidade epistêmica e a modalidade evidencial, lado-a-lado e ambas como subgrupos da modalidade proposicional. Já na modalidade de evento podemos ver como subgrupos a modalidade deôntica e a modalidade dinâmica, nenhuma das quais será tratada neste trabalho.

Olhando para as modalidades epistêmica e evidencial ainda temos algumas subcategorias desses dois grupos. Podemos dividir a modalidade epistêmica em julgamentos especulativos, dedutivos e supostos¹⁶; enquanto a modalidade evidencial está dividida em sensorial, reportada e inferencial¹⁷. Essas ainda têm algumas subclasses que serão mais detalhadas no esquema que virá a seguir.

Algo que pode ser indagado nessa dissertação é o fato de optarmos por explicar a modalidade epistêmica mesmo mostrando que os evidenciais foram promovidos de um subgrupo desta para um grupo em pé de igualdade com ela. O fato é que Palmer diz que mesmo a modalidade evidencial sendo uma modalidade distinta da epistêmica, elas ainda estão inseparavelmente ligadas. Ele argumenta que o julgamento dedutivo e a subcategoria inferencial seriam uma mesma categoria, já que ao fazer uma dedução, provavelmente o falante vai fazê-la por meio de inferências ou até usando de evidências encontradas, da mesma forma que ao usar um evidencial inferencial o falante está se valendo de evidências físicas ou psicológicas. Segue abaixo uma esquematização que fizemos do sistema da modalidade proposto por Palmer (2001).

¹⁵ Traduções livres para propositional modality e event modality.

¹⁶ Traduções livres para speculative, deduction e assumptive.

¹⁷ Traduções livres para sensory, reported e inferential.

Em detalhe esquematizamos as modalidades epistêmica e evidencial com as suas respectivas subcategorias.

Indo um passo além na emancipação dos evidenciais, Faller (2002) diz considerar a evidencialidade como uma categoria independente da modalidade. Ela mostra o quão difícil pode ser essa reivindicação já que há línguas em que os marcadores de evidencialidade podem marcar modais epistêmicos (além de tempo ou aspecto). Ela ainda cita trabalhos como Kratzer (1991), Izvorski (1997) entre outros onde os evidenciais são tratados como modais por passarem

pelos mesmos testes usados no tratamento de modais e responderem da mesma maneira, reforçando assim a ideia de que os evidenciais seriam modais. Contra essa análise, ela defende que translinguisticamente, há evidenciais que se comportam de maneira diferente de modais e que esses evidenciais precisam receber um outro tipo de tratamento que utilizem outros testes que não os destinados para os modais. É isso que ela faz em seu tratamento do sistema evidencial do Quéchuá (família Quéchuá, América do Sul). O trabalho de Faller (2002) é tão convincente que Matthewson, Davis e Rullmann (2007) já aceitam a ideia de uma divisão dos evidenciais levando em conta seu comportamento (os que se comportam como modais e os que se comportam como marcadores ilocucionais).

Faller (2002) faz uma análise da evidencialidade parecida com a que vimos em Palmer (2001), pois a autora acredita em uma sobreposição entre as duas categorias. Ela segue a proposta de Auwera e Plungian (1998) que propõe que há uma sobreposição entre modalidade epistêmica e evidencialidade, sendo a inferência uma categoria pertencente a ambas, como esquematizamos na figura baseada na da autora:

Três dos principais pontos mostrados em Faller (2002) para pensar na evidencialidade como uma categoria independente são:

- i. Mesmo com a proximidade entre os evidenciais e os modais epistêmicos, há uma diferença conceitual considerável: marcação da fonte de informação do falante e comprometimento com a verdade da proposição.
- ii. Mesmo existindo línguas em que há elementos que marcam tanto evidenciais quanto modais, há também línguas que possuem elementos distintos para ambas as marcações.

- iii. Verdadeiros evidenciais marcam a fonte de informação e não a deixam implicada. Verdadeiros modais epistêmicos marcam o comprometimento do falante e também não o implicam conversacionalmente.

Seguindo o continuum teórico, temos no outro extremo Aikhenvald (2004). Essa autora fez um extenso trabalho tipológico e para ela, a evidencialidade é uma categoria gramatical totalmente independente da modalidade epistêmica.

Em nosso trabalho, iremos utilizar a definição de evidenciais proposta por Aikhenvald (2004). Mesmo utilizando essa definição para distinguir evidenciais de outras categorias semânticas, ainda concordamos com Faller (2002) (2010) e Matthewson, Davis e Rullman (2007) no ponto em que falamos sobre a evidencialidade estar relacionada em parte com a modalidade epistêmica, pois, em contextos de inferência, o falante não tem total certeza do que fala e essa falta de certeza está ligada a uma dedução ou inferência.

Nessa seção vimos o que é a evidencialidade e o que são os evidenciais. Começamos tentando definir os evidenciais e mostrando as dificuldades que são encontradas para se fazer uma definição precisa dos evidenciais. Em seguida passamos pela literatura funcionalista dos evidenciais com autores como Chafe & Nichols (1986), Anderson (1986), Palmer (1986) entre outros linguistas dessa década. A ideia desses trabalhos era começar a explorar mais a fundo os sistemas evidenciais das línguas ‘exóticas’ do mundo. Eles trabalharam com o conceito da evidencialidade sendo uma subseção da modalidade epistêmica. Avançando um pouco, vimos que a definição dos funcionalistas acabou sendo trabalhada por linguistas da semântica formal, pois os evidenciais podem ser testados pelos mesmos testes pelos quais passam os modais epistêmicos. Como alguns trabalhos citados dessa tradição, podemos apontar principalmente Matthewson, Davis e Rullman (2007), Kratzer (1991) e Izvorski (1997). Ainda na tradição de estudos da semântica formal, Faller (2002) veio com uma análise diferenciada dos evidenciais e trouxe para a discussão a ideia de uma sobreposição entre uma das áreas tratadas pela modalidade epistêmica e a evidencialidade. Como contraponto, a representante da tipologia Aikhenvald (2004) pensa o sistema da evidencialidade como algo totalmente sem relação com a modalidade epistêmica.

Na próxima seção iremos tratar as formas de classificação dos evidenciais. Como uma área ainda pouco estudada, há uma grande profusão de termos e o objetivo dessa seção é mostrar

os termos mais recorrentes, os que vamos utilizar durante o trabalho e a motivação para essa escolha.

1.6 Classificação e Tipologia dos evidenciais

Com a inúmera profusão de olhares para o fenômeno da evidencialidade, é de se esperar que haja um grande número de formas de classificar os evidenciais e é exatamente isso o que ocorre. Como um fenômeno que pretende ser universal entre as línguas do mundo e que é marcado gramaticalmente em ao menos em 25% delas, Aikhenvald (2004), é de fundamental importância uma nomenclatura em comum para que possamos falar de fenômenos linguísticos semelhantes em línguas distantes geograficamente e geneticamente.

Plungian (2010) diz que o primeiro passo nesse sentido foi dado por Roman Jakobson em seu artigo de 1957. Nesse artigo, Jakobson dá ao fenômeno linguístico da marcação da fonte de informação o nome de evidencialidade e dessa forma possibilita que línguas diferentes recebam um mesmo tratamento formal em relação a um fenômeno até então pouco conhecido. Desde Jakobson (1957) até os tempos atuais, a literatura já avançou muito nos estudos da evidencialidade mesmo que ainda haja vários pontos que devam ser estudados para que tenhamos um panorama formal mais preciso do fenômeno.

Nessa seção vamos tratar principalmente duas classificações utilizadas para esse fenômeno linguístico. Começaremos mostrando os primeiros termos cunhados para a evidencialidade e a seguir iremos passar para a demonstrar as duas classificações com as quais mais tivemos contato, a de Aikhenvald (2004) e a de Willett (1988).

Por fim, vamos escolher uma das classificações a qual seguir e dar algumas de nossas motivações para a escolha.

1.6.1 Os primeiros estudos

Para se ter uma ideia de como estudos independentes e realizados de maneira concomitante levaram a classificações diferentes podemos citar o exemplo dado em Plungian

(2010) tirado de Lazard (1957). No mesmo ano, Jakobson (1957) lançou o seu artigo se viria a estabelecer na literatura o termo ‘evidencialidade’, Lazard divulga seu artigo sobre o sistema verbal do Tajique (língua indo-iraniana, Tajiquistão, Cazaquistão, Afeganistão, entre outros). O sistema verbal dessa língua possui marcas evidenciais que foram tratadas por Lazard como mediativas (*médiatifs* no francês). No início esse termo não foi muito empregado pela literatura, mas com o tempo ele voltou a ser empregado e é equivalente ao que também é chamado de categoria de evidenciais indiretos, mesmo que ele não tenha equivalência perfeitamente igual à dada por Jakobson para os evidenciais.

Outros termos foram cunhados ao decorrer dos estudos sobre a evidencialidade. O próprio termo ‘Mediativo’ de Lazard (1957) é recuperado e utilizado como ‘indirectivo’ em seus estudos de línguas turcas ou ‘não-confirmativo’ em estudos das línguas balcãs (cf. Plungian, 1957).

Matthews (1965) (cf. Palmer, 2001) sugere termo como ‘enfático’, ‘período’, ‘citativo’, ‘relato’ e ‘indefinido/pergunta’¹⁸ para os morfemas encontrados por ele no Hidatsa (Língua Siouan falada na América do Norte). Oswalt (1986) tratando o Kashaya (Língua Pomo, América do Norte) fala em ‘performativo’, ‘factual’, ‘visual’, ‘auditivo’, ‘inferencial’ e ‘citativo’; já Barnes (1984) no Tuyuca (língua da família Tukano, falada na Colômbia e no Brasil) fala em ‘visual’, ‘não-visual’, ‘aparente’, ‘segunda-mão’ e ‘assumido’ e Stenzel (2004) no Wanano (língua da família Tukano, falada na Colômbia e no Brasil) fala em ‘ouvir-dizer’, ‘visual’, ‘não-visual’, ‘inferência’ e ‘asserção/pressuposição’.

Tentando abarcar uma maneira mais geral de se estudar os evidenciais e levando em consideração a maneira de percepção da fonte da informação, termos como ‘visual’ e ‘não-visual’ foram propostos para marcar uma distinção de classe que algumas línguas fazem. Isso pode criar algum tipo de ruído, já que outras línguas podem marcar ainda alguma diferença dentro do que seria ‘não-visual’ e daí surgiram termos como ‘auditivo’ ou ‘sensorial’. Nos estudos de línguas tibetanas surge o termo ‘endofórico’ para determinar algo que seria direto mas não perceptível por nenhum dos cinco sentidos externos (visão, audição, olfato, paladar e tato). Nessa categoria entrariam sentenças com marca evidencial como “Estou com fome.”.

¹⁸ No inglês respectivamente: ‘Enfatic’, ‘Period’, ‘Quotative’, ‘Report’ e ‘Indefinite/Question’.

Para tentar marcar a distinção entre uma evidência direta (na qual o falante teve percepção ou participação direta), alguns termos como ‘Participativo’, ‘Performativo’, ‘Agência pessoal’, ‘Constativo’ entre outros surgiram.

De todos esses e outros termos utilizados na classificação dos evidenciais, os termos mais utilizados até hoje são os termos da classificação feita por Willett (1988) e é sobre ele que iremos tratar agora.

1.6.1.1 Willett (1988)

Willett em 1988 propôs uma classificação para o sistema de evidencialidade. Seguindo os estudos apresentados em Chafe e Nichols (1986) e com base em um estudo de 38 línguas, o linguista fez uma classificação levando em conta o tipo de evidência a qual o falante teve acesso. Para ele podemos fazer uma grande divisão na classe dos evidenciais de acordo com a percepção que o falante teve, se direta ou indireta. A percepção direta é relacionada aos sentidos e a percepção indireta tem a ver com formas indiretas do falante chegar a proposição.

As subcategorias de evidência direta dadas por Willett são ‘visual’, ‘auditiva’ e ‘outras sensoriais’ que estão dentro de uma categoria maior denominada ‘atestada’. A categoria de evidência indireta é subdividida em ‘reportada’ e ‘inferencial’. Dentro da subcategoria ‘reportada’ temos as categorias ‘segunda-mão’, ‘terceira-mão’ e ‘folclore’ sendo que dentro de ‘segunda-mão’ e ‘terceira-mão’ ainda encontramos ‘ouvir-dizer’.

Na subcategoria ‘inferencial’ temos ‘resultados’ e ‘raciocínio’. Segue abaixo o diagrama esquemático dessa classificação:

Willett ainda nos mostra através de tabelas a sua motivação para tal classificação. Essa classificação leva em conta as formas encontradas nas línguas por ele estudadas. A princípio, o que podemos questionar é se em sua amostra havia todos os tipos de evidenciais presentes nas línguas do mundo ou se devemos tentar alguma acomodação teórica para que algumas categorias caibam nessa classificação. Fazendo dessa maneira, por exemplo, classes como a ‘Endofórica’ citada acima poderia ser classificada como ‘Outras sensorias’ ou ‘Direta-atestada’ dependendo do comportamento dos evidenciais na língua onde ela ocorre. Esse é um dos pontos no qual essa classificação acaba sendo criticada.

Para sistemas evidenciais mais simples ou com menos escolhas evidenciais esse sistema parece ser muito adequado, pois abarca as categorias mais recorrentes da evidencialidade.

1.6.1.2 Aikhenvald (2004)

Aikhenvald também se vale de uma série de casos empíricos para formular sua classificação. Da mesma maneira como De Haan (1999), ela toma como base a classificação de

Willett (1988) e faz suas modificações para justificar os exemplos encontrados em diversas línguas reunidas em seu livro. Essa classificação é a base para um sistema de classificação dos sistemas evidenciais proposto por ela e que abrangeriam todos os sistemas evidenciais encontrados até agora nas línguas do mundo. Diferente de Willett (1988) e De Haan (1999), Aikhenvald (2004) não faz uma divisão entre evidenciais ‘diretos’ e ‘indiretos’. Ela propõe diretamente a existência de seis classes evidenciais que se oporiam entre si, são elas ‘visual’, ‘sensorial’, ‘inferência’, ‘suposição’, ‘ouvir-dizer’ e ‘citativo’.

Essas seriam as bases para que em um sistema de oposição de valores tenhamos a classificação dos sistemas evidenciais do mundo. Esses sistemas levariam letras que corresponderiam a quantos evidenciais a língua possui, sendo A (dois evidenciais), B (três evidenciais), C (quatro evidenciais) e D um único sistema evidencial encontrado com cinco evidenciais. Dentro de cada uma dessas categorias temos as possíveis oposições de valores encontradas pela linguista, por exemplo na categoria A temos A1 (‘primeira-mão’ vs ‘não-primeira-mão’ ou qualquer coisa) e A4 (‘não-visual’ vs ‘reportado’).

Abaixo vemos a tabela retirada de Aikhenvald (2004) mostrando na primeira linha as categorias por ela propostas sendo cruzadas com os sistemas de escolhas encontrados nas línguas por ela estudadas. Desse cruzamento temos os nomes que ela dá para os evidenciais que abarcam mais categorias ou ao menos uma dessas categorias.

		I.Visual	II.Sensorial	III.Inferência	IV.Suposição	V.Ouvir-dizer	VI.Citativo
2 escolhas	A1	primeira-mão		não primeira-mão			
	A2	primeira-mão	não primeira-mão				
	A3	primeira-mão		não primeira-mão		sistema diferente ou <sem termo>	
	A4	<sem termo>	não-visual	<sem termo>		reportado	
3 escolhas	B1	direto		inferido		reportado	
	B2	visual	não-visual	inferido		<sem termo>	
	B2	visual	não-visual	inferido			
	B3	visual	não-visual	<sem termo>		reportado	
	B4	<sem termo>	não-visual	inferido		reportado	
4 escolhas	C1	visual	não-visual	inferido		reportado	
	C2	direto		inferido	suposição	reportado	

	C3	direto		inferido		reportado	citativo
5 escolhas	D1	visual	não-visual	inferido	suposição	reportado

Essa descrição de Aikhenvald (2004) de início parece não se encaixar com os dados que temos da Língua Karitiana. A língua parece possuir dois evidenciais plenos, um para evidência direta visual e outro para evidência direta reportada. Mais à frente iremos discutir com mais cuidado isso, pois teremos que mostrar dados que irão embasar a nossa argumentação.

Após mostrar algumas das maneiras de classificação dos evidenciais e explicar um pouco sobre as mudanças propostas por cada linguista, é nosso dever escolher uma delas a seguir nesse trabalho e dar a justificativa para esse uso.

Optamos aqui por usar a classificação proposta por Willett (1988) por dois fatores. Primeiro, por ela estar mais difundida na literatura e isso nos garantir comparações diretas entre sistemas evidenciais. O segundo motivo é o fato de que essa classificação mesmo sendo muito simples, poder se adaptar muito bem aos evidenciais que não tem classe própria, por exemplo, o evidencial *saryt* do Karitiana será classificado por nós como reportado, uma categoria acima de segunda-mão, terceira-mão e folclore, porque pode ser utilizado em todos esses contextos.

1.7 Uma primeira análise

Para finalizar esse capítulo, vamos utilizar o aporte teórico que escolhemos para fazer uma análise de dados da língua Karitiana. Essa análise servirá para mostrar como procederemos com as demais análises que faremos nesse trabalho.

Nessa língua, Storto (2002) mostra que um morfema do modo declarativo pode ser utilizado para marcar evidencialidade, o morfema *ta(ka)-*. O modo declarativo é marcado pelos prefixos verbais de modo *na(ka)-* e *ta(ka)-*. O morfema *na(ka)-* aparece marcando a concordância absoluta de terceira pessoa e o morfema *ta(ka)-* marca a concordância nos demais contextos, como podemos ver nos exemplos a seguir:

(14)	Taso	naokyt	boroja
	taso	Ø-na-oky-t	boroja
	homem	3-decl.-matar-nfut.	cobra
	O homem matou a cobra.		

(15)	Ytaopisot	yn
	y-ta-opiso-t	yn
	1s-decl.-ouvir-nfut.	1s
	Eu ouvi.	

A linguista mostra que em ambientes de concordância de terceira pessoa, *ta(ka)-* pode ser utilizado como um evidencial. Esse evidencial codificaria uma evidência não visual, seja ela desde telepática (segundo nosso aporte teórico, inferencial) ou até auditiva (16) e é chamado pela linguista de evidencial não -visual.

(16)	Taso	taokyt	ombaky
	taso	Ø-ta-oky-t	ombaky
	homem	3-ev.n.vis.-matar-nfut.	onça
	O homem matou a onça. Contexto: Quando se ouve um tiro vindo do local para onde um certo homem foi, perseguindo uma onça.		

Logo de início, esse uso evidencial traria um grande desafio para a literatura caso fosse confirmado nos usos dados pela linguista. Se esse uso evidencial servisse para codificar qualquer evidência não-visual e mais inferenciais, juntaria duas categorias distintas em qualquer classificação evidencial, portanto, um uso inédito.

Mello (2007) ao observar o fenômeno, chega à conclusão de que o uso dessa construção evidencial codifica evidência somente inferencial. Isso já torna esse uso evidencial, mais próximo dos outros usos atestados nas línguas do mundo. Em nossos testes, podemos observar que esse uso é realmente atestado somente para evidências inferenciais, como no exemplo:

(17)	João	takahit	livroty	Maria
	joão	Ø-taka-hit-Ø	livro-ty	maria
	joão	3-ev.n.vis.-dar-nfut.	livro-obl.	maria
	João deu o livro para Maria. Contexto: O falante sabe que Maria quer um livro que João tem. Ao ir à casa do João, ele vê que o livro não está mais onde João o guarda, nesse caso, ele poderia utilizar a sentença acima.			

Um dos problemas encontrados para testar esse uso foi o fato dele não ser aceito pela maioria dos falantes. Entre os quinze falantes com quem conversamos durante essa pesquisa, apenas dois utilizaram esse tipo de construção (os professores Inácio e Luiz Carlos), os outros falantes ou a rejeitavam (Cizino um dos mais velhos falantes com quem trabalhamos) ou não viam diferença entre essa sentença e a sentença utilizando o morfema de declarativo *na(ka)-* (falantes mais jovens).

Mesmo que na literatura essa construção seja considerada evidencial na literatura, seguindo nosso aporte teórico, não iremos considerar esse tipo de construção como sendo um evidencial. Para Aikhenvald (2004), esse tipo de construção deve ser classificado como uma estratégia evidencial, pois a evidencialidade não é o sentido principal do morfema *ta(ka)* e sim o seu sentido em um único e específico contexto, ou seja, uma extensão semântica do modo declarativo nesse contexto.

Com isso, terminamos esse capítulo. Após fazermos uma introdução mostrando como o trabalho será apresentado e dar um panorama do pano de fundo teórico na área, fizemos uma breve análise de como interpretaremos os dados. No próximo capítulo, iremos analisar o

evidencial reportado *saryt*. Iremos passar por uma análise dos dados básicos que temos e prosseguir até os dados que descobrimos após os testes. No terceiro capítulo, trataremos o morfema *ta'ã* seguindo os mesmos moldes do capítulo 2. No quarto e último capítulo, fecharemos essa dissertação com alguns dados que podem trazer novos horizontes para novas pesquisas na área e uma conclusão.

CAPÍTULO 2 – SARYT

2.1 Introdução

Nesse capítulo, iremos discutir os vários aspectos de ‘saryt’. Iremos começar pela classificação feita para o evidencial, Storto (2002)¹⁹, e discutir essa classificação à luz do trabalho de Willett (1988) por esse ser realmente o mais utilizado quando pensando em classificação. No final da seção, iremos concluir qual o tipo de evidencial é ‘saryt’ e passaremos a tratá-lo dessa forma no resto do capítulo.

‘Saryt’ é um evidencial indireto da língua Karitiana, Storto (2002), ou seja, ele demonstra que o falante não teve acesso à evidência direta do fato por ele relatado (1).

(1)	Taso	nakam’at	saryt	gooj
	homem	Ø-naka-m-‘a-t	saryt-Ø	canoa
	homem	3-decl-caus-fazer-nfut	ev.ind-nfut	canoa
	‘O homem fez/faz a canoa.’ [me disseram]			
	Contexto: Alguém te falou que o homem fez ou faz uma canoa. Você não viu esse homem fazendo a canoa. Como você diria isso para outra pessoa?			

Dentre os evidenciais indiretos, se seguirmos a classificação baseada na fonte de informação proposta por Willett (1988), podemos ver que as diversas línguas do mundo podem marcar mais de um tipo de evidência indireta.

¹⁹ Landin (1982) já cita ‘saryt’ com a glosa ‘hearsay’.

Com isso em mente, é necessário também dizer, que tipo de evidência indireta esse evidencial denota.

Ainda com Willett (1988) em mente, o exemplo dado em (1), foi um contexto de evidência de segunda-mão, a saber, outra pessoa viu o evento e contou ao falante. À primeira vista, podemos pensar em classificar esse evidencial como um evidencial indireto reportado de segunda mão.

Se olharmos para o comportamento dos evidenciais indiretos reportados descritos no trabalho do linguista, podemos observar que muitas vezes, um evidencial pode cobrir mais de um dos tipos dentro da categoria na qual ele é classificado (células pintadas de cinza):

Type of reported evidence	Number of reported evidence markers															
	0															
Second-hand			X			X		2			X	X		X		
Third-hand				X			X	.	X		X		X	X	X	X
Folklore							X	.			X	X	X	0		
Unspecified					X										X	X
Number of languages	5		2	6	2	4	3	2	4		1	2	1	1	1	2

Entre as línguas América do Sul, podemos ver o Tuyuka (Tukano, Brasil e Colômbia) como uma das línguas que, segundo Willett (1988) possui um único evidencial indireto

reportado que também pode ser utilizado para cobrir contextos de segunda, terceira-mão ou mitos folclóricos, como podemos ver nos exemplos de Barnes (1984) (2).

(2)	Folclore
	ãñã kñre baka-yígi
	‘A snake bit him’. (Part of a legend.)
	Terceira-mão? ²⁰
	pũyukí mǎñi-yíro
	‘There weren’t any hammocks’. (Said after hearing that the store upriver was out of hammocks)
	Segunda-mão
	weérige booá-yígi
	‘He wanted some fishhooks’. (Speaker A said something but the linguist did not hear, so speaker B helped by saying the sentence with the evidential.

Com essa informação em mãos, podemos ir ao Karitiana para checar se o evidencial ‘saryt’ poderia ser utilizado com esses outros tipos de evidência indireta reportada ou qual outro comportamento a língua teria em relação à essas nuances dentro da categoria. Ao checar contextos de terceira-mão, temos a sentença em (3):

(3)	Taso	nakam’at	saryt	gooj.
	taso	Ø-naka-m-’a-t	saryt-Ø	gooj
	homem	3-decl.-caus.-fazer-nfut.	ev.rep.-nfut.	canoa
	‘O homem faz/fez a canoa.’[disseram] Contexto: As pessoas estão comentando que o homem faz/fez o barco e o falante soube disso. O falante ao contar esse evento para uma outra pessoa, falará da maneira descrita acima se não tiver evidência direta do evento.			

²⁰ Willett (1988) afirma que a língua possui um evidencial que funciona tanto para 2ª mão quanto para 3ª mão e folclore, mas não dá os exemplos, apenas cita os trabalhos. No trabalho original, Barnes (1984), esse exemplo não parece completamente claro entre 2ª e 3ª mão, sendo válido para os dois contextos segundo o contexto dado pela linguista. O que decidiria qual o uso efetivo do evidencial seria o fato de o falante ter ouvido a informação de uma pessoa que soube em primeira-mão que não havia redes na loja ou se o falante ouviu essa informação como algo compartilhado entre várias pessoas.

No contexto acima, podemos ver que mesmo o falante não recebendo a informação de alguém que presenciou o evento, ele pode utilizar o evidencial ‘saryt’. Dessa forma, podemos aumentar a abrangência desse

Partindo para testar contextos de folclore (mitos e narrativas), o último dos tipos de evidência indireta reportada, podemos observar nas diversas narrativas que estão gravadas e transcritas o uso recorrente de ‘saryt’ (4).

(4)	Naka’a	saryt	kahyt	pynhadna.
	Ø-naka-’a	saryt-Ø	kahyt	pynhadna
	3-decl.-fazer	ev.rep.-nfut.	assim	história
	‘Assim é/foi a história (do sol).’[disseram] Contexto: Frase de encerramento da narrativa folclórica do nascimento do sol (Gokyp pynhadna).			

Com isso, podemos concluir que ‘saryt’ é um evidencial indireto reportado que abarca todos os três tipos de evidência indireta reportada. Essa é uma informação importante, pois já nos ajuda a aproximar o

sistema evidencial da língua de evidenciais de outras línguas.

Acabamos de ver uma introdução do evidencial indireto reportado *saryt*, vimos que uma das formas de classificação dos evidenciais é a forma de classificação baseada no tipo de evidência por ele expressa, segundo Willett (1988). Vimos também que segundo esse tipo de classificação, o evidencial '*saryt*' se comporta abarcando e expressando todos os tipos de evidência indireta reportada possíveis e isso é importante na classificação do sistema evidencial da língua e para prever o comportamento de outros evidenciais dentro desse sistema.

2.2 Saryt e Negação

Nessa seção iremos falar sobre a negação no Karitiana e sua interação com o evidencial ‘saryt’. Esse tipo de observação é importante, pois nos ajudaria a observar se ‘saryt’ faz ou não parte do conteúdo proposicional da sentença, ou seja, o conteúdo informativo da sentença. Iremos começar por descrever as formas de negação mostradas por Storto (2002) e depois vamos verificar a possibilidade de uso da negação com o evidencial. Iremos discutir relações de escopo entre o evidencial e a negação e no final iremos falar sobre concordância de negação com a palavra negativa *padni* no Karitiana, proporcionado pelo evidencial.

Em Storto (2002), podemos ver que a negação pode ocorrer com o acréscimo da palavra negativa *padni* à uma sentença declarativa (5) tornando-a negativa (6):

(5)	Taso	nakam’at	gooj.
	taso	Ø-naka-m-‘a-t	gooj
	homem	3-decl.-caus.-fazer-nfut.	canoa
	O homem fez/faz a canoa.		

(6)	Taso	im’a	padni	gooj.
	taso	i-m-‘a	padni	gooj
	homem	3-caus.-fazer	neg.	canoa
	O homem não fez/faz a canoa.			

Podemos perceber que quando a palavra negativa *padni* é inserida em uma sentença, os morfemas de modo e tempo caem, mas a concordância absolutiva ainda se mantém. Esse tipo de fenômeno também é notado em sentenças encaixadas (7) ou perguntas (8) Storto (2016)²¹.

(7)	[Yn	opiso]	atakakārāt	an.
	yn	opiso	a-taka-kārā-t	an
	1s	ouvir	2s-decl.-pensar-nfut.	2s
	Você pensou que eu ouvi.			

²¹ Trabalho apresentado no congresso Amazônicas VI de 2016 em Letícia, Colômbia.

(8)	João	ioky	ombaky?
	joão	i-oky	ombaky
	joão	3-matar	onça
	João matou a onça?		

Em trabalho mais recente Storto (2016), a linguista chama a negação feita com *padni* de negação sentencial para diferenciá-la da negação privativa e mostrar que ela age sobre toda uma sentença (oração principal).

A negação privativa, é um tipo de negação que ocorre em orações encaixadas (9) (10) e em adjetivos deverbais (11). Ela também ocorre em nomes, mas somente se um sufixo adjetivizador estiver o acompanhando (12). Storto (2016).

(9)	[Projeto Açaí pip	atatakit]	ytaso'oot	yn	anty.
	Projeto Açaí pip	a-tat-a-ki-t	y-ta-so'oot-Ø	yn	an-ty
	projeto açaí em	2s-ir-v-neg.-advz.	1s-decl.-ver-nfut.	1s	2s-obl.
	Quando você não tinha ido ao Projeto Açaí (ainda), eu te conheci. 'When you had not gone to Projeto Açaí (yet), I met you' - Original				

(10)	Jonso	ti'y	'yki	iengy	padni.
	jonso	ti'y	'y-ki	i-engy	padni
	mulher	comida	comer-neg.	3-vomitou	neg.
	A mulher que não comeu a comida, não vomitou.				

(11)	Him	hipiki
	him	hip-i-ki
	carne	cozinhar-v-neg.
	Carne crua. Literalmente: 'carne não cozida'.	

(12)	kyrydnaki
	kyry-dna-ki
	fígado-adjz.-neg.
	Sem fígado. Literalmente: ‘não com fígado’. ‘Liverless’ – Original

Em (9) podemos ver que dentro de uma oração subordinada adverbial encontramos o sufixo de negação privativa *-ki* negando somente o evento da oração subordinada. Já em (10), podemos ver que esse sufixo faz o mesmo papel de negação dentro de uma oração subordinada relativa, fora da oração, ainda vemos a negação sentencial *padni* negando a oração principal. Em (11) vemos que a negação privativa é produtiva também em conjunto com adjetivos e em (12) vemos que para usar *-ki* com substantivos, é necessário antes que ele seja adjetivizado com o acréscimo do sufixo adjetivizador *-dna*, ou seja, o nome precisa se tornar um adjetivo para entrar em composição com o *-ki*.

Nesse trabalho, não entraremos em mais detalhes em relação à negação privativa. Iremos falar mais sobre a interação de ‘*saryt*’ com a negação sentencial *padni* por achar que a interação dessas palavras pode trazer a explicação para uma outra forma de negação descrita a seguir.

A outra forma de negação mostrada por Storto (2002) e com a qual podemos nos deparar nos exemplos é como em (13) onde aparece a vogal epentética decorrente do processo fonológico que visa barrar o encontro consonantal entre as consoantes ‘t’ de ‘*saryt*’ e ‘p’ de *padni* e o apagamento posterior da palavra negativa *padni*. Em (13) podemos ver a vogal epentética <y> como sufixo junto ao evidencial e em (14), podemos ver a vogal epentética <y> ocorrendo sufixada ao verbo, mesmo com o evidencial não sendo marcado para negação.

(13)	Atykiri	kyon	oko	saryty	Byjyty	tapa’in
	atykiri	kyon	oko	saryt-y	Byjyty	Ø-ta-pa’in
	Então	chamar	iter.	ev.rep.-v	Byjyty	3-anaf-irmã
	‘Aí Byjyty não a chamou mais de sua irmã.’ [disseram]					

(14)	Isondypy	saryt	[ihadna	tim'a	opoko]ty
	i-sondyp-y	saryt- Ø	i-hadna	ti-m-'a	opoko-ty
	3-saber-v	ev.rep.-nfut.	[3-dizer	CFO-caus.-fazer	inimigo]-obl.
	'Ele não sabe o que foi dito pelo inimigo'. [disseram]				

A partir desses dados, podemos intuir algumas coisas em relação ao *padni*. Primeiro, que a negação sentencial *padni* pode aparecer tanto no verbo quanto no evidencial e que ela pode ser elidida, deixando apenas a mudança fonológica da vogal epentética no caso do verbo terminar em consoante. Segundo, se a negação pode aparecer após o verbo e o núcleo funciona que o procede (evidencial) talvez, como acontece com a marcação de tempo, essa marcação pode aparecer em ambos os núcleos (verbo e evidencial). Esse tipo de fenômeno linguístico, em que há dupla marcação de negação numa mesma sentença, é chamado de '*Negative Concord*'.

Esse fenômeno é estudado por vários linguistas em língua inglesa e para demonstrar sua ocorrência na língua e traçar um paralelo com o que ocorre no Karitiana, podemos nos valer de exemplos dos linguistas de acordo com o caso apresentado. Uma das possibilidades de *negative concord* em inglês é quando há a co-ocorrência de uma palavra negativa mais a negação sentencial. Palavra negativa, ou *N-word* no original, se trata de palavras como 'ninguém' (nobody), 'nunca' (never), 'nenhum' (none) ou 'nem' (neither). Podemos ver esse caso no exemplo (15) retirado de Labov (1972).

(15)	I ain't never lost a fight.
	(African American English) Robert, 13, South Carolina. (112a)

Neste exemplo, podemos ver a negação sentencial em '*ain't*' ocorrendo em conjunto da palavra negativa '*never*'. Outra forma de haver *negative concord* em inglês, é quando a palavra negativa assume a posição de sujeito e aparece em conjunto com a negação sentencial, como em (16).

(16)	Nobody don't know where it's at.
	Douglas S., 17, New York. (44)

Em (16), podemos ver ‘*nobody*’ em conjunto com ‘*don't*’. Outras formas de *negative concord* podem ocorrer se considerarmos sentenças encaixadas, pois a palavra negativa e a negação sentencial podem se alternar entre as sentenças. Não iremos exemplificar esses dados aqui por não termos trabalhado com negação em sentenças encaixadas no Karitiana. O ponto que queremos aqui mostrar é que quando há o uso de um evidencial em uma sentença negativa, a negação sentencial pode ser repetida, sendo que dessa forma, ela aparece duas vezes na mesma sentença, como visto com (17).

(17)	Taso	im'a	padni	saryty	padni	gooj.
	taso	i-m-'a	padni	saryt-y	padni	gooj
	homem	3-caus.-fazer	neg.	ev.rep.-v.	neg.	canoa
	'O homem não fez a canoa.'[disseram] Contexto: Uma pessoa foi a casa do homem, viu que ele não fez a canoa e contou para o falante. Para falar para outra pessoa que o homem não fez a canoa, o falante pode falar a sentença acima.					

Podemos ver que na sentença (17) temos a dupla ocorrência da negação sentencial expressa pela palavra ‘*padni*’. Diferentemente do que ocorre nos exemplos do inglês, não há a adição de uma palavra negativa em conjunto com a negação sentencial e sim uma outra forma de formação de ‘*negative concord*’ parecida com a que temos no português em (18):

(18)	Eu não vou não.
------	-----------------

Segundo vemos em Labov (1972), o fenômeno de ‘*negative concord*’ tem um caráter cumulativo ou fortemente enfático. Isso quer dizer que em alguns dos casos estudados por ele, a dupla negação traz como contribuição para a sentença o caráter de enfatizar a negação e não há outra mudança significativa no sentido da sentença. Segundo o que foi visto com os informantes do Karitiana e a nossa intuição como falantes nativos do português, esse parece ser o que ocorre nos usos de ‘*negative concord*’ nessas línguas. Mesmo que no Karitiana, muito

ainda tenha que ser estudado já que podemos ver que na língua, existe a possibilidade do uso de da negação sentencial na oração principal e a negação privativa em uma oração encaixada, como Storto (2016) mostra em (10), repetido em (19):

(19)	Jonso	ti'y	'yki	iengy	padni.
	jonso	ti'y	'y-ki	i-engy	padni
	mulher	comida	comer-neg.	3-vomitare	neg.
	A mulher que não comeu a comida, não vomitou.				

O uso do evidencial '*saryt*' nessa sentença pode trazer novas possibilidades de observação da negação. O que pode ser feito em futuros estudos.

Um último fato a ser elencado é o fato da possibilidade do evidencial ser negado pela negação sentencial adicionada a ele. Não podemos pensar na negação negando a contribuição de fonte de informação trazida pelo evidencial. Em nossos testes, não conseguimos montar um contexto no qual ao utilizar o evidencial e a negação sentencial, ocorresse a negação do valor evidencial (20):

(20)	Falante A:	João	ioky	saryt	ombaky?
		joão	i-oky	saryt	ombaky
		joão	3-matar	ev.rep.	onça
		João matou a onça? [disseram]			
	Falante B:	Ioky		padni	
		i-oky		padni	
		3-matar		neg.	
		Não matou.			
	Falante B:	João	naokyt	saryt	pikom
		joão	na-oky-t	saryt-Ø	pikom
		joão	decl.-matar-nfut.	ev.rep.-nfut.	macaco
		João matou o macaco. [disseram]			

(21)	Falante A:	João	ioky	saryt	ombaky?
		joão	i-oky	saryt	ombaky
		joão	3-matar	ev.rep.	onça
		João matou a onça? [disseram]			
	Falante B:	Ioky	saryty	padni	
		i-oky	saryt-y	padni	
		3-matar	ev.rep.-v.	neg.	
		*Não [disseram] (que) matou.			
	Falante B:	João	naokyt		ombaky
		joão	na-oky-t		onça
		joão	‘decl.-matar-nfut.		onça
		João matou a onça.			

O que tentamos no contexto (21) foi criar um diálogo em que o falante B negasse a contribuição de ‘*saryt*’, no sentido de que não foi dito algo, mas que foi presenciado, como uma correção da sentença do falante A. Além de ter sido um contexto muito difícil para o falante entender o que estava sendo pedido, ele sempre dava a interpretação de que o João não matou a onça, mas nunca que o fato de João ter matado a onça tenha sido contato por um terceiro.

Assim, terminamos a subseção de negação e sua interação com o evidencial indireto. Nessa seção pudemos ver que o uso da negação sentencial com o evidencial é possível sem nenhuma restrição. Vimos também que a inclusão do evidencial na sentença possibilita a ocorrência de duas negações sentenciais numa mesma sentença (negative concord) e que na parte da negação, ainda há muito a ser entendido e testes a serem feitos no sentido de verificar a possibilidade de ocorrência do evidencial ‘*saryt*’ com a negação privativa –*ki*. O último ponto discutido na seção é em relação à possível impossibilidade de negar o valor que o evidencial traz para a sentença com o uso da negação sentencial *padni*.

2.3 Saryt e Modos.

Nessa seção vamos verificar a possibilidade de ocorrência do evidencial ‘saryt’ com os diversos morfemas de modo encontrados na língua.

O conceito de modo aqui utilizado, é o conceito presente em Storto (2002). Ferreira (no prelo) está trabalhando com os modos da língua sob uma perspectiva da semântica formal, mas como sua análise ainda não está terminada, iremos nos ater à análise de Storto. Nesse texto, a autora nos mostra que a língua possui 6 morfemas de modo, sendo eles o modo declarativo, assertivo, deôntico, citativo, condicional e imperativo, os cinco primeiros morfemas são prefixos verbais e o morfema de modo imperativo é o único sufixo.

Iremos começar mostrando os dados que já existiam na literatura em Storto (2002) que mostravam os dados de evidenciais em conjunto com os modos declarativo (decl.) e assertivo (assert.). Depois passaremos para os outros modos existentes na língua para no final mostrar o interessante fenômeno linguístico que ocorre quando se juntam o evidencial ‘saryt’ e o modo imperativo em uma mesma sentença. Lembrando que ao entrar em cada um dos modos, iremos mostrar o tratamento dado por Storto (2002) a ele e as ocorrências que ela relata para os seus usos.

2.3.1 Modo declarativo e saryt

Esse é um dos modos mais produtivos da língua Karitiana. Storto (2002) nos mostra que as sentenças negativas, encaixadas, interrogativas e citações diretas não possuem morfologia de modo, mas as declarativas afirmativas são marcadas pelo modo declarativo. Os morfemas prefixais desse modo são *na(ka)-* e *ta(ka)-*, sendo que *na(ka)-* é utilizado após ‘Ø’ e *ta(ka)-* utilizado nos demais contextos de concordância (primeira e segunda pessoa), como podemos ver em (22) e (23) a seguir:

(22)	Taso	naokyt	boroja
	taso	Ø-na-oky-t	boroja
	homem	3-decl.-matar-nfut.	cobra
	O homem matou a cobra.		

(23)	Ytaopisot	yn
	y-ta-opiso-t	yn
	1s-decl.-ouvir-nfut.	1s
	Eu ouvi.	

Nos dados coletados junto aos falantes e nos dados coletados de narrativas, o modo declarativo é o que mais aparece em sentenças com o evidencial reportado ‘saryt’. Em (24), podemos ver o uso de ‘saryt’ em conjunto com o modo declarativo. Esse foi um dos dados elicitados diretamente com um falante nativo. Em (25) e (26), vemos dados dessa mesma interação encontrados nas narrativas que temos transcritas e traduzidas.

(24)	João	nakahit	saryt	dinheiroty	Maria
	joão	Ø-naka-hit	saryt-Ø	dinheiro-ty	maria
	joão	3-decl.-dar	ev.rep.-nfut.	dinheiro-obl.	maria
	João deu o dinheiro para Maria. [disseram]. Contexto: Uma pessoa viu que João deu o dinheiro para a Maria e contou essa informação para o falante. Ao falar essa sentença para outra pessoa, o falante usará (24).				

(25)	Naka’a	saryt	kahyt	Gokyp	pynhadna
	Ø-naka-‘a	saryt-Ø	kahyt	gokyp	pynhadna
	3-decl.-fazer	ev.rep.-nfut.	assim	‘o sol’	história
	Assim foi a história do sol. [disseram]. Contexto: narrativa.				

(26)	Nakam'a	saryt	kinda	Botyĩ	napytim'adn	Botyĩ
	Ø-naka-'a	saryt-Ø	kinda	botyĩ	na-pytim'adn-Ø	botyĩ
	3-decl.-fazer	ev.rep.-nfut.	coisa	botyĩ	decl.-trabalhar-nfut.	botyĩ
	Botyĩ trabalhou para fazer as coisas, trabalhou. [disseram]. Contexto: narrativa.					

Nos exemplos acima, podemos ver que a adição do evidencial 'saryt' às sentenças, trouxe para elas a fonte de informação reportada, ou seja, marca que o falante não viu o fato por ele relatado e soube através de outras pessoas ou folclore. Por se tratarem de narrativas, que são contadas oralmente entre as gerações, essa marca torna-se praticamente obrigatória e não vimos até um momento uma narrativa mítica que não trouxesse essa marca.

É importante lembrar que há alguns alomorfes dos morfemas de modo declarativo como o morfema glosado por Storto (2002) como habitual (27). Esse tipo de morfema não foi testado para verificação de sua coocorrência com evidenciais.

(27)	Apip	napynkĩkĩ	andyk	y'ete'et
	a-pip	na-pyn-kĩkĩ	andyk	y-'ete-'et
	aquilo-em	habit.-deon.-chorar	referencial	1s-filho-filho
	Aí, deve-se chorar então, meu neto.			

No exemplo (27) podemos ver que há um prefixo verbal semelhante ao de modo declarativo *na(ka)*. Ele aparece prefixando um outro morfema de modo, o prefixo de modo deôntico, para mais informações, checar Ferreira (no prelo).

Outro ponto importante em relação ao modo declarativo é o fato de que em alguns contextos, os alomorfes *na(ka)-* e *ta(ka)-* não seguem o condicionamento fonológico esperado. Em alguns casos, parece haver um mecanismo que assinala um uso evidencial inferencial, mas que não é usado por muitos falantes. Esse tipo de estratégia da língua foi tratado no capítulo 1. Em narrativas, também vemos esse tipo de alternância com o uso do evidencial reportado (28) e (29). Esse tipo de utilização não foi investigado e aparentemente, o marcador da fonte de informação parece ser somente o 'saryt', iremos ver isso no capítulo 4 quando tratarmos de mais de um evidencial na mesma sentença.

(28)	Ora	taaka	saryt	iakat,	Botỹjo	iakat
	ora	ta-aka	saryt-Ø	i-aka-t	botỹjo	i-aka-t
	ora	decl.-cop.	ev.rep.n fut.	3-cop.-nfut.	botỹjo	3-cop.nfut.
ii	Tomboto iakat		syypom	taso	myhint	̃jonso
	tomboto	i-aka-t	syypom	taso	myhint	̃jonso
	tomboto	3-cop.-nfut.	dois	homens	uma	mulher
Tinha apenas Ora, Botỹj e Tomboto, dois homens e uma mulher. [disseram] Contexto: Narrativa.						

(29)	Byj	taaka	saryt	ik̃it
	byj	ta-aka	saryt-Ø	ik̃it
	chefe	decl.cop.	ev.rep.nfut.	cedro
	[Diz que] o cedro é chefe. Contexto: Narrativa.			

Como podemos ver nos exemplos acima, o morfema de modo declarativo *ta(ka)-* aparece em ambiente de concordância de terceira pessoa em conjunto com a ocorrência do evidencial reportado ‘*saryt*’. O valor de fonte de informação em ambos os casos é de evidência reportada e não de evidência inferencial como poderia ser esperado nesses contextos.

Como acabamos de ver, o evidencial reportado pode ocorrer com o modo declarativo sem problemas. Vimos as ocorrências dos morfemas que denotam esse modo e depois vimos construções em que ele apareceu junto com o evidencial. Ainda precisamos verificar a ocorrência do evidencial reportado com o modo declarativo no futuro, pois até agora, só observamos sentenças no não-futuro. Isso será feito na seção em que trataremos da interação entre evidencial reportado e tempo.

2.3.2 Modo assertivo e saryt

Nessa seção iremos observar a possibilidade da ocorrência do evidencial reportado em sentenças marcadas pelo modo assertivo. Em Storto (2002) vemos que o modo assertivo é marcado pelo prefixo *py-* e seus alomorfes *pyr-* e *pyry-* seguindo o seguinte esquema:

$$\{ \text{Pyt-} \} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{py-/_raiz} \mid \text{CV.'CV...} \mid \\ \text{pyr-/_raiz} \mid \text{V.'CV...} \mid \\ \text{pyry-/_raiz} \mid \text{'CV...} \mid \end{array} \right\}$$

Esse prefixo, ainda segundo a linguista, ocorre nos seguintes contextos:

Respostas afirmativas a perguntas polares (30) e (31):

(30)	Falante A:	Ise'adna bypan pitat pip him oky?
		É bom matar caça com arma?
	Falante B:	Pyse'adnyn.
		Sim, é bom.

(31)	Falante A:	Aotidn byk tamini ambyk?
		Você não ficou doente depois?
	Falante B:	Ypyrotidn byk yn
		Sim, fiquei doente depois.

Sentença introdutória de narrativa (32) e (33):

(32)	Pyry'a	sarytyn	keerep	Gokyp
	Ø-pyry-'a	saryt-yn	keerep	gokyp
	3-assert.-fazer	ev.rep.-nfut.	antigamente	'o sol'
	O sol era assim antigamente. [disseram]			

(33)	Pyram'adn	y'ete'et	yjboop
	Ø-pyr-a-m-‘a-dn	y-‘ete-et	yj-boop
	3-assert.-pass.-caus.-fazer-nfut.	1s-filho-filho	1p-morto
	É assim que se lidava com os mortos, meu neto.		

Conclusão de narrativa (34):

(34)	Pyrym'a	ta'ãn	keerep
	Ø-pyry-m-‘a	ta'ãn-n	keerep
	3-assert.-caus.-fazer	ev.?-nfut.	antigamente
	Era assim antigamente.		

Expressão de um enunciado enfático (35):

(35)	Yh!	Pyrypopo'oomyn	ombaky
	yh	Ø-pyry-popo-‘oom-yn	ombaky
	interj.	3-assert.-morrer-dubit.-nfut.	onça
	Ah! A onça morreu!		

Expressão de uma opinião (36):

(36)	Pyse'adnyn	iri'aj	Botyĩ
	Ø-Py-se'adn-yn	iri-'a-j	botyĩ
	3-assert.-bom-nfut.	cit.-dizer-nfut	botyĩ
	Está bom, disse Botyĩ.		

No texto de 2002, a autora ainda fala que um ambiente obrigatório para o uso do modo assertivo é quando há uma sentença na passiva. Nesse texto, não há exemplos, mas se formos para Storto (1999), podemos ver o uso do modo assertivo em passivas em (37) e (38):

(37)	Pyraotydn	õwã
	Ø-pyr-a-oty-dn	õwã
	3-assert.-pass.-banho-nfut	criança
	O banho foi dado na criança. <i>They bathed the child - Original</i>	

(38)	Pyrapesekan	gok
	Ø-pyr-a-pesek-an	gok
	3-assert.-pass.-espremer-nfut.	mandioca
	A mandioca foi espremida. <i>They squeezed manioc. - Original</i>	

Como já pudemos observar no exemplo (32), o evidencial ‘saryt’ já foi constatado em sentenças com o modo assertivo. Principalmente se levarmos em conta o seu uso para narrativa de mitos, pois nesse contexto, o evidencial reportado aparece com alta frequência e, geralmente, a sentença inicial desse tipo de narrativa começa utilizando o modo assertivo.

O aparecimento do evidencial reportado não foi testado em todos os contextos descritos em Storto (2002), mas pelos dados que temos, podemos pensar que não há restrições para a ocorrência do evidencial em sentenças marcadas por esse prefixo de modo. Além do exemplo (32) que nos mostra o evidencial sendo utilizado em seu uso de contexto mitológico, podemos ver nos exemplos (39) e (40) que ele pode ser utilizado também em seu uso de segunda ou terceira mão em resposta a perguntas:

(39)	<i>Alguém te pergunta se João matou o macaco, você não viu isso acontecer, mas soube porque outra pessoa te contou, como responder a essa pergunta em Karitiana?</i>		
	Pyroky	sarytyn	pikom
	Ø-pyr-oky	saryt-yn	pikom
	3-assert.-matar	ev.rep.-nfut.	macaco
	João matou o macaco. [disseram]		

(40)	Alguém te pergunta se você viu o macaco que rondava a aldeia correr para a mata e você não viu isso acontecer, mas soube porque outra pessoa te disse, como responder a essa pergunta em Karitiana?			
	Pyrypykŷn	sarytyn	pikom	gopi
	Ø-pyry-pykynŷn	saryt-yn	pikom	gopi
	3-assert.-correr	ev.rep.	pikom	mata
	O macaco correu para a mata. [disseram]			

Outro dos contextos no qual foi testada a ocorrência do evidencial reportado, foi em orações passivas. Ao contrário do esperado pela leitura que vimos em Storto (2002), ao invés de encontrarmos sentenças passivas marcadas pelo modo assertivo, vimos sentenças no modo declarativo (41)²²:

(41)	Livroty	naahit	saryt	Maria
	livro-ty	na-a-hit	saryt-Ø	maria
	livro-obl.	decl.-pass.-dar	ev.rep.-nfut.	maria
	O livro foi dado à Maria. [disseram] Contexto: Uma pessoa perguntou a quem foi dado o livro. O falante não viu, mas foi informado de que o livro foi dado à Maria, então ele pode usar a sentença acima.			

Com os dados acima, mostramos que a ocorrência do evidencial reportado em sentenças marcadas pelo modo assertivo são possíveis. Começamos mostrando os contextos que a literatura diz ser mais propensa ao aparecimento desse tipo de marcação e em seguida, mostramos os dados da gramaticalidade do evidencial em alguns desses contextos. Agora, iremos entrar nos modos deôntico, condicional, citativo e imperativo. Modos com os quais nunca haviam sido feitos testes de ocorrência com o evidencial ‘saryt’.

²² Em Storto e Rocha (2014) os autores fazem uma correção do artigo de 2002 falando que as sentenças passivas também ocorrem em conjunto com o modo declarativo.

2.3.3 Modo deôntico e saryt

A modalidade deôntica é a que expressa a permissão, o comprometimento e a obrigação Palmer (2001). Em Storto (2002), o modo deôntico é marcado com o morfema *pyn-* (42). Nos exemplos dados pela autora, além do prefixo deôntico, ainda aparece um prefixo que ela chama de habitual e que é alomorfe do morfema de modo declarativo *na-* (43):

(42)	Pynpyt'y-t		
	pyn-pyt'y-t		
	deon.-comer-nfut.		
	Ele deve comer.		

(43)	Apip	napynhot	y'ete'et
	a-pip	na-pyn-hot	y-'ete-'et
	aquilo-em	habit.-deon.-ir (pl.)-nfut.	1s-filho-filho
	Aí, as pessoas devem ir, meu neto.		

Testamos a ocorrência do evidencial reportado em sentenças de modo deôntico. Procuramos criar contextos em que a morfologia de modo deôntico pudesse aparecer, mas aparentemente, ou não conseguimos um contexto satisfatório para o aparecimento espontâneo desse morfema ou os falantes não o estão utilizando com a mesma frequência que utilizam outros modos como o declarativo. A alternativa, foi perguntar se nos contextos dados sentenças dadas por nós na língua Karitiana estavam corretas. Após aplicado o teste com os falantes nativos, obtivemos os seguintes dados (44) e (45):

(44)	Pynpyt'y-t	saryt
	pyn-pyt'y-t	saryt
	deon.-comer-nfut.	ev.rep.
	Ele deve comer. [disseram] Contexto: João está doente e o médico falou que ele deve comer para outra pessoa que contou essa informação ao falante. Para falar isso para outra pessoa, ele pode usar a sentença acima.	

(45)	Pynpyroty	saryt	daki	i
	pyn-pyr-oty	saryt	dak-i	i
	deon.-assert.?-banhar	ev.rep.	referencial-fut.	3
	Ele vai ter que tomar banho. [disseram] Contexto: Alguém disse ao falante que a criança precisa tomar banho. Ao falar essa informação para outra pessoa, o falante pode falar a sentença acima.			

Ao que podemos ver nos exemplos, o evidencial reportado pode ser utilizado em conjunto com o morfema de modo deôntico. O que chama a atenção ao analisar o segundo exemplo dado pelo falante (45), é o aparecimento de um morfema prefixal *pyr-*. Esse morfema parece ser o morfema do modo assertivo, Ferreira (no prelo) está nesse momento analisando esse tipo de dado. Iremos voltar a esse dado quando formos falar sobre o tempo futuro.

2.3.4 Modo condicional e saryt²³

O próximo morfema modal que iremos verificar é o morfema de modo condicional. Ainda seguindo Storto (2002), o modo condicional expressa o sentido condicional, ou seja, uma

²³ Pela distribuição mostrada pelo morfema de modo condicional em nosso trabalho, pode haver uma alomorfia entre *ŷy_C* e *ŷyt_V*, o aparecimento de um novo morfema ou até um erro na interpretação dos dados. É necessário um estudo voltado a esse morfema para que isso seja esclarecido e manteremos no trabalho a forma que percebemos o morfema nas entrevistas e audios.

condição. Sentenças marcadas pelo modo condicional apresentam além do prefixo verbal *ỹ-* na oração principal, apresenta o sufixo verbal *-<v>m*, na oração subordinada se ela for perfectiva. Os exemplos dados pela linguista, são (46) e (47):

(46)	Yn ỹsoko ỹit	eremby	aotamam
	yn-ỹy-soko ỹi-t	eremby	a-otam-am
	1s-cond.-amarrar-nfut	rede	2s-chegar-perfectivo
	Eu amarraria a rede se você tivesse chegado.		

(47)	Yn ỹypit	yn	‘ip	an ti’yt
	yn-ỹy-pit	yn	‘ip	an-ti’y-t
	1s-cond.-pegar	1s	peixe	2s-comer-obl.
	Eu ia pegar o peixe para você comer.			

Os dados coletados com os falantes nativos mostram que a ocorrência do evidencial reportado é possível em sentenças marcadas pelo modo condicional. Mostram também que as sentenças marcadas pelo modo condicional podem ser sentenças com período simples, ou seja, não precisam conter uma oração encaixada (48) e (49):

(48)	Inácio	ỹyn’yt	saryt	‘ip
	inácio	Ø-ỹyn-‘y-t	saryt-Ø	‘ip
	inácio	3-cond.-comer-nfut	ev.rep.-nfut.	peixe
	<p>Inácio ia comer o peixe. [disseram]</p> <p>Contexto: Disseram para o falante que Inácio tinha a intenção de comer o peixe. Para passar essa informação para outra pessoa, o falante pode usar a sentença acima.</p>			

(49)	Inácio	ĩynokyt	saryt	ombaky
	inácio	Ø-ĩyn-oky-t	saryt-Ø	ombaky
	inácio	3-cond.-matar-nfut	ev.rep.-nfut.	onça
	<p>Inácio ia matar a onça. [disseram]</p> <p>Contexto: Disseram para o falante que Inácio tinha a intenção de matar a onça. Para passar essa informação para outra pessoa, o falante pode usar a sentença acima.</p>			

Mesmo constatada a ocorrência do evidencial reportado em sentenças com período simples marcadas pelo modo condicional, sentenças com período composto também são possíveis (50) e (51):

(50)	João	ĩynso'oot	saryt	pikomty	haka	ikokotop
	joão	Ø-ĩyn-so'oot	saryt-Ø	pikom-ty	haka	i-kokotop
	joão	3-cond.-ver	ev.rep.-nfut	macaco-obl.	aqui	3-passar
	<p>João veria o macaco se ele passasse por aqui. [disseram]</p> <p>Contexto: Um grupo de pessoas estava procurando um macaco que fugiu pela mata. Uma pessoa fala ao falante, que se o macaco passasse onde João ficou de guarda, ele o teria visto. Ao falar essa sentença para outra pessoa, o falante poderia utilizar a sentença acima.</p>					

(51)	João	ĩynpykynñn	saryt	ombakty	gopip	ta'akip
	joão	Ø-ĩyn-pykynñn	saryt-Ø	ombaky-ty	gopip	ta-'akip
	joão	3-cond.-correr	ev.rep.-nfut	onça-obl.	mata	3anaf-estar
	<p>João correria da onça se ela estivesse na mata. [disseram]</p> <p>Contexto: Um grupo de pessoas foi caçar na mata. O grupo se dividiu e a pessoa que estava com João falou que ele correria se a onça estivesse na mata. Ao falar essa informação para outra pessoa, o falante poderia usar a sentença acima.</p>					

Nos exemplos acima, vimos que mesmo sentenças marcadas pelo modo condicional e que contém uma oração encaixada também podem apresentar o uso do evidencial reportado na oração principal.

Algo que chamou a atenção ao coletar dados sobre a ocorrência desse morfema de modo com o evidencial foi o fato que ao pedir a sentença negativa do modo condicional, o morfema deste modo permanecer na sentença, ao contrário do que era esperado pela literatura já que vimos acima que quando a negação sentencial aparece numa sentença, a morfologia de modo não costuma aparecer (52) e (53)²⁴:

(52)	J̃ynso'oot	saryty	padni	pikomty	João	hak	ikokotop.
	Ø-j̃yn-so'oot	saryt-y	padni	pikom-ty	joão	hak	i-kokotop
	3-cond.-ver	ev.rep.-v.	neg.	macaco-obl.	joão	aqui	3-passar
	<p>João não veria o macaco se ele passasse por aqui. [disseram]</p> <p>Contexto: Um grupo de pessoas estava procurando um macaco de estimação que fugiu pela mata. Uma pessoa fala ao falante, que se o macaco passasse onde João ficou de guarda, ele não o teria visto por estar distraído. Ao falar essa sentença para outra pessoa, o falante poderia utilizar a sentença acima.</p>						

(53)	J̃ynpykynyn	saryty	padni	João	ombaky	gopip	ta'a	tyki'oot.
	Ø-j̃yn-pykynyn	saryt	padni	joão	ombaky-ty	gopip	ta-'a	ty-ka-'oot
	3-cond.-correr	ev.rep	neg.	joão	onça-obl.	mata	3anaf-ser	impfvo-ka-inceptivo
	<p>João não correria da onça se ela estiver na mata. [disseram]</p> <p>Contexto: Um grupo de pessoas foi caçar na mata. O grupo se dividiu e a pessoa que estava com João falou que ele não correria se a onça estiver na mata. Ao falar essa informação para outra pessoa, o falante poderia usar a sentença acima.</p>							

²⁴ Esse tipo de fenômeno foi encontrado também nos dados de Ferreira (no prelo) e Storto (2016).

Nos exemplos acima, vimos que diferentemente do esperado em sentenças onde há a negação sentencial, o morfema do modo condicional se manteve e a construção em conjunto com o evidencial reportado foi possível. Outro fator importante a ser apontado é a mudança da estrutura da sentença negativa em (53). Nessa sentença, apareceu na oração subordinada uma combinação de morfemas aspectuais (imperfectivo + inceptivo) que parece ter mudado o sentido da oração. Carvalho (2010) mostra que quando esse fenômeno ocorre, parece haver uma transformação dos verbos auxiliares em subordinadores e podemos ver as sentenças que ela usa como exemplo (54), (55) e (56)²⁵:

(54)	Õwã	ohit	tyki'oot	jonso	naamang	tykat	gok
	õwã	ohit	ty-ka- 'oot	jonso	na-amang	ty-ka-t	gok
	criança	pescar	impfvo- ka- inceptivo	mulher	decl.- plantar	impfvo- ka-nfut.	mandioca
	A criança está pescando enquanto a mulher está plantando mandioca.						

(55)	Õwã	ohit	tyji'oot	jonso	naamang	tykat	gok
	õwã	ohit	ty-jã-'oot	jonso	na-amang	ty-ka-t	gok
	criança	pescar	impfvo- ja- inceptivo	mulher	decl.- plantar	impfvo- ka-nfut.	mandioca
	A criança está sentada pescando enquanto a mulher está plantando mandioca.						

²⁵ Há uma argumentação de que o morfema *ty-* não seja imperfectivo porque aparece como perfectivo no caso de *tykiri*. Nesse trabalho, manteremos a forma encontrada em Carvalho (2010) sabendo que ainda há muito a ser feito para a descrição da morfologia de aspecto na língua.

(56)	Õwã	ohit	tyso'oot	ĩjonso	naamang	tykat	gok
	õwã	ohit	ty-so- 'oot	ĩjonso	na-amang	ty-ka-t	gok
	criança	pescar	impfvo- so- inceptivo	mulher	decl.- plantar	impfvo- ka-nfut.	mandioca
	A criança está em pé pescando enquanto a mulher está plantando mandioca.						

Estudos sobre esse tipo de fenômeno ainda não foram realizados sobre a contribuição semântica dos diversos clíticos e morfemas aspectuais da língua. Segundo vemos pelos exemplos da linguista, aparentemente, o exemplo (53) poderia ser traduzido também da seguinte maneira (57):

(57)	Jỹnpykynyn saryty padni João ombakyty gopip ta'a tyki'oot.
	João não correria da onça se ela estiver na mata. [disseram]
	João não correria da onça enquanto ela estiver na mata. [disseram]

Possivelmente, a principal diferença nas duas interpretações é que na primeira, há uma possibilidade, uma condição e na segunda tradução, a onça está realmente na mata, em uma ação concomitante com o fato de João não correr. Nessa seção mostramos que o modo condicional pode coocorrer com o evidencial reportado em vários tipos de sentenças. Com isso constatado, podemos passar para o penúltimo modo a ser testado, o modo citativo.

2.3.5 Modo citativo e saryt

O modo citativo é marcado pelo prefixo verbal *iri-* na oração principal quando há uma citação direta como oração encaixada (Storto, 2002). A autora ainda afirma que esse modo só é utilizado em narrativas.

Algo peculiar a esse morfema de modo é que ele somente aparece flexionado no futuro, ou seja, nunca recebe o sufixo de não-futuro que viemos utilizando até o momento. No texto de 2002, a autora mostra quais os sufixos temporais pertinentes aos modos declarativo, assertivo e citativo (58):

(58) MODO	Futuro	Não-Futuro
Declarativo (decl.)	-i /-j	-t / -Ø
Assertivo (assert.)	-i /-j	-<y>n
Citativo (cit.)	-i /-j	Não usado

Os exemplos são apresentados por Storto (2002) (59) e (60):

(59)	Tasoojo		tatat		irikārāj		Botyĩ	
	ta-soojo		tat-a-t		iri-kārā-j		botyĩ	
	3anaf.-mulher		ir-v.-obl.		cit.-pensar-fut.		botyĩ	
	Botyĩ pensou que sua mulher o deixou.							
(60)	Kinda	pojongo	taket	tamtataty		irikārāj		Botyĩ
	kinda	pojongo	ta-ket	ta-m-tat-a-ty		iri-kārā-j		botyĩ
	coisa	estrangeiro	3anaf.-irmão	3anaf.-caus.-ir-v.-obl.		cit.-pensar-fut.		botyĩ
	Botyĩ pensou que seu irmão transformou-se em um estrangeiro.							

Uma outra utilização apontada pela autora para esse morfema de modo é quando ele marca uma sentença matriz que segue citações (61):

(61)	Pyse'adnyn		iri'aj	Botyĩ
	py-se'adn-yn		iri-'a-j	botyĩ
	assert.-bom-nfut.		cit.-dizer-fut.	botyĩ
	Está bom, disse Botyĩ.			

No exemplo (61) a autora aponta como uma possível explicação para que o modo citativo venha sempre flexionado no futuro o fato de que a sentença por ele marcada seja posterior, esteja no futuro, em relação à citação expressa na encaixada.

Os testes feitos sobre o uso do evidencial reportado com o modo citativo mostraram a possibilidade de coocorrência entre eles. Cremos que tanto o uso em narrativas quanto a utilização em citação sejam ambientes que favoreçam o uso do evidencial em seu uso mitológico, de segunda ou terceira-mão (62) e (63). Como era de se esperar, o evidencial aparece nesses casos, sempre flexionado no futuro já que ele adquire a marcação obrigatória de tempo do verbo.

(62)	Tasoojo	tatat	irikāraj	saryri	Botỹj
	ta-soojo	tat-a-t	iri-kārã-j	saryt-i	botỹj
	3anaf.-mulher	ir-v.-obl.	cit.-pensar-fut.	ev.rep.-fut.	botỹj
	Botỹj pensou que sua mulher o deixou. [disseram] Contexto: narrativa				

(63)	Ora	him	‘yty	irikārã	saryri	Botỹj
	ora	him	‘y-ty	iri-kārã	saryt-i	botỹj
	ora	caça	comer-obl.	cit.-pensar	ev.rep.-fut.	botỹj
	Botỹj pensou que Ora comeu a caça. [disseram] Contexto: narrativa.					

Como havíamos visto no exemplo (53), onde a inserção da negação sentencial não fez com que o morfema de modo caísse, com esse modo pode ocorrer o mesmo fenômeno:

(64)	Him	Ora	‘yty	irikārã	saryty	padni	Botỹj
	him	ora	‘y-ty	iri-kārã	saryt-y	padni	botyỹj
	caça	ora	comer-obl.	cit.-pensar	ev.rep.-v.	neg.	botyỹj
	Botỹj não pensou que Ora comeu a caça. [disseram] Contexto: narrativa.						

Em (61) vimos uma sentença que continha a coocorrência de dois morfemas de modo distintos, um na oração principal *iri-* e outro na oração encaixada *py-*. Nos exemplos ilicitados com o falante nativo ocorreu mais uma utilização desse tipo de construção, onde há o uso do

morfema de modo declarativo *ta-* na oração encaixada e o morfema de modo citativo na oração encaixada (65):

(65)	Ombaky	ataokyt	Ora	iri'aj	saryri	Botỹj
	ombaky	a-ta-oky-t	ora	iri-'a-j	saryt-i	botỹj
	onça	2s-decl.-matar-nfut.	ora	cit.- dizer-fut.	ev.rep.- fut.	botỹj
	Botỹj disse: Ora, você matou a onça. [disseram] Contexto: narrativa					

A sentença pedida ao falante em (65) foi ‘Botỹj disse que Ora matou a onça.’, mas aparentemente o falante reportou a sentença como em um discurso direto. Mesmo havendo essa modificação na estrutura da sentença, o evidencial pode coocorrer com o morfema de modo citativo sem nenhum problema.

Após vermos que o evidencial reportado pode ser utilizado em sentenças com o modo citativo, podemos passar para o último dos modos da língua, o modo imperativo.

2.3.6 Modo Imperativo e *saryt*

Agora trataremos o modo imperativo. De todos os morfemas modais do Karitiana, o do modo imperativo é o único que se apresenta como um sufixo. Os sufixos verbais utilizados para expressar o imperativo afirmativo são *-a/-Ø* e para expressar o imperativo negativo *-y/-Ø*, Storto (2002).

(66)	-a /C_
	-Ø /V_

Ainda segundo ela, a forma negativa apresenta tom baixo enquanto a afirmativa apresenta tom alto. A forma negativa ainda pode ser acrescida opcionalmente do morfema de

negação ‘*padni*’. No modo imperativo, a língua ainda segue o padrão de concordância absoluta.

Podemos ver os exemplos dados pela autora abaixo (67) e (68):

(67)	Yhira
	y-hit-a
	1s-dar-imp.
	Me de!

(68)	Aoty
	a-oty-Ø
	2s-banhar-imp.
	Tome banho!

O imperativo negativo tem o seguinte padrão de variação (69):

(69)	-y /C_
	-Ø /V_

Seguem alguns exemplos dados pela autora (70) (71) e (72)²⁶:

(70)	An	ymi
	an	y-mi-Ø
	2s	1s-bater-neg. imp.
	Não me bata!	

(71)	An	imsemboky
	an	i-m-sembo-k-y
	2s	3-caus.-molhado-neg. imp.
	Não molhe (ele)!	

²⁶ Para mais exemplos ver Demolin & Storto (2005).

(72)	Apiso (padni)
	a-piso-Ø (padni)
	2s-pisar-imp. (neg.)
	Não pise!

Pode parecer pouco usual pensar no uso de um evidencial em conjunto com comandos se nos perguntarmos qual seria a fonte de informação de uma ordem, mas se observarmos Aikhenvald (2010), iremos ver que o uso de evidenciais reportados ou indiretos junto com comandos pode ser um mecanismo produtivo. A autora mostra que em Warlpiri (Pama-Nyungan, Austrália), a adição do evidencial reportado em um comando tem a função de atenuar a ordem. Com isso, a sentença é pronunciada com a entonação de questão (73)²⁷:

(73)	Marnalu	manta,	nganta?
	marna-lu	ma-nta	nganta
	spinifex-3pl	pegar- imp.	ev.rep.
	Peguem a grama spinifex? No original: Pick up the spinifex grass, won't you?		

Já em Meithei (Sino-Tibetana, Índia), quando o evidencial indireto (não primeira-mão) é utilizado em um comando, implica que o falante espera que a ordem seja cumprida na sua ausência (74)²⁸:

(74)	əpəl	čáləmu
	əpəl	čá-ləm-u
	maçã	comer-ev.ind.- imp.
	Coma essa maçã (Quando eu sair)! No original: Eat that apple (When I have gone)!	

Línguas mais próximas a nós, geograficamente falando, também utilizam os evidenciais em conjunto com comandos. Nos exemplos a seguir (75) e (76), podemos ver que o Tariana

²⁷ Aikhenvald (2010) cf. Laughren (1982)

²⁸ Aikhenvald (2010) cf. Chelliah (1997).

(Aruak, Brasil) e o Tukano (Tukano, Brasil), respectivamente, utilizam evidenciais reportados em conjunto com comandos para formar o fenômeno denominado por Aikhenvald (2008 e 2010) *imperative by proxy*.

(75)	piñhapida
	pi-ñha-pida
	2s-comer-sec.imp.
	Coma (seguindo ordens de outra pessoa)!
	No original: Eat (on someone else's order)!

(76)	ba'âato
	ba'â-ato
	comer- sec.imp.
	Coma (seguindo ordens de outra pessoa)!
	No original: Eat (on someone else's order)!

Imperative by proxy é o fenômeno que ocorre quando o falante utiliza uma construção de um evidencial reportado em conjunto com o imperativo para passar a outra pessoa uma ordem que não partiu dele. Nos exemplos acima, (74 e 76), podemos ver o falante utilizar um evidencial reportado em um comando para dizer à pessoa com quem ele fala que a ordem não partiu dele, mas está sendo repetida por ele. Aikhenvald (2010) afirma que além do Tukano, outras línguas da família Tukano como o Tuyuka (Tukano, Brasil e Colômbia) e Wanano (Tukano, Brasil e Colômbia) também possuem esse fenômeno linguístico. Os morfemas que o representam, são cognatos (em Tukano *-ato*, em Tuyuka *-aro* e em Wanano *-haro*) e não possuem relação com os evidenciais que ocorrem em orações declarativas. Já o Tariana, possui apenas o morfema (*-pida*) para expressar tanto *imperative by proxy* como também evidência reportada em orações declarativas. A linguista argumenta que isso ocorre porque na família Aruak, os sistemas evidenciais da maioria das línguas possuem apenas um evidencial reportado e com o contato com as línguas Tukano, o Tariana tenha utilizado o que tinha a mão em seu repertório linguístico para importar o fenômeno de *imperative by proxy* das línguas Tukano, já que essas são línguas com as quais o Tariana tem constante contato devido à região multilingual e casamentos exogâmicos. Coisa que outras línguas Aruak (família da língua Tariana) não fizeram. O Baniwa (Aruak, Brasil, Colômbia e Venezuela) também possui um morfema

evidencial reportado (-*pida*) que é cognato ao morfema do Tariana, mas não marca *imperative by proxy*.

Voltando agora ao Karitiana, ao testarmos o uso do modo imperativo com o evidencial reportado ‘*saryt*’, temos os seguintes resultados (77) e (78):

(77)	Ahy	saryra
	A-ahy	saryt-a
	2-beber	ev.rep.-imp.
	<p>Beba! (por ordem dada por outra pessoa)</p> <p>Contexto: Havia três pessoas na mesa. Uma pessoa manda outra pessoa beber, mas ela não ouve. Para reproduzir a ordem dada deixando claro que não foi ele que a formulou, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>	

(78)	Atat	saryra
	A-tat	saryt-a
	2-ir	ev.rep.-imp.
	<p>Vá! (por ordem dada por outra pessoa)</p> <p>Contexto: Havia três pessoas numa sala. Uma pessoa manda outra pessoa sair, mas ela não ouve. Para reproduzir a ordem dada deixando claro que não foi ele que a formulou, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>	

Essas mesmas sentenças no imperativo negativo, ficariam da seguinte forma (79) e (80):

(79)	Aahy	saryra
	A-ahy	saryt-a
	2-beber	ev.rep.-imp.
	<p>Não beba! (por ordem dada por outra pessoa)</p> <p>Contexto: Havia três pessoas na mesa. Uma pessoa manda outra pessoa não beber, mas ela não ouve. Para reproduzir a ordem dada deixando claro que não foi ele que a formulou, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>	

(80)	Ataty	saryra
	A-tat-y	saryt-a
	2-ir-neg.imp.	ev.rep.-imp.
	<p>Não vá! (por ordem dada por outra pessoa)</p> <p>Contexto: Havia três pessoas numa sala. Uma pessoa está indo embora e outra pessoa ao ver isso, manda essa pessoa não ir, mas ela não ouve. Para reproduzir a ordem dada deixando claro que não foi ele que a formulou, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>	

Com base no que vimos nos exemplos acima, podemos dizer que o fenômeno de *imperative by proxy* ocorre na língua. O falante se vale do evidencial reportado em conjunto com o modo imperativo para dar uma ordem para o seu interlocutor deixando claro para ele que não é o autor da mesma. Pelo que podemos ver nos exemplos, o morfema de modo imperativo vira sufixo tanto do evidencial quanto do verbo, na maioria dos casos. O exemplo (78) poderia sugerir que a marcação do imperativo no verbo se torna opcional se o compararmos com o imperativo desse verbo sem o evidencial, ou seja, sem o fenômeno *imperative by proxy* (81), porque há a elisão do sufixo de imperativo no verbo em (78):

(81)	Atara
	a-tat-a
	2s-ir-imp.
	Vá!

Mas, se observarmos o exemplo em (80), vemos que na forma negativa, o sufixo de imperativo continua presente. Isso pode ter ocorrido para que haja a desambiguação entre a forma afirmativa e a negativa do imperativo no caso de não haver a obrigatoriedade de uso do sufixo de imperativo no verbo.

Com isso, observamos o último morfema de modo da língua Karitiana e sua coocorrência com o evidencial reportado. No caso do modo imperativo, a adição do imperativo acaba por formar um fenômeno linguístico nunca antes atestado em línguas da família Tupi. Muito ainda deve ser estudado nas línguas da família tupi e línguas faladas próximas ao Karitiana para que uma hipótese como a de Aikhenvald (2010) possa ser formulada e a pergunta

se esse fenômeno é inerente das línguas Tupi, como ocorre nas línguas Tukano, ou uma readaptação de um empréstimo, como a linguista sugere no caso do Tariana, ficará sem resposta até futuros estudos.

O que podemos atestar é que como no Tariana, o Karitiana usa um mesmo evidencial em sentenças declarativas e para expressar o fenômeno de *imperative by proxy* e, caso a teoria de Aikhenvald esteja certa, isso pode apontar para contatos com outras línguas caso este fenômeno não seja atestado em nenhuma outra língua da família Tupi²⁹. Ou, talvez, dar indícios de contatos por movimentações passadas. Como o foco do trabalho é a coocorrência e o que ela pode trazer de contribuição no sentido das sentenças, devemos parar essa investigação por aqui.

Agora que tratamos todos os modos da língua passaremos a verificar a ocorrência do evidencial reportado em sentenças com algumas marcas de aspecto. Isso se torna necessário já que é um dos indícios que utilizamos para mostrar que o morfema que é chamado de evidencial direto possui comportamento diferente do evidencial reportado ‘saryt’.

²⁹ Karo é uma outra língua Tupi com sistema evidencial. Segundo Gabas Jr. (1999) há 11 evidenciais na língua e testes podem ser feitos para determinar se há *imperative by proxy* na língua.

2.4 Saryt e alguns morfemas de aspecto

Nessa seção observaremos a coocorrência do evidencial reportado ‘saryt’ com alguns morfemas de aspecto. Isso se justifica, pois assim, poderemos saber se o evidencial poderá de alguma forma interferir na contribuição que os morfemas de aspecto trazem para a sentença. Não foi feito um teste exaustivo de coocorrência do evidencial com todos os morfemas de aspecto porque ainda há na língua uma necessidade maior de estudo e entendimento dessa categoria. Como vimos nos exemplos (54 a 56) da seção acima, alguns morfemas e clíticos de aspecto podem ser juntar e isso ainda não é completamente entendido, mas pelo que vimos no exemplo (53), repetido abaixo como (82), o evidencial ‘saryt’ pode ocorrer na mesma frase que a construção de aspectos:

(82)	J̃npykynyn	saryty	padni	João	ombaky ty	[gopip	ta’a	tyki’oot.]
	Ø-j̃n- pykynyn	sary	padni	joão	ombaky -ty	gopip	ta-‘a	ty-ka-‘oot
	3-cond.- correr	ev.rep .	neg.	joão	onça- obl.	mata	3ana f-ser	impfvo-ka- inceptivo
João não correria da onça se ela estivesse na mata. [disseram] Contexto: Um grupo de pessoas foi caçar na mata. O grupo se dividiu e a pessoa que estava com João falou que ele não correria se a onça estivesse na mata. Ao falar essa informação para outra pessoa, o falante poderia usar a sentença acima.								

No exemplo acima, o evidencial reportado não está na mesma oração que o composto aspectual, mas como pretendemos mostrar na seção que tratará do evidencial reportado e orações encaixadas (2.6), em alguns tipos de sentença o evidencial reportado terá escopo sobre o valor total da sentença (sobre toda a sentença), aparecendo na oração principal ou na subordinada. Isso só irá mudar em casos onde houver mudança de evidencial³⁰.

³⁰ *Evidential Shifiting* no inglês.

Sentenças onde ocorre o morfema de aspecto *ty-* nas suas formas (*tyka* e *tysyp*) aceitam a coocorrência com o evidencial '*saryt*' sem que haja mudança na sua contribuição para a sentença que é a contribuição de aspecto imperfectivo, ação em progresso. Exemplos (83), (84) do corpus e (85) de Storto (2002):

(83)	Taso	nakam'at	tykat	saryt	gooj
	taso	Ø-naka-m-‘a-t	ty-ka-t	saryt-Ø	gooj
	homem	3-decl.-caus.-fazer-nfut.	impfvo-ka-nfut.	ev.rep.-nfut.	canoa
	<p>O homem está fazendo a canoa. [disseram]</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que o homem está fazendo a canoa e fala isso para o falante que não viu esse evento. Se o falante acreditar que o homem ainda está fazendo a canoa no momento em que for falar isso para outra pessoa, ele pode fazer utilizando a sentença acima.</p>				

(84)	Taso	naka'yt	tykat	saryt	opok ako sypi
	taso	Ø-naka-‘y-t	ty-ka-t	saryt-Ø	opok ako sypi
	homem	3-decl.-comer-nfut.	impfvo-ka-nfut.	ev.rep.-nfut.	ovo de galinha
	<p>O homem está comendo o ovo. [disseram]</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que o homem está comendo o ovo e fala isso para o falante que não viu esse evento. Se o falante acreditar que o homem ainda está comendo no momento em que for falar essa sentença para outra pessoa, ele pode fazer utilizando a sentença acima.</p>				

(85)	Indo	tysypy'oot	nakatat	saryt	Ora
	i-ndo	ty-syp-y-‘oot	Ø-naka-tat	saryt-Ø	ora
	3-terminar	impfvo-syp-v.-inceptivo-nfut.	3-decl.-ir	ev.rep.-nfut.	ora
	<p>Ora estava quase terminando. [disseram]</p> <p>Contexto: narrativa.</p>				

Também podemos atestar o evidencial reportado em sentenças onde o aspecto inceptivo –‘oot (que dá a idéia de antes, primeiro ou repetitivo) ocorre diretamente ligado ao verbo (86) e (87) e também em sentenças com o aspecto iterativo –oko (que dá a ideia de ‘de novo’), exemplo (13), repetido em (88) nos dados de Storto (2002):

(86)	Ytaka’a’oot	saryt
	Y-taka-‘a-‘oot	saryt-Ø
	1s-decl.-fazer-inceptivo	ev.rep.-nfut.
	Eu fiz primeiro. [disseram]	

(87)	Ytaka’a’oot	saryri
	Y-taka-‘a-‘oot	saryt-i
	1s-decl.-fazer-inceptivo	ev.rep.-fut.
	Eu vou fazer primeiro. [disseram]	

(88)	Atykiri	kyon	oko	saryty	Byjyty	tapa’in
	atykiri	kyon	oko	saryt-y	Byjyty	Ø-ta-pa’in
	Então	chamar	iter.	ev.rep.-v	Byjyty	3-anaf-irmã
	‘Aí Byjyty não a chamou mais de sua irmã.’ [disseram] Contexto: narrativa.					

Ao olharmos os exemplos acima, pode parecer estranha a utilização do evidencial reportado em sentenças em primeira pessoa, já que o falante estaria marcando como não tendo visto algo que ele mesmo fez. Aikhenvald (2004) explica que, nas línguas que ela estuda, isso é possível quando o falante está falando de algo que vez em um estado de mente alterada, por exemplo em transe ou embriagado. Ao conversar com um falante nativo, isso se mostrou verdadeiro também para o Karitiana e sentenças como (86) só são felizes se o falante delas não se lembrar da ação que fez, mas posteriormente ter sido avisado por outros do que fez.

Outro dos morfemas de aspecto com o qual é atestada a ocorrência do evidencial reportado é o morfema de aspecto referencial *dak*. Storto (2002) nos mostra que esse morfema

tem um sentido parecido com ‘de agora em diante’ ou ‘de um tempo futuro em diante’. Ele também é utilizado quando se faz sentenças do modo assertivo no futuro. Utilizando o exemplo (45), repetido em (89) ou (90), podemos verificar que a sentença com o evidencial reportado ainda mantém esse sentido do aspecto referencial.

(89)	Pynpyroty	saryt	daki	i
	pyn-pyr-oty	saryt	dak-i	i
	deon.-assert.?-banhar	ev.rep.	referencial-fut.	3
	Ele vai ter que tomar banho. [disseram] Contexto: Alguém disse ao falante que a criança precisa tomar banho. Ao falar essa informação para outra pessoa, o falante pode falar a sentença acima.			

(90)	Pyryry	saryt	daki	e
	py-yry	saryt	dak-i	e
	assert.-chegar	ev.rep.	referencial-fut.	chuva
	Vai chover. [disseram] Contexto: Uma fala para o falante que vai chover. Ao falar essa informação, ele pode utilizar a sentença acima.			

Com esses dados terminamos de analisar a coocorrência de morfemas de aspecto com o evidencial reportado. Vimos um bom número de morfemas de aspecto e em todos os casos que observamos, o evidencial reportado não pareceu restringir ou afetar a contribuição semântica do aspecto. Quando formos observar o morfema ‘*ta’ã*’ no próximo capítulo, iremos notar uma diferença em relação ao seu comportamento. Por enquanto, passemos a outra seção de análise do evidencial reportado.

2.5 Saryt em orações interrogativas

Nessa seção iremos observar se é possível verificar a coocorrência do evidencial reportado em perguntas. Até o momento, não tínhamos dados que comprovassem a possibilidade do uso de evidenciais reportados em perguntas, mas ao olhar para alguns dados da literatura, podemos ver que outras línguas do mundo podem fazer um uso bem refinado e especializado com esse tipo de construção. Em tibetano (Sino tibetano, Índia, China, entre outros) por exemplo, ao utilizar um evidencial em uma pergunta, o falante está antecipando qual é a fonte de informação que ele acha que seu interlocutor teve para poder respondê-lo (Villiers et. al., 2009). A língua tibetana possui, por exemplo, o evidencial direto ‘*dug*, que indica que o falante teve acesso direto ao fato e o viu com seus próprios olhos. Podemos ver um exemplo de utilização desse evidencial em (91):

(91)	Rtsi rtsi pha gir ‘dug
	Há um rato ali. [O falante viu] No original: There is a mouse over there.

Com isso, se um falante de tibetano faz uma pergunta utilizando um evidencial direto, ele acredita que a pessoa que vai responde-lo viu o fato com seus próprios olhos, ou seja, ele antecipa o evidencial que ele acredita que a pessoa utilizará em sua resposta, na pergunta (92):

(92)	Pha gir rtsi rtsi dug gas?
	Há um rato ali? [e você o viu] No original: Is there a mouse over there?

E foi com esse olhar que fomos observar o evidencial reportado em perguntas do Karitiana. Se olharmos para o diálogo em (21), repetido em (93) já podemos observar que o evidencial pode aparecer em perguntas:

(93)	Falante A:	João	ioky	saryt	ombaky?
		joão	i-oky	saryt	ombaky
		joão	3-matar	ev.rep.	onça
		João matou a onça? [disseram]			
	Falante B:	Ioky	saryty	padni	
		i-oky	saryt-y	padni	
		3-matar	ev.rep.-v.	neg.	
		Não matou. [disseram]			
	Falante B:	João	naokyt		ombaky
		joão	na-oky-t		onça
		joão	‘decl.-matar-nfut.		onça
		João matou a onça.			

Diferentemente do tibetano, no Karitiana quando há o uso de um evidencial reportado em uma pergunta, a fonte de informação por ele codificado é sempre a do falante e não a que ele espera para o seu interlocutor.

Em (93), o falante B sempre respondeu à pergunta de A se atendo ao conteúdo proposicional e não ao evidencial. A resposta do falante B utilizando o evidencial reportado aparentemente tem sempre o sentido de fonte de informação de B, ou seja, no jogo de pergunta e resposta utilizando evidenciais, o falante entendeu e nos deu sentenças em que o evidencial se refere a fonte de informação dele. Esse fenômeno de mudança de a quem se refere a fonte de informação expressa por um evidencial é conhecido na literatura como *evidential shifting* e será tratado na próxima seção. Outra coisa importante é que nos testes que fizemos, não conseguimos verificar se há alguma possibilidade do evidencial ser questionado como pode ocorrer em Quechua Wanka (Quechua, Peru) (94), Aikhenvald (2004).

(94)	Falante A:	wasiita		amshi	yaykullaalanki
		wasi-i-ta		am-shi	yayku-llaa-la-nki
		casa-1-acc		2s-ev.rep.	entrar-lim.-pass.-2pl
		Você entrou na minha casa [disseram]. No original: They say you entered my house.			
	Falante B:	mayantaa		nin	
		mayan-taa		ni-n	
		quem-desprezo (scorn)		dizer-3p.	
		Quem diz isso?! No original: WHO says that!?			

	Falante A:	nuna	likaaniki	kaña	achkam
	O falante responde se referindo a uma fonte de informação diferente.	nuna	lika-a-niki	ka-ña	achka-m
		pessoa	ver-ag.-2pl.	ser-nom.pass.	muito-ev.dir.
		Há muitas pessoas que viram você [o falante viu essas pessoas]. No original: There are lots of people who saw you.			

Em (94) podemos ver que o falante faz uma pergunta utilizando o evidencial reportado e a resposta que segue está questionando o próprio evidencial e não a afirmação da sentença. Aikhenvald (2004) ainda mostra outras situações nas línguas do mundo onde evidenciais em conjunto com perguntas podem trazer outros tipos de contribuições semânticas como um tom mirativo (indica surpresa) ou marca de pergunta retórica.

Temos mais exemplos do evidencial reportado em questões em (95) e (96):

(95)	Falante A:	Iotam	saryt	Inácio?
		i-otam	saryt	inácio
		3-chegar	ev.rep.	inácio
		O Inácio chegou [disseram]?		
	Falante B:	Pyrotam	sarytyn	Inácio
		pyr-otam	saryt-yn	inácio
		assert.-chegar	ev.rep.-nfut.	inácio
		O Inácio chegou [disseram].		

(96)	An	apykynñn	saryt	horot	an	pikom	andiki?
	An	a-pykynñn	saryt	horot	an	pikom	andiki
	2s	2s-correr	ev.rep.	parece	2s	macaco	atrás
	Você correu atrás do macaco [disseram]?						

Mesmo com muitas questões em aberto sobre todas os possíveis comportamentos que o evidencial em questões no Karitiana pode ter. Podemos concluir pelos dados que temos que é possível utilizar o evidencial reportado em questões e também que o uso mais padrão desse caso indica a fonte de informação do falante da sentença. Testes podem ser feitos futuramente para testar se pode ocorrer algum tipo de shifting em perguntas, mas até o momento, o que temos só nos permite chegar até aqui.

2.6 Saryt em orações subordinadas

Agora passemos para outro ponto muito questionado e que também carecia de muitos dados, o uso de evidenciais em orações subordinadas. Para isso, seguiremos sobretudo o trabalho de Storto (2012) pois esse trabalho discute subordinação na língua e os tipos de oração subordinada que podemos encontrar. Lembrando novamente que o foco desse trabalho é verificar a possibilidade de ocorrência dos evidenciais nos contextos analisados e qual a contribuição semântica desses para a sentença.

Storto (2012) nos fala sobre três tipos de orações subordinadas em seu trabalho: Orações subordinadas adverbiais, orações subordinadas complementares e orações subordinadas relativas. Os exemplos dados por ela, respectivamente, são os seguintes (97), (98) e (99):

Oração adverbial:

(97)	[Ti'y	Marcelo	'y	tykiri]	napa'irat	João
	ti'y	marcelo	comer	tykiri	Ø-na-pa'ira-t	joão
	comida	marcelo	comer	perf.	3-raiva-nfut.	joão
	Quando Marcelo comeu a comida, João ficou com raiva.					

Oração complemento

(98)	Ypysondypyn	yn	[Inácio	'ep	opĩ]ty
	y-py-sondyp-yn	yn	inácio	'ep	opĩ-ty
	Is-assert.-saber-nfut.	Is	inácio	árvore	cortar-obl.
	Eu sei que Inácio cortou a árvore.				

Oração relativa

(99)	ĩjonso	õwã	mi]	naakat	ihyryp
	ĩjonso	õwã	mi	na-akat	i-hyryp-Ø
	mulher	criança	bater	decl.-cop.-nfut.	part.-chorar- abs.cop.agr.
	A mulher que bateu na criança, chorou.				

Como podemos ver acima, nenhum dos verbos das orações subordinadas é flexionado para tempo, modo ou concordância. Nessas posições nós só vemos alguns auxiliares aspectuais como vimos o *tykiri* no exemplo (97).

Começaremos a análise pela oração adverbial. O evidencial reportado tem uma posição sintática fixa para ser utilizado e essa posição é sempre após o verbo. Em sentenças com oração simples, ‘*saryt*’ ocorre após o verbo e se houver aspecto, após o aspecto. Como vimos, por exemplo, em (83), repetido em (100):

(100)	Taso	nakam’at	tykat	saryt	gooj
	taso	Ø-naka-m-‘a-t	ty-ka-t	saryt-Ø	gooj
	homem	3-decl.-caus.-fazer-nfut.	impfvo-ka-nfut.	ev.rep.-nfut.	canoa
	O homem está fazendo a canoa. [disseram] Contexto: Uma pessoa viu que o homem está fazendo a canoa e fala isso para o falante que não viu esse evento. Se o falante acreditar que o homem ainda está fazendo a canoa no momento em que for falar isso para outra pessoa, ele pode fazer utilizando a sentença acima.				

Temos dois locais onde podemos testar a ocorrência do evidencial reportado, o verbo da oração principal e o verbo da oração encaixada. Na oração principal, as seguintes sentenças surgiram (101) e (102)³¹:

³¹ Storto (2012) utiliza uma glosa de perfectivo para *tyki’oot* ao contrário de Carvalho (2010), mas após o exemplo (6) diz que essa marca é utilizada para imperfeito progressivo. Como parece haver um consenso de que essa marca é imperfectiva, continuarei utilizando a glosa de Carvalho (2010).

(101)	[Ti'y	Marcelo	'y	tykiri]	napa'irat	saryt	João
	[Ti'y	Marcelo	'y	tykiri	Ø-na-pa'ira-t	saryt-Ø	João
	comida	Marcelo	comer	perf	3-decl-nervoso-nfut	ev.rep.-nfut.	João
	<p>Quando Marcelo comeu a comida, João ficou nervoso [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que o João ficou bravo quando Marcelo comeu a comida e fala isso para o falante, ao reportar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>						

(102)	[Gok	Maria	amang	tyki'oot]	naokyt	saryt	him	taso
	gok	maria	amang	ty-ka- 'oot	Ø-na- oky-t	saryt-Ø	him	taso
	mandioca	maria	plantar	impfvo- ka- inceptivo	3-decl.- matar- nfut.	ev.rep.- nfut.	caça	homem
	<p>Enquanto Maria estava plantando mandioca, o homem matou a caça [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que o homem matou a caça no mesmo momento em que Maria estava plantando mandioca e fala isso para o falante; ao reportar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>							

Nos exemplos acima, vemos que não há problema utilizar o evidencial reportado na oração principal, mesmo quando há uma subordinada na sequência. O valor desse evidencial abarca toda a sentença, ou seja, toda a oração foi reportada para o falante e não somente a ação que ocorre na oração principal. Então, com a sentença em (102), o falante entende que a pessoa que lhe passou a informação soube de tudo por evidência reportada e não somente a ação contida na oração principal.

Testamos essas mesmas sentenças com o evidencial reportado na oração subordinada. Como já vimos nos exemplos acima, achamos que o evidencial ficaria após o auxiliar aspectual 'tyki'oot', mas as sentenças abaixo se mostraram agramaticais para os falantes da língua.

(103)	*[Ti'y	Marcelo	'y	tykiri	saryt]	napa'irat	João
	ti'y	Marcelo	'y	tykiri	saryt	Ø-na-pa'ira-t	João
	comida	Marcelo	comer	perf	ev.rep.	3-decl-nervoso-nfut	João
	<p>*Quando Marcelo comeu a comida, João ficou nervoso [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que o João ficou bravo quando Marcelo comeu a comida e fala isso para o falante, ao reportar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>						

(104)	*[Gok	Maria	amang	tyki'oot	saryt]	naokyt	him	taso
	gok	maria	amang	ty-ka- 'oot	saryt	Ø-na-oky-t	him	taso
	mandioca	maria	plantar	impfvo- ka- inceptivo	ev.rep.	3-decl.- matar-nfut.	caça	homem
	<p>*Enquanto Maria estava plantando mandioca, o homem matou a caça [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que o homem matou a caça no mesmo momento em que Maria estava plantando mandioca e fala isso para o falante, ao reportar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>							

Na oração subordinada, *'tykiri'* ou *'tyki'oot'* precisam ter o papel de fechar a oração subordinada, o evidencial reportado não é permitido após esses auxiliares aspectuais em orações subordinadas. Ao invés disso, para que essas orações se tornassem bem formadas e aceitas, os falantes as produziram da seguinte forma (105) e (106):

(105)	[Ti'y	Marcelo	'y	saryt	tykiri]	napa'irat	João
	ti'y	Marcelo	'y	saryt	tykiri	Ø-na-pa'ira-t	João
	comida	Marcelo	comer	ev.rep	perf	3-decl- nervoso-nfut	João
	<p>Quando Marcelo comeu a comida, João ficou nervoso [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que o João ficou bravo quando Marcelo comeu a comida e fala isso para o falante, ao reportar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>						

(106)	[Gok	Maria	amang	saryt]	tyki'oot]	naokyt	him	taso
	gok	maria	amang	saryt	ty-ka-'oot	Ø-na- oky-t	him	taso
	mandioca	maria	plantar	ev.rep	impfvo- ka- inceptivo	3-decl.- matar- nfut.	caça	homem
	<p>Enquanto Maria estava plantando mandioca, o homem matou a caça [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que o homem matou a caça no mesmo momento em que Maria estava plantando mandioca e fala isso para o falante, ao reportar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>							

Como pudemos ver nos exemplos, o evidencial reportado pode aparecer em orações subordinadas adverbiais. Agora, a pergunta sobre sua contribuição semântica nessa posição pode surgir. Ao conversar com os falantes, dar um mesmo contexto e produzir ambas as sentenças para testar se ambas se adequam a esse mesmo contexto, a resposta que temos é positiva. Para os falantes da língua, os pares (101 e 105) e (102 e 106) dizem a mesma informação quando comparadas entre si. Com isso, a ideia de que o escopo do evidencial é sobre toda a sentença e não somente sobre oração que ele assinala, começa a ganhar força. Vejamos agora como o evidencial reportado se comportou com outras subordinadas.

Com a oração subordinada completiva, fizemos os mesmos passos. Primeiramente testamos o evidencial reportado em conjunto com o verbo da oração principal e depois fizemos

o mesmo com a oração complemento, as sentenças que resultaram desses testes foram as seguintes (107), (108), (109) e (110):

(107)	Pysondypyn	sarytyn	João	[Inácio	‘ep	opĩty]
	Ø-py-sondyp-yn	saryt-yn	joão	inácio	‘ep	opĩ-ty
	3-assert.-saber-nfut.	ev.rep.-nfut	joão	inácio	árvore	cortar-obl.
	<p>João sabe que Inácio cortou a árvore [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa que sabe o que João sabe conta a informação para o falante. Como o falante não tem outra evidência do que João sabe, ao relatar isso para alguém, ele pode utilizar a sentença acima.</p>					

(108)	Pysondypyn	João	[Inácio	‘ep	opĩ	sarytyty]
	Ø-py-sondyp-yn	joão	inácio	‘ep	opĩ	saryt-y-ty
	3-assert.-saber-nfut.	joão	inácio	árvore	cortar	ev.rep.-v-obl.
	<p>João sabe que Inácio cortou a árvore [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa que sabe o que João sabe conta a informação para o falante. Como o falante não tem outra evidência do que João sabe, ao relatar isso para alguém, ele pode utilizar a sentença acima.</p>					

(109)	Ypyso’ootyn	sarytyn	[Inácio	‘ep	opĩ	tykaty]
	Y-py-so’oot-yn	saryt-yn	Inácio	‘ep	opĩ	tyka-ty
	Eu-assert.-ver-nfut.	ev.rep.-nfut.	Inácio	árvore	cortar	impfvo.-obl.
	<p>Eu vi que Inácio estava cortando a árvore [me disseram].</p> <p>Contexto: O falante estava embriagado quando viu Inácio cortar a árvore e no outro dia, não se lembra de nada. Se outra pessoa contar o fato para ele, ele pode utilizar a sentença acima.</p>					

(110)	Ypyso'ootyn	[Inácio	'ep	opĩ	tyka	sarytyty]
	Y-py-so'oot-yn	Inácio	'ep	opĩ	tyka	saryt-y-ty
	Eu-assert.-ver-nfut.	Inácio	árvore	cortar	impfvo.	ev.rep.-v.-obl.
	<p>Eu vi que Inácio estava cortando a árvore [me disseram].</p> <p>Contexto: O falante estava embriagado quando viu Inácio cortar a árvore e no outro dia, não se lembra de nada. Se outra pessoa contar o fato para ele, ele pode utilizar a sentença acima.</p>					

Nos exemplos acima, pudemos observar que é possível utilizar o evidencial reportado em orações subordinadas completivas. Vimos também que da mesma forma como ocorreu com as orações subordinadas adverbiais, o fato do evidencial estar na oração principal ou na subordinada não muda o sentido da oração e a fonte de informação tem escopo sobre toda a sentença.

O último tipo de oração subordinada de devemos testar é a oração subordinada relativa. Com as orações relativas, algo pareceu ser diferente. Refizemos os mesmos testes e dessa vez os dados que apareceram foram os seguintes (111), (112), (113) e (114):

(111)	ĩjonso	õwã	mi]	naakat	saryt	ihyryp
	ĩjonso	õwã	mi	na-akat	saryt-Ø	i-hyryp-Ø
	mulher	criança	bater	decl.-cop.-nfut.	ev.rep.-nfut.	part.-chorar-abs.cop.agr.
	<p>A mulher que bateu na criança, chorou [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que a mulher bateu na criança e falou isso para o falante. Ao falar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>					

(112)	*[jonso	õwã	mi	saryt]	naakat	ihyryp
	jonso	õwã	mi	saryt	na-akat	i-hyryp-Ø
	mulher	criança	bater	ev.rep.	decl.-cop.- nfut.	part.-chorar- abs.cop.agr.
	<p>A mulher que bateu na criança, chorou [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que a mulher bateu na criança e falou isso para o falante. Ao falar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>					

(113)	Yn	nakamit	saryt	[õwã	ti'y	'y]
	yn	Ø-naka-mi-t	saryt	õwã	ti'y	'y
	1s	3-decl.-bater- nfut.	ev.rep.	criança	comida	comer
	<p>Eu bati na criança que comeu a comida [disseram].</p> <p>Contexto: O falante estava embriagado quando bateu na criança e no outro dia, não se lembra de nada. Se outra pessoa contar o fato para ele, ele pode utilizar a sentença acima.</p>					

(114)	*Yn	nakamit	[õwã	ti'y	'y	saryt]
	yn	Ø-naka-mi-t	õwã	ti'y	'y	saryt
	1s	3-decl.-bater- nfut.	criança	comida	comer	ev.rep.
	<p>Eu bati na criança que comeu a comida [disseram].</p> <p>Contexto: O falante estava embriagado quando bateu na criança e no outro dia, não se lembra de nada. Se outra pessoa contar o fato para ele, ele pode utilizar a sentença acima.</p>					

Aparentemente, nos exemplos dados, o evidencial reportado não pode ser utilizado na oração relativa. Esse teste foi feito com diversos falantes e a maioria não aceitava esse tipo de construção. Quando aceitava, ficava muito confusa e talvez aceitaram por não ter entendido direito o que foi pedido e foi por esse motivo que resolvemos desconsiderar esses poucos casos e marcar a agramaticalidade. Disso, podemos concluir que o único tipo de oração subordinada que não permite o uso de evidenciais reportados é a oração relativa.

2.7 Saryt, Evidential Shifting e outros parâmetros de análise

Nessa seção iremos ver mais a fundo o que é evidential shifting além de também observar alguns parâmetros que poderão servir para análises futuras do sistema evidencial. Schenner (2008) defende que há quatro parâmetros semânticos que uma análise preliminar de um sistema evidencial deve investigar. Com os dados dessa investigação, os estudos semânticos poderiam avançar no sentido de entender melhor os evidenciais. Os parâmetros dados pelo autor são condição de verdade (*truth-conditionality*), possibilidade de encaixamento (*embeddability*), mudança de perspectiva (*shiftability*) e concordância evidencial (*evidential concord*). Iremos tratar aqui dados sobre a possibilidade de encaixamento, mudança de perspectiva e concordância evidencial. Não iremos tratar questões de condição de verdade no momento, porque afirmar se esse evidencial pode ou não contribuir de para uma sentença ou apenas indica a fonte de informação depende de testes que no momento não foram realizados, como, por exemplo, a possibilidade de utilizar o evidencial em uma oração antecedente de uma oração condicional.

Como vimos na sessão anterior, o evidencial reportado pode ser utilizado em orações subordinadas e isso já o coloca em posição antagônica a línguas como o abecázio (Caucasiana, Abecásia), pomo oriental (Pomo, EUA), línguas turcas, baniwa (Aruak, Brasil, Colômbia e Venezuela), panare (Karib, Venezuela) entre outras, porque essas línguas não permitem o uso do evidencial em sentenças encaixadas (Aikhenvald, 2004). Exemplos como (105), repetido como (115), (108), repetido como (116) e (110), repetido como (117) mostram que o evidencial reportado pode ser utilizado em orações subordinadas.

(115)	[Ti'y	Marcelo	'y	saryt	tykiri]	napa'irat	João
	ti'y	Marcelo	'y	saryt	tykiri	Ø-na-pa'ira-t	João
	comida	Marcelo	comer	ev.rep	perf	3-decl-nervoso-nfut	João
	<p>Quando Marcelo comeu a comida, João ficou nervoso [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa viu que o João ficou bravo quando Marcelo comeu a comida e fala isso para o falante, ao reportar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>						

(116)	Pysondypyn	João	[Inácio	'ep	opĩ	saryty]ty
	Ø-py-sondyp-yn	joão	inácio	'ep	opĩ	saryt-y-ty
	3-assert.-saber-nfut.	joão	inácio	árvore	cortar	ev.rep.-v-obl.
	<p>João sabe que Inácio cortou a árvore [disseram].</p> <p>Contexto: Uma pessoa que sabe o que João sabe conta a informação para o falante. Como o falante não tem outra evidência do que João sabe, ao relatar isso para alguém, ele pode utilizar a sentença acima.</p>					

(117)	Ypyso'ootyn	[Inácio	'ep	opĩ	tyka	saryty]ty
	Y-py-so'oot-yn	Inácio	'ep	opĩ	tyka	saryt-y-ty
	Eu-assert.-ver-nfut.	Inácio	árvore	cortar	impfvo.	ev.rep.-v.-obl.
	<p>Eu vi que Inácio estava cortando a árvore [me disseram].</p> <p>Contexto: O falante estava embriagado quando viu Inácio cortar a árvore e no outro dia, não se lembra de nada. Se outra pessoa contar o fato para ele, ele pode utilizar a sentença acima.</p>					

Também é importante observar nos dados que temos, que o uso do evidencial reportado é possível até em sentenças de verbos como 'saber' e 'ver', ambientes esses que em outras línguas não favorecem o uso evidencial. Schenner (2008) relata que em seu teste no alemão, os

ambientes mais propícios para o uso de evidência reportada são em orações complemento de verbos como ‘dizer’ ou ‘falar’, evidenciais em orações complemento de predicados de percepção direta como ‘sentir’ não são possíveis por conta da semântica contraditória do verbo e do evidencial no alemão, mas como visto acima com o verbo ‘ver’, no Karitiana isso se torna possível caso algumas condições pragmáticas sejam atendidas. Tanto em alemão quanto em Karitiana é possível o encaixamento do evidencial reportado (evidência) em orações complementos de ‘saber’.

A mudança de perspectiva ou *shiftability* é algo que ocorre com algumas expressões quando, em alguns contextos, essas expressões mudam o seu referente na sentença. No inglês, por exemplo, temos o pronome pessoal de primeira pessoa ‘I’ que é sempre orientado ao falante do atual ato de fala, ou seja, mesmo em orações encaixadas, o pronome ‘I’ sempre aponta para quem está em posse do ato de fala no momento (Schenner, 2008). Em contrapartida, por exemplo, Schlenker (2003) mostra que na língua amárica (semítica, Etiópia) o pronome de primeira pessoa pode se referir ao falante do ato de fala atual (como no inglês), ou ao falante do ato de fala reportado em contextos de discurso reportado (118).

(118)	Situação a ser reportada: John says: ‘I am hero’
	Amárico (lit.): John _i says that I _i am hero.
	Inglês: John _i says that he _i is hero. / *John _i says that I _i am hero

Em contrapartida, modais epistêmicos do inglês em orações complemento de predicados de atitude proposicional tem sempre a mudança de perspectiva (*shifted*) (119):

(119)	John thinks it must be raining.
	O <i>must</i> se refere ao conjunto de crenças de John e não do falante.

Agora que sabemos o que seria a mudança de perspectiva, podemos observar os dados do Karitiana. Nas sentenças abaixo, o evidencial reportado sempre se refere à fonte de informação do falante que detém o ato de fala, ou seja, não apresenta mudança de perspectiva (*evidential shifting*):

(120)	Pysondypyn	Leonardo	[Marcele	pomã	saryty]ty
	Ø-py-sondyp-yn	leonardo	marcele	pomã	saryt-y-ty
	3-assert.-saber-nfut.	leonardo	marcele	brincar	ev.rep.-v.-obl.
	Leonardo sabe que Marcelle está brincando. [disseram] Contexto: Uma pessoa falou para o falante que Leonardo sabe que Marcelle está brincando. Ao falar essa sentença para outra pessoa, o falante pode dizer a sentença acima.				

(121)	Pysondypyn	Maria	[Arnaldo	ombaky	oky	saryty]ty
	Ø-py-sondyp-yn	maria	arnaldo	ombaky	oky	saryt-y-ty
	3-assert.-saber-nfut.	maria	arnaldo	onça	matar	ev.rep.-v.-obl.
	Maria sabe que Arnaldo matou a onça. [disseram] Contexto: Uma pessoa falou para o falante que Maria sabe que Arnaldo matou a onça. Ao falar essa sentença para outra pessoa, o falante pode dizer a sentença acima.					

Se mudarmos as circunstâncias, podemos observar que também há uma mudança desse quadro. Ao observarmos o exemplo (122) dado por Vivanco (2009), vemos que em contextos de discurso reportado, como ocorreu no Amárico, o evidencial reportado pode mudar de perspectiva (*shifted*) (122):

(122)	Pryhadn	sarytyn	[José	Porto Velho pip	Maria	tat	saryty]ty
	Ø-py-hadn	saryt-yn	josé	porto velho pip	maria	tat	saryt-y-ty
	3-assert.- falar	ev.rep.-nfut.	josé	porto velho em	maria	ir	ev.rep.-v.-obl.
	[Disseram] José disse [disseram] que Maria vai para Porto Velho.						

No exemplo acima, o evidencial reportado que está na oração encaixada já não diz respeito mais a fonte de informação do falante e sim a fonte de informação do sujeito da oração

(João). O evidencial que demonstra a fonte de informação do falante é o evidencial da oração principal.

Futuramente, uma análise para mapear todos os contextos onde ocorre *evidential shifting* pode ser feita para que possamos entender melhor como ele funciona na língua e esse trabalho se torna o ponto de partida para isso, pois pudemos constatar que esse fenômeno também ocorre na língua Karitiana.

Passando para a concordância evidencial, podemos traçar um paralelo com o que vimos na seção do evidencial reportado e negação. Naquela seção, vimos que *negative concord* ocorre quando dois elementos de negação aparecem em uma mesma oração, como em (17), repetido em (123):

(123)	Taso	im'a	padni	saryty	padni	gooj.
	taso	i-m-'a	padni	saryt-y	padni	gooj
	homem	3-caus.-fazer	neg.	ev.rep.-v.	neg.	canoa
	<p>'O homem não fez a canoa.'[disseram]</p> <p>Contexto: Uma pessoa foi a casa do homem, viu que ele não fez a canoa e contou para o falante. Para falar para outra pessoa que o homem não fez a canoa, o falante pode falar a sentença acima.</p>					

Schenner (2008) (cf. Geurts & Huitink (2006)) nos mostra que isso também pode ocorrer com modais, no que ele chama de *modal concord*, ou seja, uma oração possui dois modais, mas a sua semântica parecer ter apenas um operador modal e há duas leituras: a leitura de concordância (onde os dois elementos tem a mesma leitura de apenas um deles) ou a leitura cumulativa (onde um dos elementos parecer aumentar o sentido outro) (124):

(124)	You may possibly have read my little monograph about it.
	a. Concord reading: possible(you have read it)
	b. cumulative reading: possible (possible (you have read it))

Com base nesses exemplos, podemos pensar se pode ocorrer na língua Karitiana a concordância de evidencial. O que já sabemos é que o evidencial só pode ocorrer na posição

logo após o verbo ou atrás de um morfema de aspecto quando esse está após o verbo. Com isso, para que *evidential concord* ocorra em uma oração do Karitiana, essa oração ou deve possuir dois verbos ou um evidencial deve poder ocorrer após outro. Para que uma oração simples tenha dois verbos, ela deve possuir um verbo principal e um auxiliar. No Karitiana, algo parecido ocorre quando os falantes fazem uma construção com o verbo de cópula, como vemos em (125):

(125)	Õwã	naakat	iso'oot	pikomty
	õwã	Ø-na-aka-t	i-so'oot	pikom-ty
	criança	3-decl.cóp.-nfut.	3-ver	macaco-obl.
	A criança viu o macaco.			

Pouco ainda é sabido sobre o porquê de os falantes utilizarem essa construção em um mesmo contexto em que poderiam utilizar (126), mas para o nosso propósito, ela é mais pertinente por conter dois verbos e possivelmente poder comportar dois evidenciais.

(126)	Õwã	naso'oot	pikomty
	õwã	Ø-na-so'oot-Ø	pikom-ty
	criança	3-decl.-ver-nfut.	macaco-obl.
	A criança viu o macaco.		

Nos testes que fizemos utilizando o evidencial reportado, a sentença utilizando a construção de cópula pode ser apresentar com o evidencial das seguintes formas (126), (127) ou (128):

(127)	Õwã	naakat	saryt	iso'oot	pikomty
	õwã	Ø-na-aka-t	saryt-Ø	i-so'oot	pikom-ty
	criança	3-decl.cóp.-nfut.	ev.rep.-nfut.	3-ver	macaco-obl.
	A criança viu o macaco. [disseram]				

(128)	Ōwã	naakat	iso'oot	saryt	pikomty
	ōwã	Ø-na-aka-t	i-so'oot	saryt	pikom-ty
	criança	3-decl.cóp.- nfut.	3-ver	ev.rep.	macaco-obl.
	A criança viu o macaco. [disseram]				

(129)	Ōwã	naakat	saryt	iso'oot	saryt	pikomty
	ōwã	Ø-na-aka-t	saryt-Ø	i-so'oot	saryt	pikom-ty
	criança	3-decl.cóp.-nfut.	ev.rep.-nfut.	3-ver	ev.rep.	macaco-obl.
	A criança viu o macaco. [disseram]					

Os exemplos (127) e (128) mostram que o evidencial reportado pode aparecer em qualquer um dos verbos da oração. Além disso, ele pode aparecer em ambos os verbos e para os falantes, não há nenhuma diferença de sentido entre nenhuma das três sentenças acima. Através disso, podemos falar que no Karitiana, pode haver também concordância de evidencial (evidential concord) e no exemplo mostrado acima, aparentemente só ocorre a leitura de concordância (concord reading) já que o significado da sentença com dois evidenciais reportados é o mesmo das sentenças anteriores, com apenas um evidencial.

Para termos a leitura cumulativa (cumulative reading), podemos fazer como Matthewson, Davis & Rullmann (2007) que testaram o evidencial reportado quando ele ocorre encaixado como predicado de fala. Os dados deles são os seguintes (130) e (131) e mostram que o evidencial reportado *ku7* em Lillooet (Salish, Canadá e EUA) pode ter tanto a leitura cumulativa quanto a leitura de concordância³²:

³² A glosa do exemplo é dos autores e não foi encontrada no trabalho.

(130)	Contexto: Lémya7 viu Mary no banco e Mary estava grávida. Mais tarde, Lémya7 te disse que Mary estava grávida. Você ainda não viu Mary, então você me diz:						
	tsut	kw	s-Lémya7	kw	sqwémen'ek	ku7	s-Mary
	dizer	det	mon.-Lémya7	det.	grávida	report.	nom.-Mary
		.					
	Lémya7 disse que Mary está grávida.						
[o falante foi avisado por Lémya7; Lémya7 presenciou o fato, ku7 meramente reforça o verbo da oração matriz do que foi dito por Lémya7]							

(131)	tsut	s-Lémya7	kw	sqwémen'ek	ku7	s-Mary,	tu'7	plán-lhkan
	dizer	mon.-Lémya7	det.	grávida	report	nom.-Mary	but	já-1sg. subj
	ti7	zwát-en	áts'x-en-lhkan	s-Mary	áta7	tecwp-álhcw-a	inátcwas	
	dem	saber-dir.	ver-dir.-1sg.subj	nom.-Mary	deic	comprar-lugar-det	ontem	
	Lémya7 disse que [disseram para ela] Mary está grávida, mas eu já sabia; Eu vi Mary na loja ontem.							
[Lémya7 foi avisada; Lémya7 não presenciou o fato, ku7 relata o que foi relatado para Lémya7]								

Em (130) podemos ver a leitura de concordância, pois o evidencial reportado apenas reforça o verbo 'dizer'. Já em (131), há a leitura cumulativa, pois, ocorre um encaixamento de leituras reportadas (Lémya7 disse (disseram (x))). Para os autores, quando ocorre esse tipo de leitura com evidenciais, temos uma evidência contra a proposta deles serem na língua apenas marcadores ilocucionários de atos de fala, proposta de Faller (2002).

Se olharmos para o exemplo (122), repetido como (132), podemos observar que nesse contexto há a leitura cumulativa, pois temos um evidencial reportado da oração subordinada realmente encaixado a oração principal e fazendo um acúmulo na leitura, não apenas reforçando o que José disse.

(132)	Pyryhadn	sarytyn	José	Porto Velho pip	Maria	tat	sarytyty
	Ø-py-hadn	saryt-yn	josé	porto velho pip	maria	tat	saryt-y-ty
	3-assert.- falar	ev.rep.-nfut.	josé	porto velho em	maria	ir	ev.rep.-v.-obl.
	[Disseram] José disse [disseram] que Maria vai para Porto Velho.						

Após essa análise preliminar, terminamos mais uma seção. Essa seção além de mostrar muitas informações novas sobre o evidencial reportado, ainda abre espaço para muitos estudos futuros, já que a área por ele aberta ainda precisa ser completamente estudada para que os limites sejam claramente estabelecidos. Perguntas sobre mais contextos onde ocorra evidencial shifting, leitura cumulativa ou de concordância entre outras dúvidas que possam aparecer deverão ficar para estudos posteriores.

2.8 Conclusão do capítulo

Após a análise desses pontos concluímos o capítulo. Esse capítulo serviu para apresentar alguns detalhes básicos sobre o que era sabido sobre o evidencial reportado ‘*saryt*’ para, aos poucos, ir se aprofundando em alguns pontos que escolhemos para discutir. Não abarcamos todos os pontos que aparecem na literatura, porque além disso ser muito difícil em uma análise inicial, ainda havia muito pontos a serem esclarecidos e a área deveria ser um pouco mais limpa para que estudos mais aprofundados pudessem aparecer.

Começamos o capítulo mostrando o que é um evidencial reportado para na sequência poder debater como a noção de evidencial reportado na própria língua pode ser observada levando em conta uma classificação já amplamente utilizada e que considerou vários sistemas evidenciais encontrados nas línguas do mundo, a classificação de Willett (1988). Após delimitarmos como trataríamos o evidencial ‘*saryt*’ no trabalho, pudemos passar a analisar sua ocorrência em sentenças com outros elementos. Iniciamos nossa análise mostrando alguns detalhes do uso de evidenciais em sentenças negativas. Mostramos que não há problema em utilizar sentenças com a negação, porque o evidencial reportado está acima do escopo da negação sentencial, então, não há a possibilidade de negação do valor trazido pelo evidencial para a sentença nos exemplos que pudemos ver. Talvez, com testes mais refinados e que sejam completamente entendidos pelos falantes, haverá uma possibilidade futura de verificar se esse comportamento funciona de forma sistemática na língua ou se há algum tipo de contexto em que a negação possa negar o valor evidencial. Na seção do evidencial reportado e negação também pudemos verificar que o uso do evidencial em uma sentença proporciona a possibilidade de ocorrer *negative concord* na língua, pois há a possibilidade de duas palavras negativas. Não entramos fundo na análise de leituras de concordância ou cumulativa por acreditar que isso fugiria do escopo do nosso trabalho a evidenciabilidade.

Na seção 2.3 começamos uma longa análise sobre a possibilidade de uso do evidencial reportado em sentenças com todas as marcas de modo descritas por Storto (2002). Começamos por mostrar dados desse evidencial com os morfemas de modo declarativo e assertivo, já amplamente documentados em outros trabalhos e narrativas, para depois entrar nos modos deôntico, citativo, condicional e imperativo, ambientes onde o uso do evidencial reportado

nunca havia sido testado. Ao testar o evidencial reportado em conjunto com o modo imperativo, atestamos a ocorrência do fenômeno *imperative by proxy*, fenômeno nunca antes atestado em nenhuma língua da família Tupi e que, segundo Aikhenvald (2010), no Brasil, é inerente às línguas Tukano e aparece na língua Aruak Tariana, por meio de uma reinterpretação e de um empréstimo que foi ocasionado pelo contato. Um outro nicho de pesquisa se abre aqui, pois agora, poderemos procurar por esse fenômeno em outras línguas da família Tupi, já que fica difícil pensarmos em contato devido à distância entre os Karitiana e os falantes das línguas Tukano. A resposta para essa pergunta pode, inclusive, colocar em cheque a possibilidade apontada pela linguista.

Na seção 2.4 foi a vez de tratarmos a ocorrência do evidencial reportado com alguns morfemas de aspecto. Isso é importante, pois irá mostrar um comportamento diferente entre ‘*saryt*’ e ‘*ta’ã*’, os dois morfemas considerados evidenciais na língua. Pudemos ver na seção que, com base nos exemplos que recolhemos, não há problemas em utilizar um evidencial reportado em sentenças com as mais diversas marcas aspectuais. Os clíticos e morfemas aspectuais apresentados por Storto (2002), só não constatamos a coocorrência do evidencial reportado *saryt* com o sufixo de aspecto dubitativo – ‘*oom*’. Os testes dessa coocorrência também podem apontar para um campo interessante de análise porque esse sufixo possui, aparentemente, características epistêmicas e isso aponta inclusive para uma utilização evidencial já que parece haver uma sobreposição entre o que é evidencial e o que é modal epistêmico quando entramos no campo da inferência. Faller (2002) considera a inferência como um subgrupo pertencente aos evidenciais e aos modais epistêmicos.

Em 2.5 vimos o evidencial reportado em orações interrogativas. Nessa curta seção, vimos que algumas línguas podem utilizar de mecanismos refinados quando montam perguntas em conjunto com evidenciais, diferentemente do que ocorreu na seção do evidencial reportado e modo, onde a construção do evidencial reportado com o imperativo nos apresentou um novo fenômeno, não houve nenhum fenômeno diferente da marcação da fonte de informação nessa construção.

Na seção que tratou de evidencial reportado em orações subordinadas conseguimos dados importantes para as análises das seções que seguiram. Mostramos nessa seção a possibilidade de uso dos evidenciais em dois dos três tipos de oração subordinada exemplificados por Storto (2012), orações subordinadas adverbiais, orações subordinadas completivas e orações subordinadas relativas. Pelos dados que tivemos, pudemos concluir aque

o evidencial reportado ‘*saryt*’ pode ser utilizado apenas em orações subordinadas completivas e orações subordinadas adverbiais.

Na seção 2.7 pudemos trabalhar com alguns parâmetros que Schenner (2008) considera importantes em análises preliminares, pois o estudo desses parâmetros pode possibilitar mais estudos que relacionem os sistemas evidenciais das línguas. Dos quatro parâmetros mostrados no texto (*truth-conditionality*, *embedability*, *shiftability* e *evidential concord*), pudemos observar e discutir com dados consistentes os três últimos. Disso, concluímos que o evidencial reportado em Karitiana pode ser utilizado em orações encaixadas (como já havíamos concluído na seção anterior), ele pode sofrer mudança de perspectiva dependendo do contexto no qual ele se apresenta e também pode aparecer em *evidential concord* com as duas leituras, cumulativa e de concordância, de acordo com o contexto em que ele aparece.

CAPÍTULO 3 – TA'Ā

3.1 Introdução

Nesse capítulo iremos estudar o morfema *'ta'ã'*. O Objetivo desse capítulo é mostrar que mesmo que esse morfema compartilhe todo um sistema de distribuição com o evidencial reportado *'saryt'*, não poderemos chama-lo de um evidencial segundo o modelo teórico que adotamos (Aikhenvald, 2004), porque a evidencialidade não parece ser o sentido principal desse morfema. Em nossa análise, defenderemos que esse morfema traz uma contribuição temporal para a sentença em todas as suas utilizações enquanto em alguns contextos, parece não expressar nenhum sentido de evidencialidade. Assim, classificá-lo-emos não como um evidencial, mas um morfema que expressa evidencialidade através do que Aikhenvald (2004) chama de uso ou estratégia evidencial, da mesma forma como vimos no primeiro capítulo que ocorre com o morfema de modo declarativo *ta(ka)-* em contexto de concordância de terceira pessoa. Para tal, iremos começar o capítulo analisando o morfema como é feito em toda a literatura, em usos que foram checados e são felizes para evidência direta visual. Iremos mostrar que esse morfema, como o evidencial reportado, também pode ser utilizado nos diversos modos da língua, com negação e em orações subordinadas, mas tem uma certa incompatibilidade com algumas construções aspectuais. Por fim, mostraremos dados em que *'ta'ã'* não apresenta nenhuma leitura evidencial e em quais pontos ele diverge do evidencial reportado a ponto de pensarmos nele fora do sistema evidencial da língua, tornando assim o a língua Karitiana em uma língua com um sistema evidencial que pode ser classificado como A3 segundo o sistema de Aikhenvald (2004). Como exemplos de outras línguas que possuem esse tipo de sistema aqui no Brasil temos o Gavião (Tupi, Brasil) (Aikhenvald, 2004) cf. Rodrigues (1999), Baniwa (Aruak, Brasil, Venezuela e Colômbia) (Aikhenvald, 2004) e o Guaraní Paraguaio (Aikhenvald, 2004) (cf. Guasch (1956) e Krivoshein & Canese, 1983). Inclusive, em Aikhenvald (2004) o Karitiana já aparece como pertencente a esse grupo, mesmo que de forma equivocada, já que Rodrigues (1999) apenas menciona que a marca de evidencial reportado também é relatada na língua Karitiana, mas sem exemplos e sem falar em outras marcações que expressam evidencialidade na língua.

A primeira seção desse capítulo irá apresentar esse morfema e mostrar os contextos mais comuns em que ele é admitido. Na sequência, iremos testar a coocorrência dele com várias outras categorias, nas seções subsequentes, como fizemos com o evidencial reportado para

depois, no final do capítulo, mostrar alguns dos pontos em que parece haver uma divergência no comportamento que indica qual é o sentido principal que esse morfema traz para a sentença.

3.2 Ta'ã

Como vimos, anteriormente, até o momento esse morfema vem sendo tratado como um evidencial direto visual, ou seja, expressa que o falante teve evidência direta e visual do fato por ele relatado, como nos exemplos abaixo (1) e (2):

(1)	Taso	nakam'at	ta'ãt	gooj
	taso	Ø-naka-m-'a-t	ta'ã-t	gooj
	homem	3- decl.-caus.-fazer-nfut	ev.vis.-nfut.	canoa
	<p>O homem fez a canoa. [eu vi]</p> <p>Contexto: O falante foi a casa do homem e viu ele fazendo uma canoa. Depois, ao falar com outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>			

(2)	Taso	naka'y	ta'ãt	opok ako sypi
	taso	Ø-naka-'y	ta'ã-t	opok ako sypi
	homem	3-decl.comer	ev.vis.-nfut.	ovo de galinha
	<p>O homem comeu o ovo. [eu vi]</p> <p>Contexto: O falante foi a casa do homem e viu que ele estava comendo o ovo.</p> <p>Depois, ao falar com outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>			

Pensando na classificação feita por Willett (1988), podemos verificar que o evidencial direto e visual é apenas um dos tipos de evidência direta. Ainda há línguas que codificam evidências adquiridas pelos outros sentidos (audição, olfato, tato ou paladar), geralmente com um evidencial que os codifica ou ainda, um evidencial específico para um deles (Aikhenvald, 2004). Como exemplos disso, temos o Shipibo-Konibo (Pano; Perú) com um evidencial que codifica todas as evidências diretas além (3) (Valenzuela, 2003) e o Retuarã (Tukano; Colômbia) com um evidencial específico para evidência auditiva (4), (Aikhenvald, 2004) (cf. Strom, 1992).

(3)	shee	arákanai	yapa
	shee	a-rá-kan-ai	yapa
	onom: fritando	fazer-ev.dir.-pl.-inc	peixe
	O peixe está sendo frito. [Eu sinto o cheiro e escuto o peixe fritando, mas não o vejo ³³]		

(4)	petarā	pōʔibāhāre	ībākoyu
	peta-rā	pōʔibāhā-re	ībā-ko-yu
	rio abaixo-loc.	peessoas-term.	ser-ev.au.-pres.
	Há pessoas rio abaixo. [Eu posso ouvi-los conversando ³⁴]		

Levando isso em consideração, vejamos mais uma vez o sistema de classificação dos evidenciais de Willett (1988):

Temos um sistema evidencial no Karitiana com dois evidenciais, um que codifica qualquer tipo de evidência indireta e reportada (*saryt*) e um que, aparentemente, codifica apenas evidências diretas visuais (*ta'ã*). Ao observarmos os sistemas evidenciais atestados nas línguas do mundo por Aikhenvald (2004) com dois valores evidenciais, temos os seguintes resultados:

³³ Tradução da glosa de evidencial dada pela autora.

³⁴ Tradução da glosa de evidencial dada pela autora.

A1: Evidência em primeira-mão e Não primeira-mão (com um evidencial que codifica qualquer experiência direta e um evidencial que codifica qualquer evidência indireta), ex: Cherokee (Iroquesa; EUA) (5), (6), (7), (8), (9), (10) e (11).³⁵

A2: Não primeira-mão vs. todo o resto (com um evidencial que codifica qualquer experiência não visual) ex: Turco (Altaica, Turquia e Chipre) (12), (13) e (14).³⁶

A3: Reportada vs. todo o resto (com um evidencial que codifica qualquer experiência reportada) ex: Dâw (Nadahup, Brasil) (15) e (16).³⁷

A4: Evidência sensorial e Reportada (com um evidencial que codifica qualquer experiência direta e outro evidencial que codifica experiências reportadas), ex: Ngiyambaa (Pama-Nyungan; Austrália) (17), (18), (19), (20), (21) e (22).³⁸

A5: Evidência auditiva vs. todo o resto (com um evidencial que codifica evidência auditiva), ex: Yuchi (Isolada, EUA) (23) e (24).³⁹

(5)	wesa	utlisΛʔi
	wesa	u-tlis-Λʔi
	gato	3-correr-ev.dir.pass.
	Um gato correu. [Eu vi ele correndo]	

(6)	unatiyohlΛʔi	
	um-atiyohl-Λʔi	
	3pl.-discutir-ev.dir.pass.	
	Eles discutiram. [Eu os ouvi discutindo]	

(7)	uhyΛdla	unolΛnΛʔi
	uhyΛdla	u-nolΛn-Λʔi
	frio	3-soprar- ev.dir.pass.
	Um ventre frio soprou. [Eu senti o vento]	

³⁵ Dados de Aikhenvald (2004) cf. Pulte (1985)

³⁶ Dados de Aikhenvald (2004) cf. Johanson (2003)

³⁷ Dados de Martins (1994)

³⁸ Dados de Aikhenvald (2004) cf. Donaldson (1980)

³⁹ Dados de Aikhenvald (2004) cf. Linn (2000) e Mithun (1999)

(8)	uyo	gesΛʔi
	uyo	ges-Λʔi
	estragado	estar-ev.dir.pass.
	Isso está estragado. [Eu posso sentir o cheiro]	

(9)	uwoniseʔi	
	u-wonis-eʔi	
	3-falar-ev.ind.pass	
	Ele falou. [Alguém me disse]	

(10)	ugahnaneʔi	
	u-gahnan-eʔi	
	3-chover-ev.ind.pass	
	Choveu. [Eu acordei, olhei para fora e vi poças d'água]	

(11)	gusoʔi	uwoniseʔi
	guso-ʔi	u-wonis-eʔi
	Muskogee-em	3-discursar-ev.ind.pass
	Ela discursou em Muskogee. [Eu sei que ela planejou discursar no domingo, Hoje é segunda e eu assumo que ela discursou como planejado]	

Turco:

(12)	bakan	hastaymiş
	bakan	hasta-ymış
	ministro	doente-ev.npm.cop.
	Dizem que o ministro está doente. [dito por alguém que informado sobre a doença]	

(13)	uyumuşum
	uyu-muş-um
	dormir-ev.npm.pass.-1
	Eu, obviamente, dormi. [dito por alguém que acabou de acordar]

(14)	iyi	çaliyormuş
	iyi	çal-iyor-muş
	bom	jogar-intr.asp.-ev.npm.cop.
	Ela está, como ouço, jogando bem. [dito por alguém ao ouvi-la jogar]	

Dâw

(15)	‘abug	Kãánh	wâ’mâr
	‘aa-bug	kãánh	wâ’-mâr
	Daí	kãánh	escutar-ev.rep.
	Kãánh está escutando [dizem]		

(16)	‘wâyarĩr	mâr
	‘wâyar-ĩr	mâr
	mentira-encl.	ev.rep.
	É mentira [dizem].	

Ngiyambaa

(17)	ŋindugara	girambiyi
	ŋindu-gara	girambiyi
	2+nom.-ev.dir.	doente+pass.
	Você estava doente. [Qualquer um poderia ver isso]	

(18)	gabuga:garalu	ɲamumiyi
	gabuga:-gara-lu	ɲamumiyi
	ovo-ev.dir.-3erg.	derrubar+pass.
	Um ovo foi derrubado. [pelo som disso]	

(19)	dhagungirgara	ɲina	dhinga:	gaɾa
	dhagun-gir-gara	ɲina	dhinga:	ga-ɾa
	terra-com sujeira-ev.dir.	isso+abs.	carne+abs.	ser-pres.
	Essa carne tem gosto desagradável com terra. [Eu a provei]			

- (20) wara:ygaradhuna bungiyamiyi dhinga:dhi
- wara:y-gara-dhu-na bungiyamiyi dhinga:-dhi
- mau+abs.-ev.dir.-1nom.-3abs. mudar com fogo+pass. carne+abs.-1obl.
- Eu queimei minha carne, então ela não está boa. [a julgar pelo cheiro dela]

(21)	yura:badgara	ɲidji	guɾuganha	ɲamaɾabaɾadhuna
	yura:bad-gara	ɲidji	guɾuga-nha	ɲama-ɾa-baɾa-dhu-na
	coelho+abs-ev.dir.	aqui+circ.	estar dentro-pres.	sentir-pres.-assert.-1nom.-3abs.
	O coelho está aqui [eu posso tocá-lo], eu o senti com certeza.			

(22)	bura:ydjalu	ga:yaga
	bura:y-dja-lu	ga:-y-aga
	criança+abs.-ev.rep.-3abs	trazer-conj.m.-irr.
	Ela vai trazer a criança. [é dito]	

(23)	‘ahe	‘igōke
	‘ahe	‘i-gō-ke
	aqui	3(yuchi)-vir-ev.au.

	Eles estão vindo. [eu os escuto]
--	----------------------------------

(24)	‘yaphohe	s’enō
	‘yapho-he	s’e-nō
	floresta-loc.	3sg.(yuchi)-estar localizado
	Ele está lá fora, na floresta.	

Com isso, se o sistema evidencial do Karitiana (um sistema que marca evidência visual e reportada) se apresentar realmente dessa maneira, será um sistema inédito na literatura. O sistema mais próximo a ele, seria o A4 (evidência sensorial e evidência reportada), mas antes de concluir a classificação do sistema evidencial do Karitiana, precisamos fazer testes para verificar se ‘*ta’ã*’ é realmente somente um evidencial direto visual.

Nos testes que fizemos, indicamos outros possíveis contextos de evidência direta (outros sentidos) para verificar se ‘*ta’ã*’ pode codificar também essas evidências como o ‘*saryt*’ codificou todos os tipos de evidência reportada. Começaremos por um contexto que teste evidência auditiva (25):

(25)	Pedro	naoky	ta’āt	pikom
	pedro	Ø-na-oky	ta’ã-t	pikom
	pedro	3-decl.-matar	ev.?-nfut.	macaco
	Pedro matou o macaco. Contexto: José (cego) foi à mata com seu amigo Pedro. Na mata, Pedro falou para ele ficar quieto pois iria matar um macaco. José ouve um tiro e o barulho do macaco cair no chão. Em outro momento, ao perguntarem para José o que houve, ele pode utilizar a sentença acima.			

Em (25), podemos ver que mesmo o falante estando privado do uso da visão, ele ainda pode utilizar ‘*ta’ã*’. Dessa forma, já podemos pensar que ‘*ta’ã*’ não está marcando evidência visual, pois o falante não teve acesso a ela. Vejamos outros exemplos de contextos não visuais onde o falante utiliza ‘*ta’ã*’ (26) e (27):

(26)	Pyryry	ta'an	e
	Ø-pyr-yry	ta'ã-n	e
	3-assert.-chegar	ev.?-nfut.	chuva
	<p>Choveu.</p> <p>Contexto: José (cego) estava fora de casa e sentiu a chuva molhá-lo. Ao voltar para casa e encontrar outra pessoa que o pergunta por que está molhado, José pode utilizar a sentença acima.</p>		

(27)	Endywa	nakaãja	ta'ât	him
	endywa	Ø-naka-ãja	ta'ã-t	him
	gostoso	3-decl.-estar	ev.?-nfut.	caça
	<p>A carne estava gostosa.</p> <p>Contexto: José (cego) foi à casa de um amigo. Ao chegar lá, o amigo dele deu carne para ele comer. Em outro momento, ao lembrar do gosto da carne, José pode utilizar a sentença acima.</p>			

Pelos exemplos acima, o falante também não teve acesso à evidência visual, mas o morfema 'ta'ã' continua podendo ser utilizado. Com isso, o que podemos pensar em duas coisas: o morfema 'ta'ã' pode ser utilizado para marcação de outras fontes de informação diretas, ou ele não está marcando evidencialidade nesses contextos e marca outra coisa. Para chegar a uma conclusão um pouco mais embasada nos dados, vamos deixar a resposta para essa questão em aberto no momento para verificar o comportamento desse morfema em conjunto com outras categorias da língua, isso pode nos dar pistas do seu comportamento em comparação com o outro evidencial da língua, (*saryt*) e também, nos ajudar na decisão.

Com isso, podemos concluir essa seção apontando que devemos observar melhor o comportamento de 'ta'ã', já que ele nos indica de início que não possui o comportamento esperado para um evidencial visual. Esse morfema parece, em alguns contextos, não estar relacionado com a evidência visual. Vejamos se possui a mesma distribuição do evidencial reportado.

3.3 Ta'ã e negação

Nessa seção verificaremos a coocorrência do morfema 'ta'ã' com a negação sentencial 'saryt'. Com isso, poderemos testar se esse morfema possui um comportamento semelhante ao outro morfema evidencial da língua ou se mais diferenças irão surgir. Para esse trabalho só realizamos testes entre 'ta'ã' e a negação sentencial 'padni'. Não fizemos testes utilizando o morfema de negação privativa '-ki'.

Quando negamos uma sentença que possui 'ta'ã', temos os seguintes resultados (28) e (29):

(28)	Taso	im'a	ta'ã	padni	gooj
	taso	i-m-'a	ta'ã	padni	gooj
	homem	3-caus.-fazer	ev.?	neg.	canoa
	<p>O homem não fez a canoa.</p> <p>Contexto: O falante foi à casa do homem e viu que ele não fez a canoa. Depois, ao falar com outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>				

(29)	i'y	ta'ã	padni	pikom	João
	i-'y	ta'ã	padni	pikom	joão
	3-comer	ev.?	neg.	macaco	joão
	<p>João não comeu o macaco.</p> <p>Contexto: O falante foi à casa do João e viu que lá tinha macaco para comer, mas não comeu. Depois, ao falar com outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>				

Seguindo Storto (2002), vimos que a negação sentencial 'padni' frequentemente cai e nesses casos, uma vogal epentética aparece e pode servir para indicar a negação (30) e (31).

(30)	Atykiri	kyon	oko	saryty	Byjyty	tapa'in
	atykiri	kyon	oko	saryt-y	Byjyty	Ø-ta-pa'in
	Então	chamar	iter.	ev.rep.-v	Byjyty	3-anaf-irmã
	'Aí Byjyty não a chamou mais de sua irmã.' [disseram]					

(31)	Isondypy	saryt	[ihadna	tim'a	opoko]ty
	i-sondyp-y	saryt- Ø	i-hadna	ti-m-'a	opoko-ty
	3-saber-v	ev.rep.-nfut.	[3-dizer	CFO-caus.-fazer	inimigo]-obl.
	'Ele não sabe o que foi dito pelo inimigo'. [disseram]				

Nos casos em que utilizamos 'ta'ã', os falantes não aceitaram sentenças com a vogal epentética no verbo ou no 'ta'ã' mesmo quando o verbo termina em consoante, como em (32) e (33), eles preferem manter o uso do padni.

(32)	jỹnso'oot	ta'ã	padni	pikomty	João	haka	ikokotop
	Ø-jỹn-so'oot	ta'ã	padni	pikom-ty	joão	haka	i-kokotop
	3-cond.-ver	ev.?	neg.	macaco-obl.	joão	aqui	3-passar
	<p>João não veria o macaco se ele passasse por aqui.</p> <p>Contexto: Um grupo de pessoas foi caçar na mata. O grupo se dividiu e falante ficou com João. O falante pode utilizar a sentença acima, depois, para falar que mesmo que o macaco passasse pelo local, João não o veria por estar distraído.</p>						

(33)	Ipykōrogng	ta'ã	padni	João	tapykynỹn
	I-pykōrogng	ta'ã	padni	joão	tapykynỹn
	3-poder	ev.?	neg.	joão	3anaf.-correr
	<p>João não pode correr.</p> <p>Contexto: João se machucou e está em recuperação. O médico falou para o falante que João não pode correr. Depois, ao passar essa informação para outras pessoas, o falante pode falar dessa forma.</p>				

Com esses dados, pudemos ver que o morfema 'ta'ã' pode coocorrer com a negação normalmente. A única diferença em relação ao evidencial reportado da língua fica por conta da preferência dos falantes em não utilizar a vogal epentética para elidir a negação sentencial. Isso pode ser explicado pelo fato de 'ta'ã' terminar em vogal e não necessitar dessa vogal epentética para evitar um encontro consonantal entre seu último segmento e a consoante inicial da negação e por isso o condicionamento fonológico não se aplica. Outro ponto que chama a atenção, é o fato do morfema 'ta'ã' ser utilizado em orações condicionais. Iremos observar isso com mais atenção, ao observar a interação desse morfema com os morfemas de modo na próxima seção.

3.4 Ta'ã e modo

Nessa seção iremos tratar a interação de 'ta'ã' com os diversos morfemas de modo da língua. Como ocorreu com o evidencial reportado, temos muito poucos dados que mostram 'ta'ã' sendo utilizado em sentenças com os diversos modos da língua. Iremos começar observando a ocorrência do morfema em sentenças marcadas pelo modo declarativo e depois assertivo, os modos de maior ocorrência na língua e também com maior número de dados. Depois vamos para os modos menos frequentes em nosso corpus em conjunto com o morfema: deôntico, condicional e por fim, citativo. Com o modo imperativo, o morfema nunca é aceito, o que é esperado inclusive, para evidenciais.

3.4.1 Modo declarativo e ta'ã

Como já pudemos ver em exemplos anteriores, 'ta'ã' pode ser utilizado em conjunto com os morfemas de modo declarativo (34) e (35)⁴⁰:

(34)	Nakahadn	ta'āt	ynty	y'it
	Ø-naka-hadn	ta'ã-t	yn-ty	y-'it
	3-decl.-dizer	ev.?-nfut.	1s-obl.	1s-pai
	O meu pai dizia para mim.			

(35)	Gop	sõwõra	ytaoky	'it	ta'āt	yn
	Gop	sõwõra	ytaoky	'it	ta'ã-t	yn
	vespa	vermelha	y-ta-oky	pai	ev.?-nfut.	1s
	As vespas me fizeram desmaiar.					

⁴⁰ O verbo do exemplo pode ser 'oky'it' (abandar) e esse dado deve ser checado novamente com os falantes.

Os exemplos acima, foram retirados da narrativa *Osiipo*. Neles, podemos verificar o morfema ‘*ta’ã*’ sendo utilizado em uma narrativa ritual. O aparecimento dessa marca de forma constante e uniforme por toda essa narrativa, é um ponto forte na afirmação de ‘*ta’ã*’ com um uso evidencial já que permeia uma narrativa de uma experiência pessoal em primeira mão, como é esperado para um evidencial nesse contexto. Vamos verificar esse morfema em outros contextos.

3.4.2 Modo assertivo e *ta’ã*

Como um dos modos mais utilizados, já vimos aqui também exemplos de uso do morfema ‘*ta’ã*’ em conjunto com o modo assertivo. Vejamos aqui, mais alguns exemplos (36) e (37):

(36)	Pyry’a	ta’ãn	y’it	keerep
	Ø-pyry-‘a	ta’ã-n	y-‘it	keerep
	3-assert.-fazer	ev.?-nfut.	1s-pai	antigamente
	Assim fez meu pai antigamente.			

(37)	Pyroky	ta’ãn	pikom
	Ø-pyr-oky	ta’ã-n	pikom
	3-assert.-matar	ev.?-nfut.	macaco
	João matou o macaco. Contexto: Alguém te pergunta se você viu João matar o macaco e você realmente viu isso acontecer, como responder a essa pergunta em Karitiana?		

Aqui, podemos verificar o morfema ‘*ta’ã*’ sendo utilizado na abertura de uma narrativa (36) e também em uma resposta (37). É importante apontar que novamente há o uso de ‘*ta’ã*’

junto com uma narrativa de experiência pessoal. No segundo exemplo (37), temos uma resposta relacionada a algo que aconteceu em um momento no passado.

3.4.3 Modo deôntico e ta'ã

O modo deôntico é o modo que indica dever, Storto (2002). Como falamos no capítulo anterior, não conseguimos fazer contextos para a produção espontânea desse modo. Como falamos no capítulo um, tivemos que explicar para o falante os contextos e perguntar se as sentenças seriam bem aceitas. As respostas foram as seguintes (38) e (39).

(38)	Pynpyt'y	ta'ã-t
	pyn-pyt'y	ta'ã-t
	deon.-comer-	ev.?-nfut.
	Ele tem que comer. [tempo] Contexto: João está doente e o médico falou que ele deve comer para o falante. Para falar isso para outra pessoa, ele pode usar a sentença acima.	

(39)	Pynpyroty	ta'ã-t
	pyn-pyr-oty	ta'ã-t
	deon.-assert.?-banhar	ev.?-nfut.
	Ele tem que tomar banho. [tempo] Contexto: Alguém disse ao falante que a criança precisa tomar banho. Ao falar essa informação para outra pessoa, o falante pode falar a sentença acima.	

Pelos exemplos, pudemos ver que 'ta'ã' pode coocorrer em sentenças com modo deôntico. Além disso, o interessante nesse momento é observar os contextos. Ao realizar os testes com os falantes, em contextos de evidência reportada, pode aparecer o 'ta'ã', que seria um evidencial visual. Ao questionar os falantes, eles disseram que a sentença está ok desde que o fato tenha ocorrido no passado. Depois da sentença, os falantes utilizavam as expressões 'há

tempos’ ou ‘faz tempo’. Aikhenvald (2004) fala que os evidenciais podem ser seguidos de reforços lexicais que providenciam pistas semânticas para a determinação do sentido principal deles. Nesse caso, temos um morfema que possui uma distribuição parecida com a de outro evidencial da língua, mas com um reforço lexical que nos faz pensar em tempo, passado. Isso é algo crucial para a nossa análise e irá nos ajudar na determinação de ‘*ta’ã*’ futuramente.

3.4.4 Modo condicional e *ta’ã*

Continuando com a observação, vamos ver agora a coocorrência de ‘*ta’ã*’ com o morfema de modo condicional. Como já vimos na seção de negação, ambos os morfemas podem aparecer em uma mesma oração (40) e (41):

(40)	João	ĩynpykynñn	ta’āt	ombakyty	gopip	ta’akip
	joão	Ø-ĩyn-pykynñn	ta’ã-t	ombaky- ty	gopip	ta-‘akip
	joão	3-cond.-correr	ev.?-nfut	onça-obl.	mata	3anaf-estar
	<p>João correria da onça se ela estiver na mata. [tempo]</p> <p>Contexto: Um grupo de pessoas foram caçar na mata. O grupo se dividiu e a pessoa que estava com João falou que ele correria que a onça estivesse na mata. Ao falar essa informação para outra pessoa, o falante poderia usar a sentença acima.</p>					

(41)	João	j̃ynso'oot	ta'ãt	pikomty	haka	ikokotop
	joão	Ø-j̃yn-so'oot	ta'ã-t	pikom-ty	haka	i-kokotop
	joão	3-cond.-ver	ev.?-nfut	macaco-obl.	aqui	3-passar
	João veria o macaco se ele passasse por aqui. [tempo] Contexto: Um grupo de pessoas estavam procurando um macaco que fugiu pela mata. Uma pessoa fala ao falante, que se o macaco passasse onde João ficou de guarda, ele o teria visto. Ao falar essa sentença para outra pessoa, o falante poderia utilizar a sentença acima.					

Nos exemplos acima, podemos verificar que *'ta'ã'* coocorre com o modo condicional e pode aparecer nos mesmos contextos utilizados para testar evidência reportada. O único requisito a ser cumprido é o fato do *'ta'ã'* ser utilizado quando a sentença está marcando algo ocorrido no passado. Em alguns casos, os falantes utilizavam, inclusive, para marcar que o evento deve ter ocorrido no passado, o advérbio *'keerep'* (antigamente). Isso nos dá mais pistas sobre o funcionamento do morfema na língua. Algo que chama a atenção nos exemplos é a incompatibilidade semântica entre marcar evidência direta e visual em contextos de possibilidade. Como esses contextos não ocorreram, o falante não deveria marca-los como algo visto. Esse poderia ser um fator que indicaria que ao menos nesse contexto, *'ta'ã'* não estaria marcando evidencialidade. Seguiremos observando os morfemas de modos para, no final, concluir com as pistas que temos, como classificaremos *'ta'ã'*.

3.4.5 Modo citativo e ta'ã

O último dos modos que trataremos será o modo citativo. Como dito no início da seção, *'ta'ã'* não pode coocorrer com o modo imperativo. Isso é algo já bem aceito na literatura e, até o momento, somente foram registrados casos do evidencial reportado em comandos, (Aikhenvald, 2010). O modo citativo indica citações e é marcado pelo prefixo *'iri-'*, como

vimos no capítulo anterior e em Storto (2002). Uma peculiaridade importante do modo citativo se deve ao fato dele somente poder ser utilizado no tempo futuro (42) e (43).

(42)	Tasoojo	tatat	irikārāj	Botyĩ
	ta-soojo	tat-a-t	iri-kārā-j	botyĩ
	3anaf.-mulher	ir-v.-obl.	cit.-pensar-fut.	botyĩ
	Botyĩ pensou que sua mulher o deixou.			

(43)	*Tasoojo	tatat	irikārāt	Botyĩ
	ta-soojo	tat-a-t	iri-kārā-t	botyĩ
	3anaf.-mulher	ir-v.-obl.	cit.-pensar-nfut.	botyĩ
	*Botyĩ pensou que sua mulher o deixou.			

Storto (2002) assume a hipótese dessa marcação de futuro ser utilizada para marcar que a sentença principal está sempre no futuro em relação à encaixada. O interessante, é que a leitura da sentença marcada com o modo citativo sempre ocorre no passado. Como ‘*ta’ã*’ parece ser aceito somente em contextos em que a sentença está no passado, vejamos o que ocorreu ao adicionar esse morfema às sentenças (44) e (45):

(44)	Ombaky	ataokyt	Ora	iri’aj	ta’āj	Botyĩ
	ombaky	a-ta-oky-t	ora	iri-‘a-j	ta’ā-j	botyĩ
	onça	2-decl.- matar-nfut.	ora	cit.-fazer- fut.	ev.?-fut.	botyĩ
	Botyĩ disse que Ora matou a onça. [tempo] Contexto: narrativa.					

(45)	Ora	him	‘yty	iri’kārāj	ta’āj	Botyĩ
	ora	him	‘y-ty	iri-kārā-j	ta’ā-j	botyĩ
	ora	caça	comer-obl.	cit.-pensar- fut.	ev.?- fut.	botyĩ
	Botyĩ pensou que comeu a caça. [tempo] Contexto: narrativa.					

Novamente, ‘*ta’ã*’ coocorreu com o morfema de modo testado. Dessa vez, vemos que além da coocorrência, ‘*ta’ã*’ aparece com a marca de futuro, algo interessante de ser notado, pois, ao testar essa combinação no modo declarativo, podemos ver que ela não é aceita (46) e (47):

(46)	*Taso	nakam’aj	ta’ãj	gooj
	taso	Ø-naka-m-‘a-j	ta’ã-j	gooj
	homem	3-decl.-caus.-fazer-fut.	ev.?-fut.	canoa
	*O homem vai fazer a canoa.			

(47)	*Taso	naka’yj	ta’ãj	him
	taso	Ø-naka-‘y-j	ta’ã-j	him
	homem	3-decl.-caus.-comer-fut.	ev.?-fut.	caça
	*O homem vai comer a caça.			

Outra coisa a ser notada, é em relação à leitura feita da sentença. A sentença é sempre interpretada no passado pelos falantes. Ao introduzir o ‘*ta’ã*’, ela continua sendo interpretada no passado e isso pode levantar questões sobre o morfema de futuro nessa sentença. Talvez, nesse contexto, ele esteja marcando uma relação de um evento subsequente ao outro, como um morfema de aspecto prospectivo pode fazer (Storto, 2002).

Chegamos agora em um momento em que devemos nos posicionar sobre qual classificação daremos ao ‘*ta’ã*’. Até o momento, pudemos ver que esse morfema apresenta distribuição semelhante ao evidencial reportado da língua, mas ocorreu em contextos em que não parece estar marcando evidência direta e visual. Na próxima seção reuniremos todas as evidências que temos e somaremos algumas novas evidências que nos farão tomar uma decisão.

3.5 Ta'ã, um evidencial?

Nessa seção devemos observar as ocorrências de 'ta'ã' até o momento apresentadas em conjunto com dados que ainda apresentaremos para poder decidir se devemos considerar 'ta'ã' como um evidencial. Vejamos alguns fatores que nos permitem aproximar 'ta'ã' do sistema evidencial da língua:

- **Ele apresenta a mesma posição sintática do evidencial reportado.**

Tanto 'ta'ã' quanto 'saryt' possuem uma posição sintática fixa dentro de uma sentença. Eles somente podem ocorrer após um núcleo verbal ou aspectual. Esse é um comportamento bastante regular na língua, ou seja, sentenças como (48) não são possíveis, o que indicaria que eles possuem a mesma categoria gramatical.

(48)	*Ta'ã	taso	nakam'at	gooj
	ta'ã	taso	Ø-naka-m-'a-t	gooj
	ev.?	homem	3-decl.-caus.-fazer-nfut.	canoa
	*O homem fez a canoa.			

- **Ele é utilizado de forma uniforme em narrativas que trataram experiências pessoais.**

Da mesma forma que vemos em narrativas folclóricas o uso do evidencial reportado de forma consistente, vemos nas duas narrativas pessoal ou ritual do corpus (a saber, Osiipo e Barabadá) a distribuição coerente de marcação com o morfema 'ta'ã' (49) e (50)

(49)	Pyry'a	ta'ãn	y'it	keerep
	pyry-'a	ta'ã-n	y-'it	keerep
	assert.-fazer	ev.?-nfut.	1s-pai	antigamente
	Antigamente, meu pai dizia. (Osiipo)			

(50)	Ytakatat	andyk	ta'ãt	yn	yti	pop	tykiri
	Y-taka-tat	andyk	ta'ã-t	yn	y-ti	pop	tykiri
	1s-decl.-ir	referencial	ev.?-nfut.	1s	1s-mãe	morrer	perf.
	Quando minha mãe morreu, eu fui embora.						

- **Ele é feliz em contextos que marcam evidência direta visual.**

Todos os contextos testados em que o falante está presente e viu o evento ocorrendo, se esse evento ocorreu no passado, a sentença é bem aceita. (1) repetido em (51):

(51)	Taso	nakam'at	ta'ãt	gooj
	taso	Ø-naka-m-'a-t	ta'ã-t	gooj
	homem	3- decl.-caus.-fazer-nfut	ev.vis.-nfut.	canoa
	<p>O homem fez a canoa. [eu vi]</p> <p>Contexto: O falante foi a casa do homem e viu ele fazendo uma canoa. Depois, ao falar com outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>			

Em contrapartida, seguem os pontos que distanciam 'ta'ã' do comportamento de 'saryt' ou de uma análise dele como um evidencial visual:

- **Ele pode ser utilizado em contextos onde a evidência visual não está acessível ao falante, desde que as sentenças estejam no passado.**

Sentenças que claramente não apresentam contexto para uma leitura de evidência visual, podem ocorrer com o morfema (52):

(52)	Pedro	naoky	ta'ãt	pikom
	pedro	Ø-na-oky	ta'ã-t	pikom
	pedro	3-decl.-matar	ev.?-nfut.	macaco
	<p>Pedro matou o macaco.</p> <p>Contexto: José (cego) foi à mata com seu amigo Pedro. Na mata, Pedro falou para ele ficar quieto pois iria matar um macaco. José ouviu um tiro e o barulho do macaco cair no chão. Em outro momento, ao perguntarem para José o que houve, ele pode utilizar a sentença acima.</p>			

- **Diferentemente do comportamento do evidencial reportado, 'ta'ã' só tem leitura de passado.**

O evidencial reportado pode ser flexionado para o futuro e quando está no não-futuro, tem ambas as leituras (presente e passado) (53). 'Ta'ã' só pode ser utilizado no passado, e esse passado ainda não é aceito por todos os falantes como um passado próximo e sim, um passado remoto. Por isso, sentenças com advérbios como ontem, não são aceitas com o morfema (54).

(53)	Taso	nakam'at	saryt	gooj
	taso	Ø-naka-m-'a-t	saryt-Ø	gooj
	homem	3-decl.-caus.- fazer-nfut.	ev.rep.nfut.	canoa
	<p>O homem fez/faz a canoa. [disseram]</p> <p>Contexto: O uma pessoa falou para o falante que o homem faz/fez a canoa. Para falar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>			

(54)	*Taso	nakam'at	ta'ât	gooj	koot
	taso	Ø-naka-m-'a-t	ta'ã-t	gooj	koot
	homem	3-decl.-caus.- fazer-nfut.	ev.?-nfut.	canoa	ontem
	<p>O homem fez a canoa ontem.</p> <p>Contexto: O falante foi à casa do homem ontem e viu que ele fez a canoa. Não foi aceito o uso da sentença acima.</p>				

- **Diferentemente do evidencial reportado, 'ta'ã' não é aceito em sentenças com o aspectual ty+formas supletivas.**

Carvalho (2010) concluiu que *tyka* não possui leitura de passado e isso não impossibilita o uso de '*saryt*' (55), mas tornam agramaticais sentenças onde há coocorrência com '*ta'ã*' (56), (57) e (58).

(55)	Taso	nakam'at	tykat	saryt	gooj
	taso	Ø-naka-m-'a-t	ty-ka-t	saryt-Ø	gooj
	homem	3-decl.-caus.- fazer-nfut.	impfvo- ka-nfut.	ev.rep.nfut.	canoa
	<p>O homem está fazendo a canoa. [disseram]</p> <p>Contexto: O uma pessoa falou para o falante que o homem está fazendo uma canoa naquele momento. Para falar isso para outra pessoa, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>				

(56)	*Taso	nakam'at	tykat	ta'ât	gooj
	taso	Ø-naka-m-'a-t	ty-ka-t	ta'ã-t	gooj
	homem	3-decl.-caus.- fazer-nfut.	impfvo- ka-nfut.	ev.?-nfut.	canoa
	<p>*O homem está fazendo a canoa. [eu vi]</p> <p>Contexto: O falante viu que o homem está fazendo uma canoa naquele momento. Ao ir para outro local e falar isso para outra pessoa a sentença acima não é aceita.</p>				

(57)	*Pyke'on	tyjã	ta'ãn
	py-ke'on	ty-ã	ta'ã-n
	assert.-frio	impfvo-ja	ev.?-nfut.
	Está esfriando. Contexto: O falante saiu para caçar e começou a sentir que o clima estava esfriando. Para falar sobre isso em outro momento a sentença acima não foi aceita.		

(58)	*Pypipop	tyjã	ta'ãn	ti'y
	py-pipop	ty-jã	ta'ã-n	ti'y
	assert.-queimar	impfvo-ja	ev.?-nfut.	comida
	<p>A comida estava queimando.</p> <p>Contexto: O falante foi à casa de um vizinho. Enquanto estava lá, ele sentiu o cheiro da comida queimando. Para falar que a comida estava queimando, ele não pode utilizar a sentença abaixo.</p>			

- **Contextos de coocorrência do evidencial reportado e 'ta'ã' são possíveis. Sempre que isso ocorre, 'saryt' marca evidencialidade e 'ta'ã' marca que o evento ocorreu no passado.**

Na literatura, contextos em que dois evidenciais são utilizados em uma mesma sentença são possíveis, mas nesses casos nunca há a neutralização de algum dos valores evidenciais. Nesses casos, Aikhenvald (2004) mostra que as opções atestadas nas línguas do mundo até o momento são as seguintes:

Marcação de direferentes fontes de informação com escopos diferentes.

Diferentes fontes de informação que se complementam com escopos diferentes.

Diferentes fontes de informação conectadas onde o ev. 1 marca a fonte de ev. 2.

Diferentes fontes de informação onde ev. 1 marca a fonte de informação do personagem e ev. 2 marca a do narrador.

Em Karitiana temos o seguinte (59), (60) e (61):

(59)	Pyry'a	ta'ān	sarytyn	Ora
	pyry-'a	ta'ā-n	saryt-yn	ora
	assert.-fazer	ev.?-nfut.	ev.rep.-nfut.	ora
	[Diz que] antigamente Ora existia. Contexto: narrativa			

(60)	Inácio	nakahit	ta'ā	saryt	livroty	Maria
	inácio	Ø-naka-hit	ta'ā	saryt-Ø	livro-ty	maria
	inácio	3-decl.-dar	ev.?	ev.-nfut.	livro-obl.	maria
	Inácio deu o livro para Maria [disseram]. Contexto: Alguém falou para o falante que faz muito tempo que Inácio deu o livro para Maria. Sob essas circunstâncias, o falante pode utilizar a sentença acima.					

(61)	Pedro	naoky	ta'ā	saryt	ombaky
	pedro	Ø-na-oky	ta'ā	saryt-Ø	ombaky
	pedro	3-decl.-matar	ev.?	ev.-nfut.	onça
	Pedro matou a onça [disseram]. Contexto: Alguém falou para o falante que Pedro havia matado a onça há muito tempo atrás. Com isso, o falante pode utilizar a sentença acima.				

Com base nos dados que temos, podemos verificar que em todos os contextos mostrados, 'ta'ā' pareceu dar uma contribuição temporal para o sentido, em Landin (1982), inclusive, 'ta'ā' é glosado como 'long ago' em referência a sua contribuição temporal em sentenças com o evidencial reportado. Nas orações em que isso não está especificado, essa contribuição também parece válida, pois não temos nenhuma sentença do não-futuro em conjunto com o 'ta'ā' traduzida como presente. Isso nos parece ser o suficiente para concluirmos que esse morfema contribui em todos os contextos que participa com uma contribuição temporal de passado remoto. Remoto porque não aceita construções de passado próximo, como o uso de advérbios de tempo como 'ontem'.

Além dessa contribuição temporal, o morfema ‘ta’ã’ parece em alguns contextos contribuir como marcador de fonte de informação, mas não de evidência visual, pois em alguns contextos, mesmo que o falante não tivesse acesso a isso, poderia utilizar o morfema.

Para tentar solucionar isso, recorreremos a Aikhenvald (2004) e a alguns exemplos de outras línguas. A linguista afirma que em algumas línguas, a experiência pessoal (como a atestada nas narrativas Karitiana) pode ser descrita com um evidencial visual. Em Tariana (Aruak, Brasil) o falante marca sua narrativa pessoal inteiramente com o evidencial visual para passado remoto, como vemos abaixo (62)⁴¹:

(62)	hikuna	nani	nayãna	nukesid	pedalepes	nhuaniripes	Nha
				o	e	e.	
	hiku-na	na-ni	na-yã-na	nu-kesi-do	pedale-pe-se	nhuaniri-pe-se.	Nha
	ser.assim - rem.p.vis .	3pl.-fazer	3pl.-viver-rem.p.vi s.	1sg.-parente -fem.	peessoas.a ntigas-pl.-loc.	1sg.+pai-pl.-loc.	eles
	kayu	nanika	nukana	nuha,	yanapeka	nukana	mêda
	kayu	na-ni-ka	nu-ka-na	nuha,	yanape-ka	nu-ka-na	mêda
	assim	3pl.-fazer-sub.	1sg.-ver-rem.p.vi s.	Eu	ser.criança-sub.	1sg.-ver-rem.p.vis.	inesperado
No original: This is how they lived, my female relative, in the old people’s times, in our fathers’ time. I saw them do it, when I was a child I did see (it)							
Era assim que eles viviam, minhas parentes, no tempo dos antigos, no tempo de nossos pais. Eu vi eles fazerem isso, eu era uma criança e eu vi.							

Em contrapartida a esse uso do evidencial visual, em Kashaya (Hocana, EUA), Aikhenvald afirma haver dois morfemas de experiência pessoal, um para experiência pessoal

⁴¹ Abreviaturas do exemplo: rem.p.vis.= evidencial visual de passado remoto; sub= subordinador

que pode substituir vários evidenciais da língua e outro, um sufixo arcaico utilizado para marcar experiência pessoal no passado remoto. Ambos os morfemas não podem ser considerados evidenciais na língua até mais estudos.

Portanto, vemos que para o comportamento de *'ta'ã'*, se parece muito ao dos morfemas e evidencial apresentados, mas se pensarmos no uso que os falantes estão fazendo no momento há mais o uso temporal do que o uso experiencial, inclusive essa é a contribuição que perpassa todos os exemplos. Pensando nisso, podemos pensar que se esse morfema era antes mais utilizado para experiência pessoal, mas agora está mais esvaziado desse sentido, talvez os falantes da nova geração só estejam o utilizando para marcar a sua contribuição temporal, como uma forma de reanálise do sistema linguístico.

3.6 Conclusão de capítulo

Na literatura que utilizamos Aikhenvald (2004), para classificar um morfema como evidencial, o seu sentido principal deve ser o de fonte de informação. Ao observar *'ta'ã'*, vemos que ele demonstra ter um uso experiencial, mas consideraremos como sentido principal o sentido que se manter em todas as suas contribuições. Então, para a nossa análise, o morfema *'ta'ã'* não pode ser considerado um evidencial porque apresenta em todos os contextos que participa uma contribuição temporal, mas somente em alguns contextos, apresenta uma contribuição de experiência pessoal.

Por esse motivo, consideraremos o sistema evidencial do Karitiana no momento, como um sistema com um único evidencial reportado, *'saryt'*.

Com isso terminamos esse capítulo. Nele pudemos observar as contribuições que o morfema *'ta'ã'* traz para as sentenças. Começamos mostrando contextos já conhecidos da literatura para depois problematizar suas utilizações em conjunto com os diversos modos da língua para confirmar que ele não traz uma mesma contribuição semântica em todos eles. Portanto, ao final do capítulo, podemos concluir que esse morfema não deve ser considerado um evidencial segundo nosso pano de fundo teórico e levantamos a hipótese de que uma reestruturação desse morfema, por parte dos falantes, fez com que eles tenham selecionado apenas uma das contribuições semânticas que esse morfema poderia por ventura exprimir no passado.

CAPÍTULO 4 – CONCLUSÃO E DADOS PARA FUTURAS PESQUISAS

4.1 Conclusão

Agora, finalizamos a dissertação. Vimos nesse pequeno estudo um panorama da nossa análise do sistema evidencial da língua karitiana. Começamos mostrando as noções de evidencialidade mais comuns na literatura linguística. Dentre os diversos panoramas teóricos, decidimos utilizar para fazer nossa análise, os conceitos de Aikhenvald (2004) e de Willett (1988). Mostramos também as classificações dos sistemas evidenciais que esses dois linguistas fizeram como uma forma de abarcar tudo o que ocorre na literatura. Esse capítulo serviu para que para mostrar como as coisas estão estabelecidas no campo da evidencialidade e a profusão de termos e correntes que observamos quando entramos em contato com essa literatura. Muita coisa com que nos deparamos na literatura não pode ser utilizado aqui por conta de fugir do enfoque que pretendíamos nessa dissertação, por isso, nos mantivemos com a literatura básica e fundamental sobre o assunto.

Após apresentar um pouco um pouco da discussão e das definições dos evidenciais, passamos por uma apresentação das classificações dos sistemas evidenciais com as quais mais trabalhamos. Preferimos não colocar algumas outras classificações, pois além de não trabalhar com elas, muitas delas se baseiam no trabalho de Willett (1988) e são modificadas para contemplar um evidencial novo de alguma língua estudada. Como tentamos mostrar no capítulo, talvez isso não seja necessário em alguns casos pois ainda há como trabalhar com a classificação de Willett (1988) se a olharmos de maneira mais flexível.

Para finalizar o capítulo, fizemos uma breve análise utilizando a definição de Aikhenvald (2004) (que foi a definição escolhida por nós para trabalhar em toda a obra) para tentar explicar o porquê de não considerarmos a construção evidencial utilizando o morfema de modo declarativo, como um evidencial da língua.

O segundo capítulo concentrou a maior descrição que fizemos na dissertação porque acreditamos que, até o momento, *saryt* é o único evidencial gramatical em pleno uso na língua e há ainda estratégias evidenciais. Começamos o capítulo mostrando que, seguindo nossa classificação, faz todo o sentido chamarmos esse evidencial de um evidencial reportado já que ele demonstra ser um evidencial utilizado em todas as formas de marcação de evidência indireta visual. Depois disso, mostramos a interação desse evidencial com outras categorias gramaticais

e semânticas. Iniciamos com a coocorrência do evidencial com a negação e vimos que o acréscimo do evidencial à sentença, permitiu que aparecesse na sentença karitiana a dupla negação ou *negative concord*.

Depois, passamos a testar a coocorrência do evidencial com os diversos morfemas de modo da língua. Vimos que há um comportamento estável e que o evidencial reportado pode ocorrer com qualquer um dos morfemas de modo da língua. O ponto principal nessa seção foi atestar um fenômeno linguístico até o momento inédito entre as línguas da família tupi e da região. O fenômeno imperative by proxy já foi atestado por Aikhenvald (2008) em algumas línguas do mundo, sendo duas delas no Brasil (na verdade, uma língua da família Aruak, o Tariana e na língua Tucano, sendo que o fenômeno parece ser recorrente em línguas dessa família), mas em localização completamente distante para justificar um empréstimo. Esse fenômeno pode servir de base para futuros estudos.

Após tratar os diversos modos, vimos a interação de alguns morfemas de aspecto com o evidencial reportado. Aí também não houve motivos para impedir a coocorrência. Vimos também que o evidencial pode ocorrer em perguntas, mas sem nuances semânticas encontradas em outros sistemas evidenciais do mundo. Testamos também o evidencial em sentenças subordinadas da língua. Nesse momento, vimos que o evidencial pode ocorrer em orações subordinadas completivas e adverbias, mas não é bem aceita em orações relativas. Para encerrar o capítulo, checamos parâmetros que Schenner (2008) considera importantes em uma análise descritiva preliminar de um sistema evidencial da língua. Testamos o evidencial na língua para encaixamento, mudança de perspectiva e concordância evidencial. Pudemos verificar que dependendo do verbo da oração principal, pode haver shifting do evidencial reportado.

Provamos que o evidencial reportado pode ser encaixado, pode sofrer mudança de perspectiva e pode passar por *evidential concord*.

O capítulo 3 foi o momento de tratar o morfema considerado evidencial pela literatura *ta'ã*. Começamos com uma análise semelhante com a que fizemos para o evidencial reportado para checar a coocorrência do morfema com outros morfemas da língua. Por fim, chegamos a uma discussão sobre o se deveríamos ou não tratar *ta'ã* como um evidencial e chegamos à conclusão de que isso não deveria acontecer por entendermos que a evidencialidade não é o sentido principal desse morfema. Entendemos como sentido principal a contribuição padrão do morfema e como sempre que esse morfema é utilizado há uma contribuição temporal para a sentença, mas não é sempre que há uma contribuição evidencial (mostramos contextos onde

não parece haver esse tipo de contribuição), entendemos que a contribuição temporal seja o sentido principal do morfema.

Para finalizar, mostramos neste capítulo que ainda há muito a ser investigado sobre o sistema evidencial da língua. Em nosso trabalho de campo, nos deparamos com o que parece ser um evidencial inferencial. Não pudemos confirmar isso por não ter testes precisos no momento para nos ajudar.

Esperamos que esse trabalho tenha cumprido o papel de jogar luz sobre o sistema evidencial e deixado as coisas um pouco mais claras e arrumadas para os estudos futuros. Esse era o principal objetivo que almejávamos alcançar.

4.2 Novas possibilidades de análise

Nesse capítulo iremos observar alguns dados que podem trazer um novo panorama à análise evidencial na língua karitiana para depois fazer um encerramento da dissertação. A ideia que queremos passar aqui é a de que mesmo com toda a análise que fizemos, muito ainda há a ser feito e dados novos podem ir surgindo. Nessa seção falaremos sobre alguns dados que coletamos, mas não tivemos possibilidade de analisar a ponto de poder inserir aqui e dizer com toda a certeza serem uma nova descoberta.

Como havíamos dito anteriormente, acreditamos haver uma sobreposição entre as áreas da evidencialidade e da modalidade epistêmica. Essa sobreposição está justamente na área que trata dos evidenciais inferenciais e modais epistêmicos que expressam falta de certeza. Dito isso, alguns dados na língua deveriam ser analisados para testar a possibilidade de eles pertencerem a essa área de sobreposição.

Em nosso trabalho de campo, nos deparamos com um novo morfema que até o momento, não tínhamos tido conhecimento. Esse morfema foi grafado por nós como ‘*my’any*n’, tem a mesma posição sintática dos evidenciais e é feliz sendo utilizado em contextos de evidência inferencial. Vejamos os exemplos.

(1)	Pyryry	my’any	e
	Ø-pyr-ry	my’any	e
	3-assert.-chegar	ev.?-nfut.	chuva
	Choveu. Contexto: O falante estava dentro de casa, distraído. Quando saiu, viu que tudo estava molhado e com poças d’água pelo chão. Nesse contexto, o falante poderia falar a sentença acima.		

(2)	João	naokyt	my'anyn	ombaky
	joão	Ø-na-oky-t	my'anyn-Ø	ombaky
	joão	3-decl.-matar-nfut.	ev.?-nfut.	onça
	<p>João matou a onça.</p> <p>Contexto: João foi caçar na mata. Algum tempo depois, o falante foi na mesma direção que João tinha tomado e ao entrar na mata, encontra uma onça morta. Nesse contexto, o falante poderia utilizar a sentença acima.</p>			

(3)	Taso	naakat	my'anyn	iapip	barpip
	taso	Ø-na-aka-t	my'anyn-Ø	i-apip	bar-pip
	homem		ev.?-nfut.	3-brigar	bar-em
	<p>O homem brigou no bar.</p> <p>Contexto: O falante chegou no bar e viu sinais de briga. Vendo isso, o falante pode utilizar a sentença acima.</p>				

Esse morfema possui posição pós verbal fixa na sentença:

(4)	*My'anyn	Luiz	naakat	iotam
	my'anyn	luiz	Ø-na-aka-t	i-otam
	ev.?	luiz	3-decl.-cop.-nfut.	3-chegar
	<p>*Luiz chegou.</p> <p>Contexto: O falante chegou em casa e viu as coisas de Luiz. Nesse momento, ele pode utilizar a sentença acima.</p>			

(5)	*Luiz	my'anyn	naakat	iotam
	luiz	my'anyn	Ø-na-aka-t	i-otam
	luiz	ev.?	3-decl.-cop.-nfut.	3-chegar
	<p>*Luiz chegou.</p> <p>Contexto: O falante chegou em casa e viu as coisas de Luiz. Nesse momento, ele pode utilizar a sentença acima.</p>			

(6)	Luiz	naakat	my'anyn	iotam
	luiz	Ø-na-aka-t	my'anyn	i-otam
	luiz	3-decl.-cop.-nfut.	ev.?	3-chegar
	Luiz chegou. Contexto: O falante chegou em casa e viu as coisas de Luiz. Nesse momento, ele pode utilizar a sentença acima.			

Como Aikhenvald (2004) afirma, para definir se um morfema pode ser um evidencial, devemos prestar atenção ao reforço semântico que o falante pode dar ao utilizar a expressão. Os falantes, dão como reforço para essas sentenças 'Eu acho'. Com esse reforço e as sentenças que temos, não tivemos como verificar se esse morfema se trata de um modal epistêmico ou um evidencial e isso ficará para pesquisas posteriores.

ANEXO A – Narrativa

Título: **Botyyĩ, Ora e Tomboto.**

Narrado por: Cizino Moraes Dantas Karitiana

Transcrito por: Luiz Carlos Karitiana

Vivaldo da Silva Karitiana

Traduzido por: Maria de Fátima Karitiana

1. Pyry’a ta’ān sarytyn Ora

Dizem que antigamente Ora

2. Ja ejepi akaokyp ta’a tyki’oot

Estava nessa terra.

3. Tahaj ia tyyt ta’a tyki’oot

Estava com o irmão dele.

4. Ihaj naakat Botyyĩ

O irmão dele é Botyyĩ.

5. Ihaja sooj naakat Tomboto

A mulher do irmão dele é Tomboto.

6. Atykiri naakat tahaja tyyt Ora im’a padni kida hārāj Ora

Então, Ora estava com seu irmão, Ora não fazia coisas boas.

7. Ja ejepi akaokyp ta’a tyki’oot

Ele estava nessa terra.

8. Atykiri naakat tata’oom ōwā ty’akat Ora

Então, Ora transformou-se em criança.

9. Tahaja soojoty tapytĩ’oom tykiri

Ele quer a esposa do irmão dele.

10. Tahaja soojotyit ta'a so'wak tykiri

Ele quer fazer sexo com a esposa do irmão dele.

11. Naka tata'oom sīt Ora

Ora transformou-se em criança pequena.

12. Atykiri nakahadn saryt Ora Botyyj tyt:

Então, dizem que Ora falou com Botyyj:

13. Atykiri ygi'a ŷty yhaj ygi'a ŷry yhaj naka'oom saryt taso wak tykiri Ora

Então eu quero fazer cocô irmão, eu quero fazer cocô irmão, fingiu Ora, dizem que ele estava querendo fazer sexo.

14. Atykiri napyhit ihaj Botyyj i'jatora yketo ōwēn ymygyja dyka yketo ōwēn

Então, o irmão Botyyj deixou: - Leva o meu irmão, querida. Leva meu irmão para fazer cocô, querida.

15. Naka'a saryt tasoojoty Botyyj

Dizem que Botyyj disse para a mulher dele.

16. Atykiri na'atoot saryt Tombot tasendasot kejxa naka'a saryt i'ty na'atoot saryt gopip gopip tata tykiri nakatat saryt taso Ora

Então, Tomboto pegou a criança, a colocou em sua cintura e levou para o mato, lá, Ora virou homem novamente.

17. Ypypiso daki yn asok yhaja sooj

- Eu estou querendo agarrar você, mulher do meu irmão.

18. Yja so'y yjxa ihaja sooj naka'a saryt Tombototy Ora

- Vamos fazer sexo, mulher do meu irmão, disse Ora para Tomboto.

19. Bŷ naka'a saryt Tombot

- Aceito! Dizem que disse Tomboto.

20. Anenga yhaja sooj naka'a saryt Ora

- Deita, mulher do meu irmão, dizem que disse Ora.

21. Atykiri nakanen saryt Tombot

Então, Tomboto deitou.

22. Atykiri nakanen saryt Tombot okyp Ora jokyt ta'a tysypy'oot nakoro'op hã saryt iamangaty

Então, Ora deitou em cima de Tomboto. Quando estava em cima dela, Ora pensou em enterrá-la.

23. Ikoro'op hadn tykiri nakamêp saryt Tombot ejepi iampypypadnoko padni Tombot

Ele estava pensando que Tomboto estava entrando na terra. Tomboto não sabia mais como sair.

24. Tombot iampypypaawyt tykiri napyso saryt Tombot hýt tysok Ora

Não há como tirar mais Tomboto, então Ora pegou no pescoço de Tomboto.

25. Têēj naka'a saryt ihytytyt kyj naka'a saryt ihyto napyso saryt ijogõ sok, kyj napyso ijogõ ota sok napyso ijogõ ota sok kyj ijogõ ota

Tei! Ele puxou o pescoço de Tomboto e quebrou. Pegou o pescoço, pegou o braço e quebrou-o, pegou o outro braço e quebrou-o.

26. Atykiri napyso iyybok sok kyj naka'a saryt tih naka'a saryt iyybok ota sok kyj naka'a saryt a nakasok saryt Tombot jogõ opyyj tasa'ep opyyj ta'o opyyj

Então pegou a coxa e quebrou, pegou a outra coxa dela e quebrou. Aí ele pegou os braços de Tomboto. Dizem que Tomboto ficou sem ambos os braços e sem ambas as pernas.

27. Atykri napybo saryt Ora isaepety i'oty ijogõty

Então, Ora deixou as pernas, os braços e a cabeça de Tomboto largados.

28. Atykiri nakata saryt Botyyj kýt Ora

Então, Ora foi falar com Botyyj.

29. Yhaj yn naamang j̃onso yhaj naka'a saryt tahajaty

- Irmão, eu enterrei sua mulher, irmão. Dizem que ele disse para seu irmão.

30. Hã! Naka'a Botyyj tikit a'a aka jonsoty yket

- Hã! Respondeu Botyyj. – Como tu fez isso com ela meu irmão?

31. Yjso'oot andyk tihori 'iit naka'a saryt Botyyj

Vamos ver aonde é, disse Botyyj.

**32. Nakaho saryt ikỹýt koro'op hỹýwa yhaj naka'a saryt ihonoko isa'ep ioonoko ijogõ
ibonoko i'o**

Ele foi. – Aqui o irmão! Não tinha pernas, coxas, braços ou cabeça.

33. Hã! Naka'a saryt Botyyj tikit aka ko'ajty y'ket naka'a saryt Botyyj

Hã! Falou Botyyj. – Como tu fez isso com ela? Dizem que Botyyj falou.

34. Atykiri napyso saryt tasooj sa'epe sok Botyyj

Então, Botyyj pegou as pernas da mulher dele.

**35. Namamdak okot isa'epo namandak okot isa'ep ota tyymo takysepip
tētētētētētētē naka'a saryt isa'ep nandak tyki'oot Botyyj**

Ele colocou de novo a perna, a outra perna junto com saliva. Tētētētētētētētē. Ele colou as pernas de novo.

**36. Atykiri namandak okot ijogõ namandak okot ijogõ ota abyk napysot i'o sok
namamdak i'o**

Então, Botyyj pegou de novo o braço, pegou o outro braço, depois pegou a cabeça. Colou a cabeça.

37. Atykiri naowyt saryt Tombot naatot Tombot ereby pip i'mat Botyyj

Então, Tomboto sobreviveu e Botyyj levou ela para a rede.

38. Atykiri nakahỹrỹj Botyyj na'owyt saryt Tombot

Então, Botyyj cantou para curar Tomboto.

39. Tombot owytypat

Tomboto se curou.

40. Nakahỹrỹ Botyyĩ owytypyty nakam’at owytypy kahyt na’owyt akat okot Ora ta’amang byyk Tombot

Botyyĩ cantou para Tomboto ficar boa, boa mesmo. Assim Tomboto se curou de novo depois que Ora a tinha enterrado.

41. Kahyt naka’at kahyt keerep Ora

Assim que fez Ora antigamente.

42. Abyyk nakatat Ora se’pip Ora

Depois, Ora foi embora dentro d’água.

43. Ora nakam’at esse Ora kaam’at esse ta’ant timp’a pip tỹm naka’a tyka Ora tahot tatim’a pip tỹm

Ora fez as águas. Ele foi embora dentro das águas. Ele fez as águas para ir embora.

44. Tahot tatimp’a pip tỹm naka’a tyka Botyyĩ pampip nyhorot myhỹ’it nakat keerep Ora aka.

Botyyĩ fez os céus para ir embora. Assim acabou a história de Ora e Botyyĩ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, A. Y. Evidentiality. Oxford: Oxford University Press, 2004. (Oxford Linguistics).
- AIKHENVALD, A. Y. Imperatives and Commands. Oxford: Oxford University Press, 2010. (Oxford Linguistics).
- AIKHENVALD, A. Y. Multilingual imperatives: The elaboration of a category in northwest Amazonia. *International Journal of American Linguistics*. v. 74. n. 2. Chicago: Chicago University Press, 2008.
- ANDERSON, L. B. Evidentials, paths of change, and mental maps: Typologically regular asymmetries. In: CHAFE, W.; NICHOLS J. (Ed.). *Evidentiality: The linguistic coding of epistemology*. (Advances in Discourse Processes, 20). Norwood, NJ: Ablex, 1986.
- BARNES, J. Evidentials in Tuyuca verb. In: *International Journal of American Linguistics*. v. 50. 1984.
- BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. (Typological studies in language, 9). Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- CARVALHO, A. M. O auxiliar Tyka do Karitiana. 2010. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-25082010-144136/pt-br.php>> . Acesso em: 01 ago de 2016.
- CHAFE, W. Evidentiality in English conversation and academic writing. In: _____. *Evidentiality: The linguistic coding of epistemology*. (Advances in Discourse Processes, 20). Norwood, NJ: Ablex, 1986.
- CHAFE, W.; NICHOLS J. (Ed.). *Evidentiality: The linguistic coding of epistemology*. (Advances in Discourse Processes, 20). Norwood, NJ: Ablex, 1986.
- CHELLIAH, SHOBHANA L. *A grammar of Meithei*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- CHUNG, S.; TIMBERLAKE, A. Tense, aspect and mood. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description: Grammatical categories and the lexicon*. v. 3. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1985.
- classificação tipológica’. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

- DE HAAN, F. Evidentiality and epistemic modality: setting boundaries. In: *Southwest Journal of Linguistics*. v. 18. 1999.
- DE VILLIERS, J. et al. Evidentials in Tibetan: Acquisition, semantics, and cognitive development. In S. A. Fitneva & T. Matsui (Ed.), *Evidentiality: A window into language and cognitive development*, (New Directions for Child and Adolescent Development, 125). San Francisco: Jossey-Bass, 2009.
- DONALDSON, T. **Ngiyambaa**: The Language of the Wangaaybuwan. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- FALLER, M. Semantics and Pragmatics of Evidentials in Cuzco Quéchua. 2002. Dissertação (Ph. D.) Stanford University, California.
- FERREIRA, L. F. A expressão do modo em karitiana. 2014. Relatório de Iniciação Científica. São Paulo.
- FERREIRA, L. F. A modalidade em Karitiana. Dissertação de mestrado. no prelo.
- GEURTS, B. AND J. HUITINK. Modal concord. In: DEKKER & ZEIJLSTRA (Eds.). **Concord and the syntax-semantics interface**. Malaga: ESSLLI, 2006. p. 15–20.
- GUASCH, A. El idioma guaraní; gramática de prosa y verso. 3. ed. refundida y acrecentada. Asunción: Casa América-Moreno Hnos, 1956.
- IZVORSKI, R. The present perfect as an epistemic modal. *SALT* 7, 1997. p. 222– 239.
- JACOBSEN Jr., W. H. The heterogeneity of evidentials in Makah. In: CHAFE, W.; NICHOLS J. (Ed.). *Evidentiality: The linguistic coding of epistemology*. (Advances in Discourse Processes, 20). Norwood, NJ: Ablex, 1986.
- JAKOBSON, R. Shifters, verbal categories and the Russian verbs. Cambridge (MA), Harvard University, 1957.
- JOHANSON, L. Evidentiality in Turkic’, **Studies In Evidentiality**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. cap. 12 .p. 273–291, 2003.
- KRATZER, A . Modality In: VON STECHOW AND WUNDERLICH (eds.). **An International Handbook of Contemporary Research** , 639-650 . Berlin: de Gruyter, 1991.
- KRIVOSHEIN DE CANESE, N. Gramática de la lengua guaraní. Asunción: N.Krivoshein de Canese, 1983.
- LABOV, W. 1972. Negative attraction and negative concord in English grammar. *Language*, 48. p. 773–818.

- LANDIN, R. M. Word order variation in Karitiâna. Anápolis GO: Associação Internacional de Linguística; SIL Brasil, 1982. Versão online, 2008.
- LAUGHREN, M. A preliminary description of propositional particles in Warlpiri, In: SWARTZ. **Papers in Warlpiri grammar:** in memory of Lothar Jagst, Work papers of SIL-AAB, series A, vol. 6. Darwin: Summer Institute of Linguistics, 1982. p. 129–163.
- LAZARD, Gilbert. Caractères distinctifs de la langue tadjique. In: Bulletin de la Société de Linguistic de Paris. v. 52. 1957.
- LINN, M. A grammar of Euchee (Yuchi). Ph.D. dissertation. University of Kansas. Kansas: 2000.
- LYONS, J. Semantics II. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1977.
- MARTINS, S. A. ‘Análise da morfosintaxe da língua Dâw (Maku-Kama) e sua
- MATTHEWSON, L.; DAVIS, H.; RULLMAN, H. Evidentials as epistemics modals: Evidence from St’at’imcets. 2007. The Linguistic Variation Yearbook 7.
- MELLO, L. 2007. Variação Semântica: a evidencialidade em Karitiana. XV Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP.
- MELLO, L. 2010. Relatório Final de Iniciação Científica: A Evidencialidade em Karitiana: em estudo semântico. XVI Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP.
- MITHUN, M. The Languages of Native North America. Cambridge: Cambridge
- OSWALT, R. L. The evidential system of Kashaya. In: CHAFE, W.; NICHOLS J. (Ed.). Evidentiality: The linguistic coding of epistemology. (Advances in Discourse Processes, 20). Norwood, NJ: Ablex, 1986.
- PALMER, F. R. Mood and modality. 2. Ed. New York: Cambridge University Press, 2001..
- PALMER, F. R.. Mood and modality. New York: Cambridge University Press, 1986.
- STORTO, L. Algumas categorias funcionais em Karitiana. In: Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas indígenas da ANPOLL. Bélem: EdufPa, 2002.
- STORTO, L & D. DEMOLIN. Pitch Accent in Karitiana. In Cross Linguistic Studies of Tonal Phenomena. S. Kaji (Org.). pg. 329-355. Tokyo: Tokyo University of Foreign Affairs, 2005.
- STORTO, L. & ROCHA, I. Strategies of Valence Change in Karitiana. In *Incremento de Valencia en las Lenguas Amazónicas*. Francesc Queixalos, Stella Telles & Ana Carla Bruno (resps.). p. 51-69. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia & Instituto Caro Y Cuervo, 2014.
- STENZEL, K. S. A reference grammar of Wanano. Ph.D. dissertation. University of Colorado. Boulder: 2004.

PULTE, W. The experienced and nonexperienced past in Cherokee. **International Journal of American Linguistics**, n. 51: 543–4, 1985.

Rodrigues, A.D. Tupí. In: Dixon & Aikhenvald (eds.). **The amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. cap. 4. p. 107-124.

SANCHEZ-MENDES, L. A modificação de grau em Karitiana. 2014. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28052014-122452/pt-br.php>> . Acesso em: 01 ago de 2016.

SCHENNER, M. Semantic complexity of evidentials. In: MILTIADIS KOKKONIDIS (ed.), *Proceedings of LingO 2007*. Oxford: University of Oxford, 2008. p. 204-211.

SCHLENKER, P. A plea for monsters. **Linguistics and Philosophy**, 26, 2003. p. 29– 120.

STORTO, L. Negation Strategies in karitiana. In: *Amazônicas VI*, 2016, Letícia.

STORTO, L. Subordination in Karitiana. In *Amerindia* (Revue d’Ethnolinguistique Amérindienne 35. Paris, 2012. p. 219-237.

STROM, C. Retuara Syntax. Summer Institute of Linguistics and the University of Texas at Arlington. Arlington, 1992.

the category in Panoan. In: Aikhenvald & Dixon (eds.). **Studies In Evidentiality**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. cap. 2. p. 33-62.

University Press, 1999.

VALENZUELA, P. Evidentiality in Shipibo-Konibo, with a comparative overview of

VIVANCO, K. C. Evidencialidade em Karitiana: aspectos morfológicos e sintáticos. 2009. XVII Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP.

WILLETT, T. A cross – linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. In: *Studies of Language*. v. 12, fascículo 1. 1988.